



**Carlos Frederico da Silva Reis**

**Os Tenentes do Diabo:**  
carnaval, lazer e identidades entre os setores médios  
urbanos do Rio de Janeiro (1889-1932)

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura do Departamento de História do Centro de Ciências Sociais da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História.

Orientador: Prof. Leonardo Affonso de Miranda Pereira

Rio de Janeiro  
Dezembro de 2012



**Carlos Frederico da Silva Reis**

**Os Tenentes do Diabo:**  
carnaval, lazer e identidades entre os setores médios  
urbanos do Rio de Janeiro (1889-1932)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em História Social da Cultura do Departamento de História  
do Centro de Ciências Sociais da PUC-Rio como requisito  
parcial para obtenção do grau de Mestre em História.  
Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

**Prof. Leonardo Affonso de Miranda Pereira**

Orientador

Departamento de História – PUC-Rio

**Prof. Antonio Edmilson Martins Rodrigues**

Departamento de História - PUC-Rio

**Prof. Alexandre Lazzari**

Departamento de História - Instituto Multidisciplinar - UFRRJ

**Profª Mônica Herz**

Vice-Decana de Pós-Graduação do Centro de Ciências Sociais  
PUC-Rio

Rio de Janeiro, 12 de dezembro de 2012.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

**Carlos Frederico da Silva Reis**

Graduou-se em História na Universidade Federal Fluminense em 2005.

Ficha Catalográfica

Reis, Carlos Frederico da Silva

Os tenentes do diabo: carnaval, lazer e identidades entre os setores médios urbanos do Rio de Janeiro (1889-1932) / Carlos Frederico da Silva Reis; orientador: Leonardo Affonso de Miranda Pereira – 2012.

135 f. : il. (color.) ; 30 cm

Dissertação (mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, Rio de Janeiro, 2012.  
Inclui bibliografia

1. História – Teses. 2. Associativismo. 3. Classes médias. 4. Carnaval. 5. Rio de Janeiro. I. Pereira, Leonardo Affonso de Miranda. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de História. III. Título.

CDD: 900

## Agradecimentos

Ao meu orientador Professor Leonardo Pereira pela paciência, ajuda, incentivo, orientação e generosidade enquanto a dissertação estava no aquecimento da concentração, se preparando para o desfile dos Tenentes.

À PUC-Rio pelo auxílio e espaço concedidos para o desenvolvimento do trabalho.

Aos meus grandes amigos de jornada, Paloma, Marcelo, Luigi, Leandro, Samantha, Karla, Jefte, Elka, Camila, Alexandre, cada um construiu essa dissertação comigo através de palavras de incentivo, leituras carinhosas, correções generosas, checando uma informação, distraindo as crianças. A todos muito obrigado.

Aos meus pais e meu irmão pelos valores de família compartilhados e pelo apoio que marcou a nossa convivência.

Aos professores que participaram da Comissão Examinadora.

A todos os professores e funcionários do Departamento de História pela sua atenção e ajuda nesse processo todo.

À minha tradutora, Rachel, que compartilha comigo a construção de uma família que só tenho a agradecer por fazer parte dela.

## Resumo

Reis, Carlos Frederico da Silva; Pereira, Leonardo Affonso de Miranda (orientador). **Os Tenentes do Diabo: carnaval, lazer e identidades entre os setores médios urbanos do Rio de Janeiro (1889-1932)**. Rio de Janeiro, 2012. 135 p. Dissertação de Mestrado - Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O objetivo deste trabalho é analisar a trajetória da sociedade carnavalesca “Tenentes do Diabo”, entre os anos de 1889 e 1932. Por se tratar de uma das chamadas Grandes Sociedades Carnavalescas do Rio de Janeiro, que atingiram naquele período grande projeção nos dias de folia, tal associação e seus membros foram muitas vezes compreendidos pela historiografia como parte de um projeto modernizador mais geral que teria se abatido sobre a capital federal a partir da proclamação da República. Afastando-se de tal ideia, esta dissertação procura entender as lógicas e opções específicas que marcaram a trajetória de seus sócios, de modo a perceber a maneira particular pela qual eles dialogaram com os desafios do tempo. O perfil desses sócios, inicialmente ligados a um círculo de comerciantes, se expandiria ao longo deste período, passando a incluir pessoas que atuavam para além do comércio: oficiais de polícia, funcionários de empresas, entre outros casos. O clube se configurava, deste modo, como espaço de expressão de setores médios urbanos ascendentes no período. Pretende-se assim, através da análise de três momentos da trajetória dos Tenentes, compreender como estes grupos se relacionaram com os ideais da ordem republicana que se instaurava.

## Palavras-chave

Associativismo; Classes médias; Carnaval; Rio de Janeiro.

## Abstract

Reis, Carlos Frederico da Silva; Pereira, Leonardo Affonso de Miranda (advisor). **The Devil's Lieutenants: carnival, leisure and identities among the urban middle sectors of Rio de Janeiro (1889-1932)**. Rio de Janeiro, 2012. 135 p. MSc. Dissertation - Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The objective of this paper is to analyze the trajectory of society carnivalesque “Devil’s Lieutenants”, between the years 1889 and 1932. Because it is a so-called Great Societies carnival of Rio de Janeiro, which at that time reached great projection in the days of revelry, this association and its members were often understood by historiography as part of a wider modernization project that would have befallen the federal capital from the proclamation of the Republic. Moving away from this idea, this M.A. thesis seeks to understand the logic and specific options that have marked the course of its partners in order to realize the particular way in which they dialogued with the challenges of the time. The profile of these partners, initially linked to a circle of merchants, would expand throughout this period to include people who worked beyond trade: police officers, employees of companies, among other cases. The club was configured in this way, as a space for expression of rising urban middle sectors in the period. The aim is to, through the analysis of three times the trajectory of Lieutenants, understanding how these groups were related to the ideals of republican order that was established

## Keywords

Associations; Middle classes; Carnival; Rio de Janeiro.

## Sumário

INTRODUÇÃO	8
1. A PRIMAVERA DOS TENENTES	16
1.1. DE EUTERPE A TENENTES DO DIABO	24
1.2. OS TENENTES E SUA LÓGICA	36
1.3. UMA CAUSA POPULAR	47
2. AS NOVAS FORMAS DA FOLIA	54
2.1. OS TENENTES DA REPÚBLICA	57
2.2. TURBULÊNCIAS CARNAVALESCAS: DISSOLUÇÃO E REFUNDAÇÃO	63
2.3. AS NOVAS GLÓRIAS DO CARNAVAL	73
2.4. UM NOVO MODELO DE FINANCIAMENTO	81
2.5. DO PÚBLICO AO PRIVADO: O JOGO	88
3. ENCONTROS DE CARNAVAIS	98
3.1. AS GRANDES SOCIEDADES EM QUESTÃO	101
3.2. INTERSEÇÕES CARNAVALESCAS	109
3.3. A FOLIA EM JULGAMENTO	119
3.4. OS DONOS DA FESTA	123
CONCLUSÃO	128
BIBLIOGRAFIA	134

## INTRODUÇÃO

Às vésperas do carnaval de 1891, os leitores da *Gazeta de Notícias* se deparavam com o seguinte anúncio, publicado na seção para da folha:

### **Tenentes do Diabo**

Domingo e terça-feira de Carnaval

8 e 10 de fevereiro corrente

Dois grandiosos e decisivos combates do Amor, da Folia e das Paixões... com excepcionais e deslumbrantes Bailes à Fantasia.

Prepara-se a Caverna com todas as riquezas de Plutão para receber com toda pompa os ... foliões mais eminentes do século XIX e gigantescas surpresas em homenagem a Deus Momo.

O Secretário

Dr. Parafuso

Aviso – previne-se a todos os sócios que termina quinta – feira a inscrição no mimoso Livro da Folia e que sem o cartão especial de Carnaval ninguém terá ingresso.

Tesoureiro, Dr. Caruru<sup>1</sup>

À primeira vista, trata-se de texto um tanto incompreensível para um leitor da atualidade. Ao misturar postos do oficialato militar com referências ao inferno, as imagens da guerra a das paixões e sentimentos, fazendo ainda referências a termos como a “Caverna” ou o “Livro da Folia”, a notícia se mostra cifrada para alguém exterior ao mundo no qual foi originalmente publicada. Para piorar, as assinaturas do “Dr. Parafuso” e do “Dr. Caruru” não ajudam muito a iluminar seu sentido. É assim como um testemunho a respeito de um mundo de relações e significados que já nos são de todo estranhos que se apresenta a notícia sobre o carnaval, festa muitas vezes julgada atemporal.

Por mais estranho que pudesse parecer o texto para um leitor estrangeiro, no entanto, uma leitura atenta das outras seções dos jornais o ajudaria a começar a entender seu sentido. Na seção carnavalesca do jornal, ele descobriria que os Tenentes do Diabo, organizadores do baile citado, eram os membros de um clube carnavalesco de mesmo nome muito conhecido no período, sendo um dos três grêmios nomeados como as Grandes Sociedades. A Caverna, nesse sentido, era o

---

<sup>1</sup> *Gazeta de Notícias*, 04 de fevereiro de 1891.

apelido atribuído á sua sede, na qual se realizaria o baile citado. E o “mimoso Livro da Folia”, conhecido também como Livro de Ouro, representava o registro da captação de recursos financeiros que permitiriam a realização dos eventos carnavalescos daquela sociedade. Para além dos “excepcionais e deslumbrantes” bailes, estes eventos se caracterizavam pela confecção de préstitos carnavalescos que, com suntuosos carros alegóricos e carros de críticas, distinguiram a forma de brincar o Carnaval dessas Grandes Sociedades de outras que se viam pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro durante o reinado de Momo.

Esse modelo de folia expresso no anúncio dos Tenentes do Diabo caracterizava assim as Grandes Sociedades Carnavalescas, que foram saudadas na década de 1880 como representantes maiores de um novo modelo de Carnaval na cidade do Rio de Janeiro. Para os grandes jornais da cidade, estaria “esgotada (...) a lista dos adjetivos para poder escrever com verdade tudo quanto de notável ocorre nas sociedades carnavalescas”.<sup>2</sup> O poder de atração das festas dessas sociedades fazia com que a

“mocidade aproveita-se do vigor que lhe dá a idade, e tem feito o diabo, transformando os salões das sociedades em verdadeiros paraísos, completos e repletos de tentações, as mais enlouquecedoras, e a que ninguém resiste, nem a virtude e nem a santidade de todos os taumaturgos nem todo o povo de *Flos Sanctorum* seria capaz de resistir às tentações da folia carnavalesca”.<sup>3</sup>

Descrito como um refinado antro de tentações capazes de tentar até mesmo os santos, o clube seria um atrativo irresistível para os jovens das melhores famílias da sociedade. Além de atrair o interesse destes homens que podiam frequentar seus salões, no entanto, o clube conseguia também, com suas atividades abertas, fazer com que ninguém fosse “capaz de resistir às tentações da folia carnavalesca” – como sugere Maria Clementina Pereira da Cunha:

“essas sociedades carnavalescas conseguiram tornar-se amadas também pelo populacho dos bailes públicos, dos cordões e dos cucumbis, pelos mascarados e pelos grupos de sujos das ruas. (...) e constituem com certeza o mais importante capítulo dessa história de relações perigosas entre os poderes constituídos, as chamadas “classes populares” e as elites intelectuais e políticas em torno daquilo que era normalmente designado como os dias de folia”<sup>4</sup>

<sup>2</sup> *Gazeta de Notícias*, 02 de fevereiro de 1891.

<sup>3</sup> *Gazeta de Notícias*, 02 de fevereiro de 1891.

<sup>4</sup> CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da Folia. Uma história social do carnaval entre 1880 e 1920*, São Paulo, p.99-100. Cia das Letras, 2001.

De fato, as notícias sobre os carnavais do período mostravam que esse modelo de festa carnavalesca levava para as ruas do centro da cidade um grande contingente de pessoas, que se apinhavam nas principais vias da cidade a propósito de ver o que os préstitos das Grandes Sociedades trariam de novo para o Carnaval. Em termos de novidades, elas trouxeram para o Carnaval carioca “os desfiles organizados, que incluíam carros alegóricos e fantasias luxuosas ao lado de outros que transportavam a crítica política e de costumes”.<sup>5</sup> Além das novidades pretenderam também, em intensas disputas carnavalescas, promover a substituição de “todas as outras formas de brincar, consideradas indignas da civilização e progresso”.<sup>6</sup> Dessa forma acabaram, segundo Felipe Ferreira, por construir um novo discurso carnavalesco, com o objetivo de desvincular o país “da imagem bárbara e inculta, associada às práticas africanas e aos rudes costumes coloniais portugueses”.<sup>7</sup>

Para entender a construção desse carnaval civilizado, Leonardo Pereira apresenta em seu trabalho um sentido socialmente específico quanto ao carnaval que diz respeito ao mundo letrado. Os literatos estudados por ele buscariam construir um novo modelo de nacionalidade que se pautaria justamente pela definição de uma imagem moderna e cosmopolita para a cultura nacional<sup>8</sup>. Ela mostra que, se de fato festas como o carnaval se constituíam para esses letrados como objetos de sua ação visando promover a construção de uma sociedade civilizada e moderna, que seriam as marcar definidoras da imagem de nação que buscavam construir para o Brasil, eles constituem apenas um dos sujeitos que fazem parte desse processo – não sendo possível tomar sua memória como a própria descrição da história da festa. A pedagogia das Grandes Sociedades marcaria assim, no carnaval das últimas décadas do século XIX, uma tentativa de educar a população diante de outras expressões festivas que fugiam desse universo

---

<sup>5</sup> Id. , *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura*. p.23. Editora da UNICAMP, 2002.

<sup>6</sup> Idem. p.23.

<sup>7</sup> FERREIRA, Felipe. *Inventando Carnavais. O surgimento do carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas*. p. 36. Editora UFRJ, 2005

<sup>8</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *O Carnaval das Letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*. Editora da UNICAMP, 2004

civilizado e cosmopolita que importantes setores da sociedade almejavam construir para a cidade do Rio de Janeiro.<sup>9</sup>

Ao se colocarem como sujeitos únicos desse novo Carnaval, assumindo uma posição de inventores da folia, os membros dessas sociedades acabavam, porém por colocar o público na posição passiva de expectadores<sup>10</sup> Com isso, seus sócios e entusiastas teriam conseguido se constituir nos próprios definidores de uma nova marca para a folia, à qual se começava a associar a partir do final do século XIX a própria cultura nacional.

Era assim como representantes de um projeto cultural cosmopolita e moderno, avesso aos costumes e práticas tradicionais, que Grandes Sociedades carnavalescas como os Tenentes do Diabo foram muitas vezes tomadas pela historiografia. Gestada nas últimas décadas do século XIX em oposição à monarquia e à escravidão, este projeto teria chegado ao seu auge com a proclamação da República, em 1889.

O mesmo marco que anuncia sua vitória, no entanto, foi muitas vezes tomado como o início da decadência dessas associações. Constituída a nova ordem republicana, as Grandes Sociedades teriam perdido sua força instituinte, afastando-se do interesse e do gosto popular. Acompanhavam, assim, a suposta perda de popularidade do próprio regime que representavam - mostrando-se crescentemente ultrapassadas por representarem um modelo de cultura que, no início do século XX, começava a ser abertamente questionado. Se era por serem os representantes acabados dessa nova ordem que haviam conseguido seu prestígio no século XIX, era assim pelo mesmo motivo que, supostamente, teriam visto sua popularidade se esvaír nos primeiros tempos do século XX.<sup>11</sup>

Claramente amparada em testemunhos de época, que marcam bem as dificuldades atravessadas por sociedades como os Tenentes nas primeiras décadas do século XX, análises como estas tem, porém, um limite: o fato de que se apoiem em uma visão bipolar da sociedade, expressa no choque entre uma cultura oficial cosmopolita e uma cultura popular de origem negra. Para melhor compreendermos as transformações em torno da festa carnavalesca na cidade nos

---

<sup>9</sup> CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da Folia. Uma história social do carnaval entre 1880 e 1920*, São Paulo, Cia das Letras, [2001].

<sup>10</sup> FERREIRA, Felipe. *Inventando Carnavais. O surgimento do carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas*. Editora UFRJ, 2005.

primeiros anos da República, no entanto, é importante não polarizar essa discussão na “dialética esterilizante entre cultura popular e cultura de elite”<sup>12</sup> - uma vez que, como sugere Chartier,

“A relação assim instaurada entre a cultura de elite e aquilo que não o é diz respeito tanto às formas como aos conteúdos, aos códigos de expressão como aos sistemas de representações, logo ao conjunto do campo reconhecido à história intelectual. Estes cruzamentos não devem ser entendidos como relações de exterioridade entre dois conjuntos estabelecidos de antemão e sobrepostos (um letrado, o outro popular), mas como produtores de ‘ligas’ culturais ou intelectuais cujos elementos se encontram tão solidamente incorporados uns aos outros como nas ligas metálicas”.<sup>13</sup>

De fato, a partir destas questões expostas e das possibilidades que suscitam, procura-se afastar nesta análise da polarização caracterizada pela noção de cultura popular e cultura erudita, na qual a festa acaba sendo lido como palco de expressão de um conflito popular entre projetos letrados e resistências populares<sup>14</sup>. Essa polarização não permitiria o entendimento da existência de Zé-pereiras, cordões e maxixes nas Grandes Sociedades, nem o fato de pequenas agremiações, como o Ameno Resedá, adotarem em seu desfile os carros alegóricos elaborados por Calixto Cordeiro, o mesmo artista que dava forma aos desfiles dos Tenentes.

Para fugirmos tanto da caracterização homogênea do carnaval e da cultura do período quanto da definição de uma disputa bipolar entre a cultura erudita e a popular defendida por outros autores, cabe assim lançarmos um olhar mais cuidadoso sobre a trajetória dos Tenentes do Diabo, uma das Grandes Sociedades que configuram as bases desse projeto de folia cosmopolita. Tentar entender sua inserção social e suas transformações pelas quais ela passou entre o final do Império e os primeiros tempos da República é, assim, um meio de buscar compreender a partir dela os conflitos e ações dos seus diferentes atores que extrapolam os limites da própria festa.

Para isso, uma primeira tarefa importante é atentarmos para o perfil social específico representado por uma sociedade como os Tenentes do Diabo. Tomada

<sup>11</sup> CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da Folia. Uma história social do carnaval entre 1880 e 1920*, São Paulo, Cia das Letras, 2001.

<sup>12</sup> VOVELLE, Michel. *Ideologias e Mentalidades*. Editora Brasiliense, 1987. p.224

<sup>13</sup> CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. P.56-57, DIFEL.

<sup>14</sup> SOIHET, Rachel. *A Subversão pelo riso: estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas*, Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

muitas vezes como expressão ideológica de um projeto das elites ou grupos letrados do Rio de Janeiro, o clube apresentava, ao menos desde o final do século XIX, um perfil mais específico. Tão distante de uma definição fechada do que seria a cultura popular quanto daquilo que se espera da chamada cultura erudita, ele era composto por um vasto grupo de pessoas com origens, relações e objetivos distintos, mas que tinham em comum um perfil social que os afastava tanto dos trabalhadores urbanos quanto das elites proprietárias tradicionais.

Paulo Sergio Pinheiro apresenta, em linhas gerais, os contornos desses grupos que comporiam sociedades como os Tenentes do Diabo. Um primeiro grupo seriam as “antigas classes médias”, ligadas a uma pequena produção e pequeno comércio, onde as pessoas seriam donas dos meios de produção, e juntamente com seus familiares estariam envolvidos diretamente com o trabalho não se caracterizando pela utilização de trabalhadores assalariados.<sup>15</sup> Já o segundo grupo, chamado pelo autor de novas classes médias, representariam pessoas assalariadas ligadas à esfera de “circulação do capital e por aqueles que contribuem para a mais – valia”<sup>16</sup>, ou seja, pessoas que trabalhassem em bancos, no comércio, empregados de “serviços”, serviços públicos, imprensa, educação, entre outros. Construiriam um discurso de valorização da formação cultural e educacional, valorização ligada à ascensão da burguesia que teria no diploma uma forma de legitimação de sua posição social.<sup>17</sup> Tratava-se, assim, de sujeitos com motivações e lógicas específicas, que não se deixam enquadrar em um projeto cosmopolita e elitista de feições unívocas. Desta forma, entender quem são os sócios dessa sociedade carnavalesca é pensar a relação deles com outros grupos presentes na cidade do Rio de Janeiro, uma vez que “as classes médias não podem ser pensadas segundo um conjunto de características elaboradas exclusivamente para uma só classe, individualizada”.<sup>18</sup>

Parte-se, para se afastar dessa perspectiva sobre o Carnaval, da crença de que a festa se caracteriza como um lugar privilegiado para se compreender as

<sup>15</sup> PINHEIRO, Paulo Sérgio. “Classes Médias Urbanas: Formação, Natureza, Intervenção na vida política” IN FAUSTO, Boris et alii. O Brasil Republicano, tomo III: sociedade e instituições (1889 – 1930), Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, pp. 7-35.

<sup>16</sup> PINHEIRO, Paulo Sérgio. “Classes Médias Urbanas: Formação, Natureza, Intervenção na vida política” IN FAUSTO, Boris et alii. O Brasil Republicano, tomo III: sociedade e instituições (1889 – 1930), Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, pp. 7-35.

<sup>17</sup> Idem.

<sup>18</sup> Ibidem.

relações sociais do período, em suas tensões, conflitos e proximidades. Desta maneira torna-se possível ao pesquisador, através de seu estudo,

“espiar uma rica miríade de práticas, linguagens e costumes, desvendar disputas em torno de seus limites e legitimidade, ou da atribuição de significados, e sentir as tensões latentes sob as formas lúdicas. Apurando o ouvido, será capaz de captar manifestações de dor, revolta, alegria, presentes nos dias de festa como nos dias comuns, e testemunhar reconciliações ou desentendimentos que, para o historiador, tem sempre um gosto único e inconfundível”<sup>19</sup>.

Ao dar a ver a multiplicidade de sujeitos e vozes que podem ser ouvidos durante a festa, autores como Leonardo Pereira, Maria Clementina Cunha e Felipe Ferreira apontam para os limites das análises que entendem a festa como escape ou inversão ignorando lógicas e experiências específicas de seus componentes, como os sócios dos Tenentes do Diabo. Seguindo esta trilha, este trabalho toma assim a festa como espaço polissêmico - sem restringir a sua interpretação a um elemento de escape para parcelas da população que encontrariam nas ocasiões festivas algum tipo de alívio da opressão em que viveriam no período fora destas mesmas ocasiões festivas. Nesse sentido, acompanhar em maiores detalhes a trajetória dos Tenentes do Diabo representa uma forma de dar a ver a lógica de um sujeito específico em meio à folia, de que forma alguma resume ou expressa a totalidade do sentido da festa.

Para dar conta deste objetivo, esta dissertação se divide em três capítulos. No primeiro, tomando como ponto de análise um desfile específico -, o do ano de 1889 - pretende-se apresentar em que bases se deu o Carnaval dos Tenentes do Diabo em um contexto de grandes mudanças na sociedade brasileira, com especial ênfase em suas propostas abolicionistas e republicanas. Busca-se com isso evidenciar como um determinado grupo através da festa e de seus eventos se inseriram nessas questões e expressavam os seus valores através do modelo de Carnaval que propunham – sendo por isso enaltecido por diferentes grupos, entre os quais intelectuais que expressavam ideais de civilização e progresso e viam no Carnaval uma maneira de dar conta desse projeto.

A idéia de que a Republica, em sua fase inicial representaria o apogeu dos Tenentes do Diabo, que seriam a expressão ideológica de seus ideais, é discutida no segundo capítulo, que começa a acompanhar o modo pelo qual os membros

desta associação se relacionaram com os novos tempos republicanos. Ao contrário da suposição de uma hegemonia conquistada, o que se verifica, ao longo deste período inicial do novo regime, são altos e baixos na trajetória dos Tenentes do Diabo. Enfrentando dificuldades financeiras, eles se ausentariam por um período da folia carnavalesca. Em seu retorno, diante da necessidade de novas fontes de recursos para subsidiar os seus desfiles, reivindicariam a sua posição de pilares do Carnaval. Em um entendimento onde se confundia a história da festa com a história dos Tenentes, a imprensa se colocaria como importante aliada dessa sociedade carnavalesca em seu intento de reivindicar subsídio público, já que formas antigas como o livro de ouro, e jogo na sede dos clubes, que sofria repressão policial, não davam conta de arcar com os gastos de realização do carnaval externo.

O terceiro capítulo desta Dissertação, por fim, trata dos caminhos tomados pelos Tenentes em meio à proliferação de outras formas de folia que ganhavam rápida popularidade, acabando por refundar as bases da nacionalidade. Em um contexto onde se valorizava uma identidade brasileira baseada em expressões populares – no qual ganhariam destaque os ranchos que seriam alçados como uma nova referência de Carnaval – o tipo de folia patrocinada pelos Tenentes e demais Grandes Sociedades foi muitas vezes tomado como um modelo europeu que não traria nada de novo para as ruas nos dias do reinado de Momo. Contudo, o que se pode observar é como esses grupos carnavalescos estavam também em movimento, acompanhavam as transformações e demandas do tempo, agindo a seu modo para lidar com estas transformações. Nesses caminhos, deram forma a um processo de institucionalização dos clubes carnavalescos com o objetivo de reivindicar do Estado o subsídio para o seu carnaval externo. Sem perder de vista a diversidade de grupos, visões sobre a festa e sujeitos da folia, cabe assim, no final da trajetória, discutir como os Tenentes do Diabo participaram desse contexto de mudanças, que deu origem ao oficialização do Carnaval por Pedro Ernesto.

---

<sup>19</sup> CUNHA, Maria Clementina. *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura*. p.12. Editora da UNICAMP, 2002.

## 1. A PRIMAVERA DOS TENENTES

No ano de 1889, o carnaval aconteceria no mês de março. Enquanto a grande festa não chegava, outros eventos, como bailes a fantasia, eram organizados para preparar a folia e aquecer o espírito para o reinado de momo. Era o que faziam os Tenentes do Diabo, como mostrava o anúncio publicado no *Diário do Comércio* no qual eles anunciavam a realização da “monumental apoteose de todos os bailes carnavalescos”<sup>20</sup>. Segundo o reclame, os baetas reservariam aos convidados grandes surpresas, marcando presença podendo esperar-se em seus salões “milhares de mulheres, centenas de fantasias, tudo um primor”. O tom do anúncio, em seu exagero ainda maior do que o habitual deixava clara a importância de que se revestia aquele carnaval para os sócios do clube. A proposta, como sugeria o anúncio, era abrir caminho para a realização de um carnaval de sucesso único. Para isso seria necessária a contribuição de todos os integrantes dessa sociedade carnavalescas e de seus diferentes grupos. Era o caso do Grupo das Ventarolas, que convidavam seus membros a comparecerem à Caverna para realizar uma visita ao estimado Grupo Cometa<sup>21</sup> - outro grupo membro dos Tenentes. Todos unidos, os sócios dos Tenentes do Diabo se preparavam para um carnaval especial.

Quando finalmente chegaram os dias de folia, ficava claro que a expectativa em relação àquele carnaval não era só dos Tenentes, atingindo boa parte dos foliões. A Rua do Ouvidor, então o espaço principal dos desfiles carnavalescos, estava “a regurgitar de povo que se aperta, que grita, que sua, que esbraveja”<sup>22</sup>. Se este público espremido olhasse para cima, veria ainda foliões mais abastados que haviam conseguido um disputado espaço nas sacadas e janelas espalhadas pela Rua do Ouvidor.<sup>23</sup> “Feliz quem tem a sua janela”, comentava o

---

<sup>20</sup> *Diário do Comércio*, 22 de fevereiro de 1889.

<sup>21</sup> *Gazeta de Notícias*, 19 de janeiro de 1889.

<sup>22</sup> *Gazeta de Notícias* de 03 de março de 1889

redator – na indicação de uma distinção que simbolizava uma divisão dos espaços de participação da festa, na qual a sacada seria o espaço exclusivo de “curiosos de ambos os sexos, que lá de cima riem, folgam e divertem-se, apreciando o mundo que passa na rua agitado, eletrizado por esse pandego demônio que se chama carnaval.”<sup>24</sup> Como em um teatro, espectadores de diferentes níveis sociais, cada um em seu espaço, esperavam assim o grande espetáculo configurado pelo desfile das Grandes Sociedades carnavalescas.

Foi diante deste cenário que no dia 3 de março de 1889, um domingo de carnaval, a *Gazeta de Notícias* publicou um detalhado relato sobre um desfile realizado pelos Tenentes do Diabo pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro. Segundo tal relato, foi quando o relógio marcava 10 horas da noite que surgiu pela Rua do Ouvidor “o elegante, animado e gracioso préstito dos Tenentes do Diabo, dos invencíveis Tenentes que mais pujantes se ergueram do incêndio que não conseguiu abater o seu admirável ardor”.<sup>25</sup> O requinte do desfile, no qual o redator da nota reconhecia que os Tenentes se mostrava “mais brilhantes, mais poderosos, mais cavalheiros, mais galantes que nunca”<sup>26</sup>, se ligava ao seu objetivo: o de buscar seu novo estandarte elaborado por Rodolfo de Amoedo - que era naquele momento professor na prestigiada Academia Imperial de Belas-Artes, onde ingressara no ano anterior. Ao atribuir a ele a tarefa de dar forma a ser estandarte, símbolo máximo de uma sociedade carnavalesca, os baetas davam a ver o sentido elevado que atribuíam ao seu carnaval. Esse estandarte era por isso tratado como uma obra de arte, cujo valor simbólico era ressaltado pelo redator da *Gazeta de Notícias*:

“fundo, de seda carmesim, vê-se um grupo encantador, formado por uma formosíssima mulher que traja corpete, calções de meia cor de lírio e saiote de bailarina, que não oculta umas formas petulantes e provocadoras. Um grupo mancebo trajando casaca encarnada e calção preto, de bigodes cofiados e sorriso brejeiro, carrega aos ombros a bacante que tem numa das mãos uma lança com um fragmento do antigo estandarte dos Tenentes. Na outra mão empunha a jovem uma taça de champanhe, que derrama sobre os clarões de um incêndio.”<sup>27</sup>

Sendo considerada uma obra de arte, o estandarte ficara por dias em exposição na casa de Costrejean, um armazém de mobílias localizado na Rua do

<sup>24</sup> *Gazeta de Notícias* de 03 de março de 1889

<sup>25</sup> *Gazeta de Notícias*, 03 de março de 1889.

<sup>26</sup> *Diário do Comércio*, 02 de março de 1889.

<sup>27</sup> *Gazeta de Notícias*, 03 de março de 1889.

Ouvidor n. 66, que aparentemente servia como espaço para exposições de obras de arte<sup>28</sup>. No fundo, de seda carmesim, vê-se um grupo encantador, formado por uma formosíssima mulher que traja corpete, calções de meia cor de lírio e saiote de bailarina, que não oculta umas formas petulantes e provocadoras. Um grupo mancebo trajando casaca encarnada e calção preto, de bigodes cofiados e sorriso brejeiro, carrega aos ombros a bacante que tem numa das mãos uma lança com um fragmento do antigo estandarte dos Tenentes. Na outra mão empunha a jovem uma taça de champanhe, que derrama sobre os clarões de um incêndio. Belíssimo pensamento, maravilhosamente executado.

Esse desfile dos Tenentes era com o objetivo de sair para receber esse “lindo e riquíssimo estandarte”<sup>29</sup>, elaborado pelo genial Rodolfo de Amoedo segundo palavras do *Diário do Comércio*. Ao realizar a sua “*marche aux flambeaux*”, que encerrava o desfile, expressavam os sócios a sua homenagem à sociedade carnavalesca e o seu regozijo pela sua reconstrução, onde esse tipo de marcha as pessoas carregavam velas ou tochas iluminando o trajeto percorrido.

Além deste estandarte final, que caracterizava a identidade compartilhada por todos os sócios do clube, o desfile incorporava também estandartes dos grupos que integravam os Tenentes do Diabo - sendo destacado pela *Gazeta de Notícias* o estandarte do Grupo das Ventarolas, escoltado por “senhoras” que faziam parte dos mesmos. No entanto, não poderia faltar a banda de música dos baetas com os trajes nas cores característica daquela sociedade carnavalesca. Essa apresentação dos Tenentes foi responsável por trazer mais alegria à Rua do Ouvidor, nas palavras da *Gazeta de Notícias*.<sup>30</sup>

No entanto, não seria essa passeata do sábado de carnaval que marcaria o melhor momento dos Tenentes naquele carnaval. Era o domingo gordo a data tradicionalmente reservada ao desfile das Grandes Sociedades, sendo por isso o dia em que os Tenentes quando saíam “deslumbrando as turbas com a sua riqueza, com o seu bom gosto e com o seu espírito percorrendo diversas ruas<sup>31</sup> da cidade”.

<sup>28</sup> A artista Abigail de Andrade realizou uma exposição de sua obra neste local no ano de 1886.

<sup>29</sup> *Diário do Comércio*, 02 de março de 1889.

<sup>30</sup> *Gazeta de Notícias*, 03 de março de 1889

<sup>31</sup> O itinerário apresentado pelo *Diário do Comércio* seria o seguinte: Carioca, Uruguaiana, Rosário, Primeiro de Março, Ouvidor, Largo de São Francisco, Rua do Teatro, Largo do Rosário (em volta), Sete de Setembro, Quitanda, Pescadores, Primeiro de Março, Hospício, Andradas, São

Dentre todas as ruas que integravam o itinerário dos Tenentes do Diabo, era destacada a concentração de pessoas<sup>32</sup> na Rua do Ouvidor, local onde se encontravam as sedes dos jornais publicados na cidade do Rio de Janeiro<sup>33</sup>. Às 3 horas da tarde já era grande o número de foliões que enchendo “de gente a ponto de ser difícil o trânsito por esta rua sempre procurada pelo povo apesar dos desejos do chefe de polícia<sup>34</sup> de espalha – lo por toda a cidade”.<sup>35</sup> Não se tratava de um acaso. Até a inauguração da Avenida Central, em 1904, aquela rua concentrava o que de mais elegante havia na cidade – tendo por isso se tornado o cenário perfeito para as festas do carnaval a partir da segunda metade daquele século<sup>36</sup>.

Contudo, se domingo era o grande dia dos baetas como colocou a Gazeta de Notícias, como chegaram os Tenentes diante daquele cenário abarrotado de pessoas, onde a noite, diante da iluminação proporcionada pelos arcos de gás e gambiarras, a Rua do Ouvidor “apresentava um aspecto fantástico e fascinante” adjetivos que fariam jus a apresentação da Sociedade Euterpe Tenentes do Diabo após ser vitimada por um incêndio no dia 13 de janeiro de 1889.

Era assim aquele o espaço privilegiado, naquele ano, pelos Tenentes do Diabo – cujo desfile adentrou a Rua do Ouvidor às 7 horas da noite de domingo, recebendo da população que os aguardavam um “turbilhão de palmas”<sup>37</sup>. Diante de uma multidão “que se atropelava para ver os luxuosos carros alegóricos e as riquíssimas fantasias dos sócios e da guarda de honra”<sup>38</sup>, o clube atravessou a rua

---

Pedro, Primeiro de Março, Teófilo Otonni, Ourives, São José, Largo da Carioca, Gonçalves dias, Rosário, Largo do Rosário, Andradas, Alfândega, Primeiro de Março, Ouvidor, Teatro e Caverna.

<sup>32</sup> Sobre a concentração de pessoas, é possível ver os seus efeitos pelo relato do Diário do Comércio de 03 de março de 1889 que dizia “esta rua desde muito cedo começou a apresentar um aspecto de festa, enchendo-se de povo. As confeitarias e cafês tinham as suas mesas todas ocupadas e os caixeiros eram poucos para servir a numerosa freguesia”.

<sup>33</sup> “Naturalmente, cansadas as pernas, meto-me no primeiro *bonde*, que pode trazer-me à casa ou à Rua do Ouvidor, que é onde todos moramos”. Assis, Machado de. Bons dias. Neste trecho, se ve mais uma vez a importância da Rua do Ouvidor para a vida na cidade e que esse destaque não se limitava aos dias de folia carnavalesca.

<sup>34</sup> Tratava-se de evitar a aglomeração de pessoas no centro da cidade pondo em risco a saúde pública diante do perigo de transmissão de doenças que representaria tantas pessoas compartilhando um espaço reduzido para a festa frente a tantas pessoas que buscavam brincar os folguedos de Momo. Assim através de um “itinerário dos préstitos mais de conformidade com o estado climatérico desta capital”. *Diário do Comercio*, 22 de fevereiro de 1889.

<sup>35</sup> *Diário do Comercio*, 04 de março de 1889.

<sup>36</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *O Carnaval das Letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*, Editora da UNICAMP. 2004. CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da Folia. Uma história social do carnaval entre 1880 e 1920*, São Paulo, Cia das Letras, 2001.

<sup>37</sup> *Gazeta de Notícias*, 04 de março de 1889.

<sup>38</sup> *Gazeta de Notícias*, 04 de março de 1889.

em noventa minutos. Assistindo a esse “belíssimo préstito”<sup>39</sup>, a multidão respondeu com “estrepitosas palmas e entusiásticos vivas da multidão”.

O desfile da Sociedade Euterpe Tenentes do Diabo era aberto por um grupo de seis sócios montados a cavalo<sup>40</sup>. Vestidos com fantasias elegantes e “trazendo ao ombro fitas distintivas da sociedade”<sup>41</sup>, estes cavaleiros representavam a diretoria dos Tenentes, que adentrava a Rua de forma imponente. Logo atrás dos sócios a cavalo, um grupo de 50 clarins, fantasiados a Henrique IV, anunciava com pompa o início do préstito<sup>42</sup>.

Segundo os jornais, diante dessa abertura triunfal, maravilhava-se um público admirado e encantado, “que não cessava de aplaudir a distinta sociedade”<sup>43</sup>. O carro alegórico de abertura, que trazia o estandarte desta sociedade carnavalesca, fazia alusão ao incêndio que deu nome ao grêmio. “Figurado com irrepreensível fidelidade”, segundo um redator do *Diário do Comércio*<sup>44</sup>, tal escolha mostrava a importância que os Tenentes davam ao desfile daquele ano, aberto com a reafirmação de sua identidade. Este carro era descrito da seguinte maneira: “composto de uma linda e dourada concha suspensa por três Hercules, dentro da qual empunhava o estandarte um dos sócios, vestido de Mefistófeles”<sup>45</sup>. No caso este sócio que segurava o estandarte era o presidente dos Tenentes que apresentavam com esse carro um “efeito estupendo, que seguia iluminado por fogos cambiantes”<sup>46</sup>, reproduzindo assim o dia do incêndio que atingiu a sede dessa sociedade carnavalesca. Junto desse carro uma guarda de honra que era composta por trinta cavaleiros garbosos<sup>47</sup>, representando ministros de satanás<sup>48</sup> com uma vestimenta<sup>49</sup> que se mostrava “chique, muito elegante e bem montada”<sup>50</sup>.

<sup>39</sup> *Gazeta de Notícias*, 04 de março de 1889.

<sup>40</sup> No *Diário de Notícias* de 04 de março de 1889.

<sup>41</sup> *Diário do Comércio*, 04 de março de 1889.

<sup>42</sup> “oito clarins estridentes vinham logo em seguida anunciando a aproximação do grande carro triunfal do estandarte”. *Diário do Comércio* de 04 de março de 1889.

<sup>43</sup> *Gazeta de Notícias*, 04 de março de 1889.

<sup>44</sup> *Diário do Comércio*, 04 de março de 1889.

<sup>45</sup> *Diário de Notícias*, 04 de março de 1889.

<sup>46</sup> *Gazeta de Notícias*, 04 de março de 1889.

<sup>47</sup> *Diário de Notícias*, 04 de março de 1889.

<sup>48</sup> *Diário do Comércio*, 04 de março de 1889.

<sup>49</sup> *Diário do Comércio*, 04 de março de 1889, descrevia da seguinte maneira a fantasia da guarda de honra: “casaca e calção de cetim cor de rosa, colete preto com orla daquela cor, calça de meia cor de rosa, chapéu de pasta com pluma da mesma cor e cabeleira loira”

<sup>50</sup> *Diário do Comércio*, 04 de março de 1889.

A seguir, outro carro alegórico entrava pela Rua do Ouvidor recebendo as mesmas palmas e vivas que o estandarte em sua passagem. Representava este carro “uma mimosa cesta, dentro da qual vinha uma flor animada, uma bela mulher que distribuía flores e sorrisos” <sup>51</sup>, uma “Dona Flor, das muitas que dão encantos à Caverna dos heróicos Tenentes” <sup>52</sup>, sendo um verdadeiro “jardim ambulante de esplendido efeito”.<sup>53</sup> temática de cestas de flores do desfile foi realizada uma batalha de flores, através da qual os Tenentes davam forma a “um divertimento chique, elegante e inofensivo” <sup>54</sup> que poderia substituir o antigo e criticado jogo do Entrudo.

Muitos desses carros representavam os grupos que compunham a Sociedade Euterpe Tenentes do Diabo, onde apresentavam os estandartes destes grupos como se pode ver com o Grupo dos Teimosos, Grupo dos Torneiras e o Grupo dos Ventarolas. O carro deste ultimo grupo vinha com uma alegoria ao calor da cidade, “representada por diversos cálices com sorvetes e uma grande pirâmide de sorvete, da base da qual saía uma linda mulher empunhando o estandarte do Grupo dos Ventarolas”.<sup>55</sup> A guarda de honra que acompanhava este carro era composta por amazonas. Na descrição do Diário do Comércio essas amazonas seriam na verdade homens vestidos de mulheres fato responsável por provocar junto ao público que assistia o desfile intensas risadas. <sup>56</sup>

Se a primeira banda de música que passara no préstito dos Tenentes era do corpo de polícia da cidade do Rio de Janeiro, a segunda banda de música que integrava o desfile dos Tenentes era composta pelos próprios membros da sociedade carnavalesca, fantasiados de toureiros executaram uma valsa em homenagem a Gazeta de Notícias quando passavam em frente à redação deste jornal.<sup>57</sup>

Um carro alegórico importante nesse desfile recebia o título de “A Gratidão dos Tenentes” <sup>58</sup>, que representava um coração carregado por um dos sócios dos Tenentes, sendo distribuídos versos a população, as demais sociedades carnavalescas e a imprensa em agradecimento pelo apoio e auxílios prestados

<sup>51</sup> *Gazeta de Notícias*, 04 de março de 1889.

<sup>52</sup> *Gazeta de Notícias*, 04 de março de 1889.

<sup>53</sup> *Diário do Comércio*, 04 de março de 1889.

<sup>54</sup> *Diário do Comércio*, 04 de março de 1889.

<sup>55</sup> *Diário de Notícias*, 04 de março de 1889.

<sup>56</sup> *Diário do Comércio*, 04 de março de 1889.

<sup>57</sup> *Gazeta de Notícias*, 04 de março de 1889.

diante das adversidades enfrentadas por conta do incêndio que vitimou a sede dos Tenentes. Versos como os que foram distribuídos pelos alunos da banda dos Tenentes que podem ser lidos a seguir

As Fluminenses gentis

“Da andaluzas tem a voz facetas,  
Os meneios gentis das sevilhanas,  
Quando airoas, gazis, quais borboletas,  
As rosas e jasmins osculam ufanas.

São cândidas, modestas violetas, nas folhas  
ocultando as faces lhanas,  
São elas as florinhas prediletas  
As falenas gentis hugonianas!

Seus sorrisos são belos, donairosos!  
São vivos seus olhares fascinantes!  
Ampos cabelos negros, ondulosos!

Dos lábios de coral, sediosos  
Emanam alvos risos delirantes  
Ao desfilar o Grupo dos Teimosos.”<sup>59</sup>

O sentido de tanto entusiasmo, que dava forma à celebrada “primavera” dos Tenentes, era bem conhecido do público da Corte, e vinha assinalado no carro que encerrava o desfile. Nele era representada uma “rica estante”, onde havia um livro aberto com uma frase dizendo que não existia mais escravos no Brasil. Tratava-se, é claro, de uma referência à Lei Áurea, assinada em 13 de maio de 1888. Ao trazê-la para o final de seu préstito, os Tenentes desnudavam o sentido de toda a pompa e circunstância com a qual prepararam o desfile daquele ano – ainda mais grandioso do que o habitual dessas sociedades, caracterizadas pelos préstitos luxuosos. Tratava-se, para os sócios do clube, de uma celebração, através da qual saudavam a chegada de um tempo pelo qual tanto lutaram: o da liberdade.

No noticiário sobre o préstito, era marcante a saudação à alegoria final dos Tenentes. Segundo o cronista da *Gazeta de Notícias*, esse carro de encerramento teria provocado no público uma reação única:

“Entusiasmo indescritível causou esse belo carro alegórico por todas as ruas onde passou. Foi uma delicada e grandiosa idéia, que mais uma vez vem atestar a

<sup>58</sup> *Diário do Comércio*, 04 de março de 1889.

<sup>59</sup> *Gazeta de Notícias*, 04 de março de 1889.

nobreza dos sentimentos da distinta associação que fechou com verdadeira chave de ouro o seu imponente préstito”.<sup>60</sup>

O mesmo entusiasmo foi registrado pelo *Diário do Comércio*, que ao finalizar a sua descrição do préstito dos Tenentes do Diabo falava que

“O seu préstito foi um verdadeiro triunfo, valeu-lhes uma aclamação constante, entusiástica, frenética e que por vezes tocou ao delírio. Todos os seus carros foram estrondosamente vitorizados; o povo soube compreender e recompensar a coragem e tenacidade dos invictos carnavalescos, que se levantaram mais pujantes e mais fortes da catástrofe que parecia tê-los aniquilado”<sup>61</sup>

Todo esse apreço descrito nas páginas dos jornais pode ser aferido também pelos inúmeros presentes recebidos pelos Tenentes do Diabo ao longo do trajeto de seu desfile. Presentes ofertados por grupos distintos da sociedade fluminense, como negociantes e moradores na Praça da Constituição, que ofereceram aos Tenentes “uma riquíssima coroa de veludo de louros”.<sup>62</sup> Da imprensa também receberam diversas coroas de flores, como a oferecida pelo *Diário do Comércio*, ornada com “espigas de ouro e rosas”<sup>63</sup>. As homenagens foram tantas que os carros com os estandartes dos Tenentes e de seus diversos grupos “vergavam ao peso das coroas, que na sua passagem pelas ruas lhe eram oferecidas, em meio de vivas e aclamações”<sup>64</sup>. Desse modo, os Tenentes do Diabo encerravam seu desfile de carnaval cobertos pela simpatia dos foliões, que celebravam essa sociedade carnavalesca em meio ao reinado de momo.

Para que possamos melhor compreender o sentido daquele desfile, ou mesmo da reação do público à sua passagem, cabe assim conhecer melhor a história que se encontra por trás dela, capaz de explicar o que acontecia naquele momento. Para isso, é preciso tentar entender, ainda que em linhas gerais, como os sócios dos Tenentes chegaram até ali – dando forma não só ao clube carnavalesco que compunham, mas também ao engajamento que mostravam ter então com a causa abolicionista.

<sup>60</sup> *Gazeta de Notícias*, 04 de março de 1889.

<sup>61</sup> *Diário do Comércio*, 04 de março de 1889.

<sup>62</sup> *Diário do Comércio*, 03 de março de 1889.

<sup>63</sup> *Diário do Comércio*, 04 de março de 1889.

<sup>64</sup> *Diário de Notícias*, 04 de março de 1889.

## 1.1. DE EUTERPE A TENENTES DO DIABO

Se antes predominavam eventos ligados ao espaço privado como o caso do “entrudo familiar”, onde famílias abastadas, que representavam a nata da sociedade carioca brincavam de se molharem ou elegiam como alvos os “desavisados” que passavam por baixo de suas janelas e sacadas<sup>65</sup> veremos a partir da metade do século XIX os grupos sociais mais abastados se dirigindo ao espaço público, como por exemplo, as mascaradas, que representariam o prolongamento ao espaço público dos bailes de máscaras<sup>66</sup>. Assim, para se chegar ao cenário onde a Rua do Ouvidor representaria um ponto de encontro de diferentes grupos sociais com o objetivo de prestigiarem os desfiles das Grandes Sociedades foi preciso uma mudança na maneira pela qual se lidaria com as ruas, diante de um processo de transformações como a iluminação a gás, onde as ruas “estavam deixando de ser vistas apenas como lugar de negros e escravos, de pobres, moleques e prostitutas”.<sup>67</sup>

Segundo Tinhorão, os grupos mais abastado da sociedade fluminense não teriam ainda na cidade do Rio de Janeiro por volta da década de 1850 um espaço de lazer que se comparasse aos cafés parisienses, por exemplo. Assim, essas pessoas ligadas ao espaço urbano como caixeiros, burocratas, militares, comerciantes e pequenos proprietários buscariam além do café-cantante Alcazar Lyrique um espaço que proporcionasse a eles estabelecerem relações sociais para além das festividades carnavalescas, onde debateriam questões políticas que poderiam ser expressas nos carros alegóricos ou carros de crítica que compunham o desfile dos Tenentes do Diabo. Eventos sociais que proporcionassem o seu divertimento com a presença de um grande número de mulheres que pertenciam aos espaços artísticos da cidade, especialmente os teatros.<sup>68</sup>

Assim, os Tenentes do Diabo representavam um modelo de agremiação surgido na segunda metade do século XIX. Tal modelo que começou a tomar forma quando o Congresso das Sumidades desfilou, em 1854, pelas ruas da cidade

<sup>65</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *O Carnaval das Letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*. Editora da UNICAMP, 2004

<sup>66</sup> FERREIRA, Felipe. *Inventando Carnavais. O surgimento do carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas*. Editora UFRJ, 2005.

<sup>67</sup> FERREIRA, Felipe. *Inventando Carnavais. O surgimento do carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas*. Editora UFRJ, 2005. p.58

<sup>68</sup> TINHORÃO, José Ramos. *A Imprensa Carnavalesca no Brasil: um panorama da linguagem cômica*. Editora Hedra, 2000.

do Rio de Janeiro compondo uma primeira geração dessas associações, junto com outras sociedades como o Club X, os Zuavos, o Boêmia e a União Veneziana<sup>69</sup>.

Os Tenentes do Diabo, que celebravam com orgulho em 1889 a sua história de engajamento abolicionista, estavam longe de ser, àquela altura, uma sociedade nova. Ainda que fossem reconhecidos como parte da chamada segunda geração dessas associações carnavalescas do Rio de Janeiro, sua origem remontava à antiga Sociedade Euterpe Zuavos Carnavalescos - associação cujo nome fazia menção a um grupo de soldados de origem argelina que integraram a infantaria do exército francês nos séculos XIX e XX. Segundo Jose Ramos Tinhorão<sup>70</sup>, a escolha desse nome não se daria por questões políticas ou ideológicas, mas sim por uma questão visual. Em razão do colorido de seus uniformes reproduzidos nas fantasias dos Zuavos Carnavalescos. Um anúncio publicado no *Diário do Rio de Janeiro* em 11 de janeiro de 1863, no qual a diretoria do clube convocava seus sócios para um ensaio carnavalesco, era consignado o nome completo desta sociedade, que incluía a palavra Euterpe .

É a partir de tal proposta que se desenvolveria, nos anos seguintes, o perfil dos Tenentes. Segundo uma notícia do jornal *O Paiz* de 14 de janeiro de 1889, foi no momento de um incêndio na sede dos Zuavos que ganhou forma a dissidência que formaria o novo clube.

De fato, segundo uma reportagem da *Gazeta de Notícias* os Tenentes do Diabo assumem essa denominação em 1865<sup>71</sup>, após uma atuação heróica no combate a um incêndio sendo aparentemente tal batismo de fogo também a inspiração para o novo nome.<sup>72</sup> Pelo menos é isso que conta o *Diário do*

<sup>69</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *O Carnaval das Letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*. Editora da UNICAMP, 2004

<sup>70</sup> TINHORÃO, José Ramos. *A Imprensa Carnavalesca no Brasil: um panorama da linguagem cômica*. Editora Hedra, 2000.

<sup>71</sup> O Novo e Completo Índice Cronológico da História do Brasil de 1865 registrava a existência dos Tenentes do Diabo da seguinte maneira: “As sociedades carnavalescas Estudantes de Heydelberg, Club Cromático, Club X, Bohemia, Tenentes do Diabo e G. F. fizeram a doação à sociedade Amante da Instrução da quantia de 550\$ saldo das despesas de um baile que aquelas sociedades deram hoje no Teatro Lírico”, p. 259.

<sup>72</sup> No entanto, há outra explicação para essa denominação que passa pelo fato de que os sócios recebiam uma promoção, que era a patente de tenente, após um ano de bons serviços prestados a associação. Assim, se desenrolava uma longa reunião onde se promovia a tenente um grande número de sócios. Contudo, a diretoria não se encontrava satisfeita com o quantitativo e forma que estava sendo feito este processo. Assim, neste cenário de insatisfação, o presidente ao se levantar da mesa em estado de ira teria dito para os demais presentes: “Vocês vão ser tenentes do diabo” - expressão que acabaria por definir esta sociedade carnavalesca. *Jornal do Brasil*. 31 de dezembro de 1932

*Comércio* quando noticiava o incêndio que atingiu a Caverna em 1889. O jornal relatava que

“Há cerca de vinte anos os membros desta sociedade que se denominava Zuavos Carnavalescos, foram com o maior denodo afrontar um violento incêndio que se declarara a Rua Direita.

Na extinção do fogo, foram todos de uma bravura verdadeiramente admirável. Arrostando os perigos e a morte, tornaram-se dignos dos maiores elogios, prestando relevantíssimos serviços as vítimas do desastre”.<sup>73</sup>

Se a imagem da Sociedade Euterpe Comercial Tenentes do Diabo estava associada aos lugares mais profundos da terra ao ter no seu nome a palavra diabo e ser a sua sede apelidada de Caverna, a trajetória desta sociedade foi marcada pelo fogo, que se associa definitivamente a esse imaginário infernal construído pelos Tenentes do Diabo.

Afirmava-se, com isso, uma nova identidade para aqueles antigos zuavos – que passavam a ser conhecidos na imprensa como *baetas*. Esse apelido, segundo entrevista concedida em 1950 pelo presidente dos Tenentes para a reportagem da *Revista da Semana*, fazia referência a um “tecido vistoso que ostenta as cores preta e especialmente vermelha” (*significado do dicionário para “baeta”*: Tecido felpudo e grosseiro de lã. Parece se referir aos trajes de gala que usavam no desfile – que, no caso deles, adotavam tais cores),<sup>74</sup> as cores adotadas como suas pelos Tenentes do Diabo. Àquela altura, no entanto, o próprio presidente do clube poderia estar se esquecendo de outra explicação que apresenta a palavra como uma “designação proveniente da tradição portuguesa que assim chamava o diabo, com suas roupas vermelhas de baeta”<sup>75</sup>. Tal hipótese é fortalecida pelo fato de que a sede dos Tenentes – onde se promoviam seus diversos eventos, com grande destaque para os bailes que ocorriam principalmente no período próximo ao carnaval – era apelidada de Caverna, imagem que remete às sombras e profundezas do inferno.

Essa segunda geração das sociedades carnavalescas vai ganhar as ruas a partir dos anos 1870, alargando a sua influência e destaque no carnaval carioca, diante de um cenário de declínio das primeiras sociedades. Segundo Rachel

<sup>73</sup> *Diário do Comércio*, 14 de janeiro de 1889.

<sup>74</sup> *Revista da Semana* v.51 n°7, 04 de fevereiro de 1950.

<sup>75</sup> MOURAO, Ronaldo Rogério de Freitas. *O livro de ouro do universo Rio de Janeiro: Ediouro*. 2000. p. 269

Soihet, “participavam dessas sociedades os segmentos médios da população, especialmente seus setores intelectualizados”, sendo atribuída à popularidade dessas sociedades carnavalescas no final do Império “pelas críticas dirigidas ao governo imperial e à escravidão” <sup>76</sup>. Com tal composição seleta, elas “iam construindo as bases de um novo modelo de carnaval – marcado não tanto pelo espírito e pela graça, que estavam na época nas mãos dos mascarados avulsos, mas pelo luxo e pela suntuosidade”. <sup>77</sup>

O sentido dessa nova identidade dos Tenentes do Diabo pode ser analisado a partir dos estatutos que seus sócios aprovam para o clube em maio de 1874 <sup>78</sup>. Segundo tais estatutos, o novo clube se definia como uma associação recreativa que tinha ainda como primeiro objetivo o ensino de música, como proposto desde os tempos dos Zuavos. Esse destaque da música estava expresso pelo próprio nome de “Sociedade de Música Euterpe Comercial (Tenentes do Diabo)” <sup>79</sup>, tal qual consta do o Almanaque Laemert do ano de 1875. A palavra Euterpe fazia referência a uma deusa considerada a musa da música, motivo pelo qual a palavra seria um termo comum para denominar bandas de música. <sup>80</sup>

A força simbólica desse investimento sobre a música para a identidade do grupo se mostra de forma clara em dois anúncios publicados pela Sociedade Euterpe Comercial Tenentes do Diabo no ano de 1880, divulgando a realização da sua quarta *soirée* - expressão francesa para definir uma festa ou reunião social que ocorre a noite.

<sup>76</sup> SOIHET, Rachel. *A Subversão pelo riso: estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas*, p. 69, Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

<sup>77</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *O Carnaval das Letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*, Editora da UNICAMP. 2004. P.113

<sup>78</sup> Aprovados em assembléia geral realizada nos dias 20, 21 e 22 de maio de 1874. Decreto n. 5748, 23 de setembro de 1874. A localização da Caverna nesse momento ficava na Rua dos Andradas n. 27, permanecendo neste endereço até o incêndio de 1889 e acabou com o prédio onde funcionavam.

<sup>79</sup> LAEMMERT, Eduardo Von. *Almanak Laemmert*, 1875

<sup>80</sup> VICTORIA, Luiz A. P. *Dicionário Básico Mitologia*. Ediouro, 2003.p.50



*Gazeta de Noticias*, 15 de janeiro de 1880



*Gazeta de Notícias*, 17 de janeiro de 1880

É possível ver, nas imagens, dois dos elementos que característicos do clube: a imagem festiva de diabos, associados à dança e à alegria, e os instrumentos musicais, que reforçavam o objetivo primeiro que era promover o ensino de música. A música aparecia, assim, a serviço da diversão.

A esse objetivo primeiro vinha então a se somar, no entanto, outros objetivos particulares, como o de festejar o carnaval<sup>81</sup>. Mantido o perfil social original dos Zuavos, os Tenentes se afirmavam assim pela via da folia, voltando-se mais diretamente para as atividades carnavalescas.

Não eram quaisquer homens, no entanto, que poderiam tomar parte no clube. Por mais que seus estatutos afirmassem não haver nele, restrição de nacionalidade, um critério ali assinalado ajudava a manter o caráter exclusivo da associação: a necessidade de que um novo sócio fosse indicado por uma pessoa que já pertencesse à Euterpe. A singularidade dos Tenentes do Diabo seria, assim, o fato de que aquela “Euterpe” fosse também “Comercial”, o que nos dá uma boa indicação a respeito da composição social desta sociedade carnavalesca marcada, por pessoas de destaque nas atividades comerciais da cidade<sup>82</sup>.

Além disso, outro artigo dos estatutos definia que os sócios deveriam “reunir as qualidades necessárias para a Diretoria lhes conferir o Diploma”<sup>83</sup>. Quais seriam essas qualidades é o que o estatuto não explicita, mas algumas delas podiam estar associadas à própria possibilidade de pagamento do alto valor da mensalidade e da jóia que eram cobradas dos associados – que custavam, respectivamente, 3\$000 e 15\$000<sup>84</sup>. Estes sócios, que deveriam se tratar com respeito e proteger uns aos outros, se dividiam em quatro categorias: contribuinte, aluno-contribuinte, benemérito e honorário. Os alunos contribuintes, aqueles mesmos que distribuía versos as gentis fluminenses durante o desfile do carnaval de 1889, tinham por obrigação participar dos ensaios da banda e tocar nos eventos promovidos pela Sociedade Euterpe.<sup>85</sup> Era assim como um clube para homens selecionados que se apresentava a associação.

---

<sup>81</sup> Decreto n. 5748, 23 de setembro de 1874.

<sup>82</sup> CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecossistema da Folia. Uma história social do carnaval entre 1880 e 1920*, São Paulo, Cia das Letras, [2001].

<sup>83</sup> Decreto n. 5748, 23 de setembro de 1874.

<sup>84</sup> A jóia era cobrada do sócio no momento de sua admissão e era de 15\$000, enquanto a mensalidade ficava no valor de 3\$000. Decreto n. 5748, 23 de setembro de 1874.

<sup>85</sup> Decreto n. 5748, 23 de setembro de 1874.

Para além daquilo definido nos estatutos do clube, seus sócios tratavam de afirmar para ele a imagem de uma sociedade pautada na elegância, no luxo, na suntuosidade e no bom gosto – requisitos que marcariam os seus eventos internos e externos, como mostrava em 1879 a descrição feita do clube pela revista *Mequetrefe*:

“Incontestavelmente a Sociedade Euterpe Comercial Tenentes do Diabo é uma das melhores sociedades que conta a Corte, nos dois últimos bailes carnavalescos deu mais uma prova evidente do capricho, do bom gosto e do cavalheirismo com que os distintos cavalheiros costumam tratar aos seus convidados”<sup>86</sup>

Ao insistir na ideia do cavalheirismo, o redator da nota dava a ver em tal marca uma das características marcantes do clube. Por este motivo, não hesita em descrever-lhe como uma das sociedades mais seletas da cidade. Pautada não só por uma composição restrita, mas também por um gosto refinado e elevado, os Tenentes do Diabo fixavam assim sua imagem na Corte Imperial.

Era essa imagem refinada que estava já associada ao clube quando, em 1889, ocorreu o novo incêndio retratado no desfile realizado pelos tenentes naquele ano “Confrange-se nosso coração ao ter de recordar o espetáculo que ontem presenciamos, indo, como noticiaristas, conhecer do estado em que se acharam os prédios, ou antes – o prédio ocupado pela estimada associação carnavalesca Euterpe comercial Tenentes do Diabo”, escrevia um redator do jornal *O Paiz*<sup>87</sup>. Atribuía com isso à sede dos Tenentes, situada na Rua dos Andrada n. 27, uma centralidade simbólica que fazia dela a principal perda em meio ao incêndio, descrito pelos jornais como um dos mais tenebrosos da cidade. “Há longo tempo não registramos notícia de incêndio tão rápido e violento”, testemunhava o redator do *Diário de Notícias*, contando que “as chamas iluminavam sinistramente quase toda a cidade”<sup>88</sup>. Ainda assim, era a perda da sede dos Tenentes que mais parecia sensibilizar aos repórteres, que lastimavam a perda de uma “edificação nobre, ampla, luxuosa e ainda há pouco fora reformada com arte e brilhantismo”<sup>89</sup>. Lastimava-se assim que uma sociedade que já era “incontestavelmente uma das mais galardoada nas festas carnavalescas, das mais

<sup>86</sup> O *Mequetrefe*, 05 de março de 1879.

<sup>87</sup> *O Paiz*, 14 de janeiro de 1889.

<sup>88</sup> *Diário de Notícias*, 14 de janeiro de 1889.

<sup>89</sup> *O Paiz*, 14 de janeiro de 1889.

conceituadas, pela prosperidade a que atingiu”, que tinha “o edifício de sua sede montado com verdadeira magnificência”<sup>90</sup>, viesse a sofrer aquela perda.

Dado o destaque assumido pelo clube, as reações de solidariedade foram imediatas. Uma vez sabendo do ocorrido na Caverna, os sócios dos Fenianos, uma sociedade rival, paralisaram o baile que davam para socorrerem os baetas. Chegando lá, lançaram-se no esforço de salvar o estandarte da sociedade carnavalesca – em heróico ato simbólico de defesa da identidade dos rivais que foi impedido por soldados da polícia e do corpo de bombeiros<sup>91</sup>. Ficava claro, no ato, o sentido elevado que os membros dessas sociedades carnavalescas atribuíam aos seus símbolos de identidade.

Contemporâneo da cena, Machado de Assis não deixaria de comentá-la com a ironia habitual, em crônica publicada na *Gazeta de Notícias* em 21 de janeiro daquele mesmo ano. Nela, começava por comentar “os atos de generosidade da parte das sociedades congêneres”, que o deixaram “triste de não estar naquela primeira juventude, em que a alma se mostra capaz de sacrifícios e de bravura”<sup>92</sup>.

“Refiro-me, primeiramente, à ação daqueles sócios de outro clube, que correram à casa que ardia, e, acudindo-lhes à lembrança os estandartes, bradaram que era preciso salvá-los. “Salvemos o estandarte!” e tê-lo-iam feito, a troco da vida de alguns, se não fossem impedidos a tempo. Era loucura, mas loucura sublime. Os estandartes são para eles o símbolo da associação, representam a honra comum, as glórias comuns, o espírito que os liga e perpetua.

Esse foi o primeiro episódio. Ao pé dele temos o do empregado que dormia, na sala. Acordou este, cercado de fumo, que o ia sufocando e matando. Ergueu-se, compreendeu tudo, estava perdido, era preciso fugir. Pegou em si e no livro da escrituração e correu pela escada abaixo.

Comparai esses dois atos, a salvação dos estandartes e a salvação do livro, e tereis uma imagem completa do homem. Vós mesmos que me ledes sois outros tantos exemplos da conclusão. Uns dirão que o empregado, salvando o livro, salvou o sólido; o resto é obra de sirigueiro. Outros replicarão que a contabilidade pode ser reconstituída, mas que o estandarte, símbolo da associação, é também a sua alma; velho e chamuscado, valeria muito mais que o que possa sair agora, novo, de uma loja. Compará-lo-ão à bandeira de uma nação, que os soldados perderam no combate, ou trazem esfarrapada e gloriosa”.

<sup>90</sup> *O Paiz*, 14 de janeiro de 1889.

<sup>91</sup> “ali chegados, os valorosos Fenianos tentaram penetrar no edifício, gritando salve-se o estandarte, sendo acompanhados nesse intento pelo inspetor Moraes, capitão Cunha e dois alferes do corpo de polícia (...) Foram, porem, justamente impedidos por praças de polícia e de bombeiros, à vista das chamas e da fumaça que asfixiava”. *O Paiz*, 14 de janeiro de 1889.

<sup>92</sup> *Gazeta de Notícias*, 21 de janeiro de 1889.

O trecho mostra uma leitura atenta de Machado de Assis do sentido simbólico da identidade defendida pelos sócios de tais agremiações e de seus limites. Como o resto da imprensa, começava por saudar os sócios do clube rival, empenhados em salvar o estandarte – comparado a uma bandeira nacional, uma vez que identificava seus membros (os baetas), que partilhavam um território comum (a Caverna) e costumes próprios. O que chama mesmo sua atenção, no entanto, é a existência de uma lógica diferente dessa em meio à tragédia: a do empregado que prefere salvar o livro contábil do grupo. De fato, na notícia do *Jornal do Comércio*<sup>93</sup> sobre o incêndio, citava-se o episódio do funcionário dos Tenentes do Diabo que tentou salvar os livros da associação. A partir dessa observação, Machado aponta para a base social restrita dessa associação, ligada a comerciantes que tinham em um rico Livro de Ouro a base para realização de suas atividades. O simbólico e a ação cotidiana que permitiam a existência dos Tenentes ligada a uma imagem de luxo, elegância e bom gosto. Se para os membros dessas Grandes Sociedades terem o estandarte em mãos seria manter viva a esperança de recomeço, planejando um novo futuro a partir do fragmento do passado, para o empregado este futuro dependeria assim das finanças da sociedade – que era visto por ele como seu principal elemento identificador. Evidenciava-se com isso, no episódio do incêndio de 1889, o perfil da associação, tal como compreendido pelos seus contemporâneos. Por um lado, ficava claro o caráter distinto que os contemporâneos reconheciam em associações como os Tenentes, baseado em questões financeiras. No testemunho expresso pela ação do empregado, o sucesso dos Tenentes do Diabo estava relacionado à sua prosperidade, pela sua capacidade de demonstrar a sua riqueza em seus belos salões e desfiles luxuosos. Ao fazer graça do episódio em seu préstito carnavalesco daquele ano, no entanto, os próprios Tenentes mostravam associar tal refinamento a uma postura já distinta daquela que marcou as primeiras sociedades carnavalescas. Era a postura crítica de quem tenta refletir criticamente através do riso sobre os acontecimentos do tempo que marcaria base de ação da nova sociedade. Desse modo, os desfiles de sociedades como os Tenentes passavam a expressar uma leitura do tempo próxima das populares Revistas de

---

<sup>93</sup> *Jornal do Comércio*, 14 de janeiro de 1889.

Ano – espetáculos teatrais nos quais o público via comentado as grandes e pequenas questões do tempo, “onde opiniões procuraram tornar-se a opinião”.<sup>94</sup>

É o que faziam os Tenentes ao comentar as questões do tempo em seus desfiles, como aquele de 1889. Transformando a tragédia que experimentaram em um meio de reafirmação de sua identidade, mostravam ver nela a marca das profundezas de onde vem a inspiração para o seu nome, os Literalmente brincando com o fogo, mostravam assim juntar a distinção dos antigos Zuavos a um novo signo identitário: a sátira carnavalesca, voltada para a realidade de um tempo ao qual se associavam de forma direta. Reafirmava-se, nesses caminhos, a identidade dos Tenentes do Diabo.

Pensando a festa, os Tenentes do Diabo, Democráticos e Fenianos procuravam, com a realização de um carnaval externo, ocupar o espaço da festa, se sobrepondo a todas as outras maneiras de brincar o carnaval que caracterizavam então os dias de Momo. Assim, a sua folia era organizada em um modelo europeu de carnaval que tinha, naquele contexto, um alvo muito claro: o combate ao entrudo<sup>95</sup>. Brincadeira herdada das tradições festivas portuguesas, o entrudo era o nome dado ao tipo de folia promovido por diferentes setores sociais nos dias de carnaval – sendo a forma pela qual os dias de Momo eram comemorados até a segunda metade do século XIX. Fazia parte dele um jogo nos qual uns atiravam-nos outros líquidos e pós de diversas ordens, tendo como uma de suas armas os elegantes limões de cheiro<sup>96</sup>. Ao mesmo tempo, no entanto, o termo congregava as folias individuais de homens e mulheres fantasiados, que iam às ruas fazer brincadeiras anárquicas garantidas pelo anonimato das fantasias.<sup>97</sup>

Atacado pelos adeptos de uma modernidade de modelo francês, que viam nele a marca do atraso colonial, o jogo era alvo de freqüentes críticas da imprensa, que contavam com sucessivas posturas municipais proibindo a brincadeira ao

<sup>94</sup> A relação entre as sociedades carnavalescas e o teatro também pode ser pensada na presença das principais vedetes nos eventos desses grupos. Ver MENCARELLI, Fernando, *A cena aberta. A absolvição de um Bilontra e o teatro de revista de Arthur Azevedo*. Campinas, Ed. da Unicamp, 1999. p. 36

<sup>95</sup> Na publicação dos Fenianos intitulada “Farpas Fenianas” de 19 de fevereiro de 1881 há um texto que apela “as gentis senhoras, adorno de nossa sociedade civilizada, às bondosas mães de família. Às suas amáveis filhinhas,(...) até mesmo às sogras” que ajudem no combate ao “jogo selvagem” do entrudo já que “o carnaval, isto é, o espírito, pretende sabiamente, justamente, substituir o entrudo, isto é, o barbarismo”

<sup>96</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *O Carnaval das Letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*, Editora da UNICAMP. 2004.

<sup>97</sup> CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da Folia. Uma história social do carnaval entre 1880 e 1920*, São Paulo, Cia das Letras, 2001.

longo de todo o século XIX. Frente à ineficácia da repressão, o modelo de carnaval das Grandes Sociedades surgiu assim como uma alternativa ao entrudo. Colocadas como uma clara alternativa a um modelo de folia considerado bárbaro, as Grandes Sociedades surgem assim como uma tentativa de afirmar, nos trópicos, um modelo civilizado de carnaval, inspirado nos desfiles, carros alegóricos e ricas fantasias dos carnavais de Nice, Roma e Paris. Essa forma de pensar é vista na provocação dos Fenianos dirigida aos Tenentes através de um jornal publicado por aqueles onde diziam

“O Entrudo

O entrudo é indecente  
Num povo civilizado  
Esse jogo reprovado  
Só é próprio de um tenente

Retrogrado, cabeçudo  
Besuntão e maltrapilho  
Das selvas digno filho  
É quem jogar o entrudo”<sup>98</sup>

A brincadeira do entrudo caracterizada como bárbara e algo reprovado pelas regras da civilização que se propunha consolidar no Brasil através da festa servia de mote para a provocação a uma sociedade carnavalesca amiga. Sendo os versos publicados por conta do carnaval de 1881 vê-se a permanência do entrudo nas ruas da cidade. Uma questão proposta seria até que ponto pode-se pensar a prática do entrudo entre os próprios membros dessas sociedades carnavalescas.

Mas se o entrudo teria como uma de suas marcas a folia individual de homens e mulheres, que fantasiados pelas ruas da cidade se largavam aos prazeres que as brincadeiras carnavalescas permitiam, o modelo de carnaval proposto pelas Grandes Sociedades acabaria por romper com essa característica individual da brincadeira, onde essa população seria integrada como espectadores dos desfiles dos Tenentes, Democráticos e Fenianos e outras sociedades carnavalescas. Se a civilização estaria desfilando pelas ruas com o seu carnaval se diferenciando da barbárie do entrudo, o carnaval interno dessas sociedades carnavalescas iria se moldando dentro de uma lógica onde se ampliaria para os foliões masculinos a prática de certas liberdades pessoais como a grande presença de mulheres em seus

<sup>98</sup> *Farpas Fenianas*, 19 de fevereiro de 1881.

bailes que se mostrariam eventos muito distantes do que poderia se definir como familiar. Essas liberdades seriam levadas para o desfile diante da presença dessas mulheres em trajes sumários nos carros alegóricos, marcando assim uma diferença dos Tenentes para aquela primeira geração de sociedades carnavalescas.

A respeito da construção do carnaval dos Tenentes do Diabo, Mello Moraes Filho teve um texto publicado na *Gazeta de Notícias* em 1887, onde ele tratava da origem do carnaval e abordava as Grandes Sociedades Carnavalescas, afirmando ele que elas são dignas da

“gloriosa reputação que lhe dispensa o público, reputação adquirida pelo espírito sutil de suas idéias, pelo aparato grandioso de seus préstitos.

Margeando as correntes modernas, substituíram as cavalcadas numerosas, os carros de máscaras, a mascarada geral, os personagens disfarçados, pelas suas custosas bandas de música, pelas alegorias do porta estandarte, pelos carros de idéias, cada qual mais espirituoso e original, ou um mais rico.

Debaixo da roda desses carros, ficaram esmagados os alerquins, os polichinelos e outros tipos que outrora tanto nos divertiram.

E a alusão deixou de ser pessoal para (ilegível) mais das vezes, um círculo, um fato, uma ação. Aplaudidas muitas das suas críticas pela felicidade das reproduções, os acontecimentos mais ridículos e frisantes do ano são transportados para esses cenários ambulantes como para um baixo relevo executados por mestre. O povo ri-se a bom rir, porque, conhecendo o assunto, pode dar aos personagens os nomes autênticos”<sup>99</sup>

A fala de Mello Moraes Filho resume a expressão e força das Grandes Sociedades. Como elas associariam o encantamento artístico com a mobilização política ou social através de suas críticas que teriam a capacidade de abrir espaço para produção de sentidos distintos pelo indivíduo que assistia aos desfiles das sociedades carnavalescas. A capacidade de síntese dos desfiles no que tocavam os principais assuntos do ano ou aqueles que se encontravam na boca do povo não representando necessariamente nenhum fato político marcante.

<sup>99</sup> *Gazeta de Notícias*, 21 de fevereiro de 1887

## 1.2. OS TENENTES E SUA LÓGICA

É recorrente a idéia da ligação dos membros das Grandes Sociedades a grupos abastados ligados a atividade comercial e profissionais com poder aquisitivo. Esses grupos teriam no modelo de carnaval realizado por essas associações, com os seus desfiles pelas ruas da cidade com carros alegóricos a oportunidade de construir uma visão de mundo calcada nas referências da civilização européia, sobretudo a civilização francesa.

Outro ponto a ser salientado é a origem portuguesa de muitos dos membros dos Tenentes do Diabo. Pensando os baetas como homens prósperos no comércio e a predominância de portugueses como comerciantes e caixeiros, já que no período imperial brasileiro era uma prática de negociantes portugueses que atuavam no comércio carioca contratarem preferencialmente seus conterrâneos colocando em segundo plano para serem contratados brasileiros livres, libertos e escravos.

Assim, ao destacar essa presença portuguesa no comércio o objetivo é pensar a atuação desses homens de negócio na propagação do modelo de festa das Grandes Sociedades, uma vez que era comum o fato do caixeiro morar no local de trabalho se encontrando dentro da esfera de costumes do seu patrão<sup>100</sup> tendo pouco espaço para o seu lazer. Para pensar o possível apreço desses trabalhadores pelo modelo dos Tenentes não se pode deixar de levar em consideração o interesse que muitos desses caixeiros teriam em vender para os Tenentes do Diabo produtos para a montagem dos seus préstitos, representando para esse trabalhador a possibilidade de uma comissão bem vantajosa.

Essa composição social marcada pela presença portuguesa refletia na imagem construída a respeito dos Tenentes do Diabo como é visto no exemplo citado por Maria Clementina Cunha, ao apresentar notícia do jornal *Gazeta da Tarde* de 7 de fevereiro de 1883, onde se via a crítica do jornal dirigida ao chefe de polícia que demonstrava o seu descontentamento com o fato da diretoria dos Tenentes ser compostas de estrangeiros, ou seja, por portugueses que não teriam nenhuma ligação com a cidade e com o Brasil.<sup>101</sup>

---

<sup>100</sup> POPINIGIS, Fabiane. *Proletários de Casaca: trabalhadores do comércio carioca (1850-1911)*. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2007.

<sup>101</sup> CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da Folia. Uma história social do carnaval entre 1880 e 1920*, São Paulo, Cia das Letras, 2001.

Em uma publicação dos próprios Tenentes do ano de 1881, os redatores apresentam um de seus membros em uma coluna intitulada “perfis da caverna”. Na descrição que se segue, o membro escolhido era conhecido como “Grog”,<sup>102</sup>, que como “individualidade moral, representa a soma de duas entidades distintas: do comerciante e do poeta”<sup>103</sup>. Tendo o seu próprio negócio a sua faceta comerciante predominava durante o horário do expediente que ia das 7 horas da manhã até as 6 da tarde. Segundo o texto que o definia no jornal dos Tenentes do Diabo o seu lado comerciante o definia como uma pessoa que tinha método na sua forma de agir, algo que deveria ser caro a alguém na função de comerciante e tranqüilidade material para poder usufruir dos prazeres proporcionados na Caverna.

Outros casos para exemplificar a presença de comerciantes dentro das sociedades carnavalescas era o de Enéas Pontes. Presidente dos baetas em meados dos anos 1880. Tratava-se de um leiloeiro que tinha uma loja na Travessa de São Francisco de Paula, número 11.<sup>104</sup> Leiloes diversos como no exemplo ao lado de um anúncio publicado por Eneas Pontes.

<sup>102</sup> é o nome de uma bebida alcoólica, servida quente, composta de rum misturado com água e cascas de limão

<sup>103</sup> O martinho: harmonium, extraordinario e extemporanio dos tenentes do diabo ano 25 n.2 4fev 1881.

<sup>104</sup> Planta dos terrenos na fabrica das Chitas pertencentes aos Srs. Amaro da Silva Guimarães e Joaquim da Silva Guimarães dos quaes Enéas Pontes fará leilão hoje sabbado 2 de fevereiro de 1884 as 11 horas da manhã. *O Paiz*, 2 de fevereiro de 1884.

# LEILÕES

AOS SRS. SPORTSMEN  
ENÉAS PONTES

completamente autori-  
zado, vai submeter em  
publico

## LEILÃO

a muito conhecida e qua

## RISSETTE

zaina, de 3 annos,

7/8 de sangue,

filha de Saus Pareil  
e Rosina

O LEILÃO TERÁ LOGAR  
QUINTA-FEIRA 24 DO CORRENTE

A 1 HORA DA TARDE

27 Travessa da Barreira 27

Cochoira dos Srs. Theodoro Sedostron  
& Guimarães

Para qualquer infor-  
mação, no escriptorio do  
annunciante, á travessa  
de S. Francisco de Paula  
n. 11.

Em 1886, quem se encontrava na função de presidente dos Tenentes era Antonio Julio Pereira Cabral, também era um comerciante atuante na Praça do Rio de Janeiro. Essa inserção pode ser vista em uma sociedade que foi dissolvida e tinha Antonio Julio como sócio comanditário<sup>105</sup>, sendo este a pessoa que entra apenas com o capital não tendo sob sua responsabilidade nenhum outro aspecto que diria respeito à sociedade. O que é possível perceber, pelo menos para a década de 1880 e início dos anos 1890 é a presença de altos negociantes no quadro social dos Tenentes do Diabo.

Recupera-se aqui a descrição realizada a respeito do “Grog”, que tinha além de sua faceta de homens de negócio o seu lado poeta, para falar da relação do mundo letrado com os Tenentes do Diabo. Valorizava-se esse baeta por ele emprestar a sua capacidade criativa, artística para escrever alguns versos que seriam publicados pelos Tenentes do Diabo em ocasiões festivas. Essa sua vertente poética era responsável por contribuir em “alegria artística, em pitoresco e no ridente das imaginações criadoras”<sup>106</sup>. Imaginações criadoras para alimentar uma valorização do prazer, dos valores defendidos por seus integrantes como falavam em uma de suas publicações próprias que “na nossa qualidade de representantes da opinião, procuramos dirigir os espíritos segundo a nova orientação mental, assinada pela classificação hierárquica das ciências e pela religião da humanidade”.<sup>107</sup> Essa opinião estava presente nos seus desfiles e eventos internos.

Essa relação com o mundo letrado se acentuava quando um dos membros da Sociedade Euterpe Comercial era um destacado escritor como o caso de Filinto de Almeida. Nascido em Portugal em 1857, na cidade do Porto, faleceu no Rio de Janeiro no ano de 1945, cidade onde desenvolveu o seu trabalho de jornalista, poeta, romancista, teatrólogo, se tornando membro da Academia Brasileira de Letras. Desta forma, emprestou as suas habilidades artísticas para expor a opinião dos Tenentes do Diabo quanto a celebração da alegria, da galhofa e do prazer.

<sup>105</sup> *Diário Oficial da União*, 27 de fevereiro de 1899.p. 16, seção 1.

<sup>106</sup> O martinho: harmonium, extraordinario e extemporanio dos tenentes do diabo ano 25 n.2 4fev 1881.

<sup>107</sup> O martinho: harmonium, extraordinario e extemporanio dos tenentes do diabo ano 25 n.2 4fev 1881.

Assinava os seus versos como Belfogor, maneira pela qual criou a sua fama no pavilhão baeta.<sup>108</sup>

A união desse mundo letrado como meio de expressar um modelo de vida alicerçado na prosperidade econômica oriunda dos homens de negócio<sup>109</sup> cujos recursos permitiriam produzir os seus eventos ao longo do ano e caracterizá-los pelo luxo e elegância, marca constantemente sublinhada pela imprensa como no registro a seguir quando

“À tarde percorreram as ruas da cidade enfeitados e alcatifados de feitiços diversos, sociedades e muitos máscaras avulsos. Entre aqueles distinguiram-se pelo bom gosto e riqueza dos trajes e pelo séquito numeroso o Club X, o Az de espadas, os Tenentes do Diabo...”<sup>110</sup>

Se o exemplo acima faz menção ao préstito realizado pelos Tenentes do Diabo, essa descrição sobre eles também era vista a respeito dos seus bailes através da notícia publicada no jornal *Folha Nova* em fevereiro de 1883, que descreve um baile organizado pelos baetas da seguinte maneira:

“Os Tenentes do Diabo deram o seu primeiro baile à fantasia, na noite de anteontem, no Teatro D. Pedro II, que elegante e luxuosamente adornado, produzia uma alegria contagiosa em todos aqueles que lá estavam. Uma sociedade escolhida e numerosíssima foi cumprimentar os satânicos foliões, que atraíam com as suas sátiras”<sup>111</sup>

A relação dos bailes com os teatros foi uma característica das sociedades carnavalescas onde em 1867 via-se o comentário em um anúncio do Teatro Lírico Fluminense onde este se colocava como o lugar “preferido pela essência das Sociedades desta capital” quando dizia respeito à realização dos bailes sendo o “templo cosmopolita de prazeres, loucuras, gozos, traições, intrigas, ilusões, deleites e magias”<sup>112</sup>.

Essa preferência, não seria por qualquer teatro, uma vez que este representava uma atração para as pessoas com elevada condição financeira. Onde

<sup>108</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *O Carnaval das Letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*, Editora da UNICAMP. 2004.

<sup>109</sup> “Convem, todavia, acentuar que o predomínio exclusivo de uma das duas naturezas, em nada importa à harmonia absoluta do conjunto geral: Grog é um bom poeta e um bom comerciante”. Essa integração seria importante não só para Grog, mas para os próprios Tenentes e sua existência. Martinho...

<sup>110</sup> *O Correio Mercantil* de 04 de março de 1867

<sup>111</sup> *Folha Nova* 06 de fevereiro de 1883.

<sup>112</sup> *Diário do Rio de Janeiro*, 03 de março de 1867.

o Teatro Lírico, antigo D. Pedro II dava “a seus freqüentadores maior lustre, sendo, aos elegantes, de bom-tom ter uma casa em Petrópolis, um carro, um camarote nessa casa, na categoria de assinante, e ir aos bailes do Cassino Fluminense”.<sup>113</sup>

A sociedade recebida pelos Tenentes era a dos Políticos. Uma sociedade co-irma que se solidarizava diante das dificuldades como no incêndio que devastou a Caverna em 1889 e as alegrias de um baile. No entanto, é essa condição de compartilharem os mesmos valores que motivou o convite feito pelos Tenentes. A distinção não se dava apenas em relação às folias carnavalescas se diferenciando do entrudo, como também no campo social. Dentro dessa relação amistosa que marcava de modo geral esses grupos carnavalescos via-se a reafirmação de seu modelo de funcionamento. Lógica que fica clara com o trecho abaixo quando ao falar o que não eram os Políticos reafirmam as qualidades dos Tenentes. Só a partir do momento em que os Políticos são vistos a semelhança dos Tenentes é que eles podem se unir como iguais em uma comemoração promovida pelos baetas.

“O espírito fino, delicado, que não desce à chula, que atrai, que subjuga, era a divisa dos Políticos, que unidos aos Tenentes, uns diabos, que ao invés de se banharem em águas sulfurosas como o rei dos infernos, são verdadeiros herdeiros de Hoffman<sup>114</sup>, quando imaginam noites fantásticas, mostraram que o carnaval é a gargalhada, é o *ridendo castigat mores!*”<sup>115</sup>

O “espírito que subjuga”, aquele que fica acima do outro, definido como “chula”, que em relação às manifestações culturais na cidade era associada a um ritmo que seria representado por músicas em poucos versos, “receberam esse nome por constituírem na verdade, chularias postas em curso pelos chulos, ou seja, a gente de mais baixa condição social”<sup>116</sup> e levando-se em conta a sua popularidade “que de coisa de gente chula iam passar a chulas”<sup>117</sup>.

A linguagem marcada por hipérboles está associada ao próprio exagero que se vivencia na festa, na dimensão da alegria e do prazer que ela possibilita. A

<sup>113</sup> BORGES, V.. Em busca do mundo exterior: sociabilidade no Rio de Machado de Assis. **Revista Estudos Históricos**, América do Norte, 2, fev. 2002. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2143/1282>. Acesso em: 01 Jul. 2012.

<sup>114</sup> Acredita-se que trate do pintor alemão Ernst Theodor Amadeus Wilhelm Hoffmann.

<sup>115</sup> *Folha Nova*, 06 de fevereiro de 1883.

<sup>116</sup> TINHORAO, José Ramos. *Historia Social da Música Popular Brasileira*, Editora 34, p.61

irreverência que marcava a fala dos clubes carnavalesco através da ironia fina, constituindo em um elemento de crítica dos costumes onde “tratava-se em sua fantasia contestatória não de destruir, mas apenas de castigar o que se considerava errado, conforme o melhor sentido latino de busca da emenda pela advertência”. Desta maneira, entende-se a expressão *ridendo castigat mores*<sup>118</sup> como “corrige os costumes rindo, ou com riso ou a rir” segundo a explicação de Tinhorão.<sup>119</sup>

Essa expressão se propagaria através do teatro cômico tendo uma função moralizadora na qual atuaria a comédia e a sátira. Castigar os costumes vistos nas ruas na segunda metade do século XIX seria uma característica do modelo de carnaval e associação que representavam os Tenentes.

Torna-se importante não enxergar a Sociedade Euterpe Comercial Tenentes do Diabo apenas dentro da sua existência como sociedade carnavalesca. Os Tenentes buscam a sua existência ao longo do ano todo, construindo redes de sociabilidade, se envolvendo em questões políticas e sociais como ajudar um hospital situado em Santos e que trabalhava com grande dedicação aos enfermos acometidos pela febre amarela. Essa ajuda consistiu em nomear uma comissão que se dirigiu as ruas para esmolar em favor desse hospital, obtendo o valor de 427\$ que foi enviado ao provedor da Santa Casa.<sup>120</sup>

Ao arrecadarem os recursos poderiam organizar bailes em contentamento e alegria pelo resultado de sua ação e desta maneira “solenizar a entrega dos donativos angariados em favor das criancinhas abandonadas”, por exemplo.<sup>121</sup>

Outros eventos para além dos desfiles e bailes carnavalescos marcaram a existência da Sociedade Euterpe Comercial Tenentes do Diabo. Em pleno mês de setembro a “Euterpe recebe em seus salões aos cavalheiros e Exmas famílias, que para o baile de hoje teve a honra de convidar”<sup>122</sup> fato que se repetiria no mês seguinte em uma reunião familiar sendo responsabilidade do sócio requisitar os convites.<sup>123</sup>

<sup>117</sup> TINHORAO, José Ramos. *Historia Social da Música Popular Brasileira*, Editora 34, p.62

<sup>118</sup> Essa máxima em latim é oriunda do poeta neolatino Jean de Santeuil, que a escreveu para caracterizar o busto do arlequim Domenico Biancolelli, no século XVII. Ver **KAREN FERNANDA RODRIGUES DE SOUZA**. As cores do **traço**: paternalismo, raça e identidade nacional na. *Semana Illustrada* (1860-1876) (Dissertação de mestrado – UNICAMP., pp. 38-39)

<sup>119</sup> TINHORAO, José Ramos. *Historia Social da Música Popular Brasileira*. Editora 34

<sup>120</sup> *Gazeta de Notícias*, 23 de abril de 1876.

<sup>121</sup> *Gazeta de Notícias*, 16 de maio de 1890.

<sup>122</sup> *Gazeta de Notícias*, 23 de setembro de 1876.

<sup>123</sup> *Gazeta de Notícias*, 22 de outubro de 1876.

Importante é essa diferenciação entre os eventos familiares<sup>124</sup> e os demais eventos, muito mais recorrentes, que aconteciam na sede dos Tenentes do Diabo. Por ocasião da reinauguração de sua sede após a destruição causada pelo incêndio em 14 de janeiro de 1889, anunciava-se nas páginas da *Gazeta de Notícias* o grande baile familiar a ser realizado no dia 25 de janeiro de 1890 com o objetivo de inaugurar o novo edifício que abrigaria os baetas. Nesse intento, foram disponibilizados convites especiais para as famílias dos associados.

Nesse grande baile familiar aconteceria a apresentação musical sob responsabilidade do Grupo Estudantina. Sob a execução de três sócios ocorreria uma exibição de cítaras. Sendo o evento familiar, se daria a apresentação do sócio Sr. Sócrates Valeriano e sua exma. esposa que executariam diversas peças de seu vastíssimo repertório em copophene acompanhado de piano.<sup>125</sup>

Esse evento que reinaugurou a sede dos Tenentes do Diabo foi aberto com os seguintes versos

“Nós do amor filhos ardentes,  
Alerta! Estamos de pé!  
Evohé! Bravos Tenentes  
Evohé, Evohé!”

A prontidão para o amor dos versos não tratava do amor familiar, mas daquele amor pelas mulheres que iam a outros tipos de eventos na Caverna, mas como bem diz a própria *Gazeta de Notícias* esse nome era utilizado em outros momentos, já que havia a presença de famílias reabria-se não a Caverna, mas sim os salões<sup>126</sup> baetas num “esplendido baile familiar” mostrando-se desta maneira

<sup>124</sup> Talvez como protesto pela transferência do carnaval de 1892 para o mês de junho os Tenentes no lugar de seus típicos bailes carnavalescos fizeram um evento familiar como descreve a *Gazeta de Notícias*: “Os velhos baetas não quiseram este ano abrir os seus esplendorosos salões à folia e à alegria carnavalescas e ofereceram baile a sério aos seus sócios e convidados. Os salões estavam preparados com muito luxo e a digna diretoria fez o possível para bem receber os que tiveram ventura de ser convidados para tão excelente reunião familiar.

As exmas senhoras que abrilhantaram a festa com as suas presenças, apresentaram-se, algumas, com riquíssimas e custosas toillettes”. *Gazeta de Notícias*, 20 de junho de 1892.

<sup>125</sup> *Gazeta de Notícias*, 24 de janeiro de 1890.

<sup>126</sup> A descrição da sede dos Tenentes no dia da reinauguração de sua sede era apresentada da seguinte maneira: “À porta, no saguão, havia um verdadeiro bosque profusamente iluminado pela extensa gambiarra e por inúmeros focos de gás; e o verde escuro da folhagem contrastava singularmente com as cores vivas da tapeçaria da grande escada.

Em toda extensão da sala, até o posto da banda de música oito filas de cadeiras, quatro de cada lado, estavam ocupadas por Exmas senhoras. Ao fundo o Buffet magnífico servido pela casa Paschoal. No correr das paredes, estatuetas, troféus, bandeiras recebendo em cheio a luz de quatro enormes lustres que pendiam do teto e de muitos picos de gás colocados de intervalo a intervalo. Toda a ornamentação foi feita pela casa Alfredo Villela & C., que fez predominar artisticamente as cores do clube.

que o tempo no lugar de desgastar a imagem dessa associação a fortalecia já que conforme a presença dos Tenentes na cidade se prolongava mais remoçados ficavam<sup>127</sup>.

Os bailes preenchiam a Caverna de alegria esplendor como apresentava a *Gazeta de Notícias* ao falar que os “salões dos velhos baetas tinha o aspecto de uma dessas grandes apoteoses com que o pincel mágico de Colliva sabe deslumbrar e entusiasmar as platéias de nossos teatros”.<sup>128</sup> Com esse mesmo entusiasmo, os bailes eram dirigidos a homenagear ilustres sócios como a ocasião da chegada “do nosso chefe, Exmo General Vatapá que de volta de sua viagem ao velho mundo terá a ventura de passar em revista todo o grande exército do averno”<sup>129</sup>, em dia de um baile estrondoso e legal, para nessa revista se certificar de quem já se encontrava preparado para o carnaval do próximo ano.

O evento teria reservado a “este ilustre oficial do Reino de Plutão”<sup>130</sup> grandes surpresas, mas um momento importante seriam os mimos trazidos por esse ilustre baeta, de sua viagem, no intento de presentear as amadas proserpinas. Evento tão solene e importante, também serviria para premiar os vencedores de um concurso de valsa promovido pela iniciativa do Grupo dos Torneiras.<sup>131</sup>

É recorrente a referência a elementos mitológicos nas publicações<sup>132</sup> dos Tenentes. Neste caso, Proserpina faz referência à mitologia Greco-romana, onde ela seria filha de Júpiter e Ceres, raptada por Plutão, Deus do submundo, que encantado com sua beleza desejava casar-se com tão bela jovem. Neste exemplo, se vê a reprodução de dois elementos importantes no imaginário dos eventos dos baetas. A mulher bela que encanta, seduz, leva o homem a tomar atitudes extremas diante do encantamento que essa mulher provoca e o desejo de tê-la para si. O outro ponto diz respeito à própria idéia da Caverna e sua ligação com os

---

‘A direita de quem entrava, em pavimento superior que comunicava com o salão por uma pequena escada, foi armada a mesa da ceia para representantes da imprensa, comissões e etc. Ali, no intervalo da terceira para quarta quadrilha foram erguidos entusiásticos hurras! Aos brindes com que foram vivamente saudados os Tenentes e agradecidas as amabilidades com que eles penhoraram aos seus convidados, o que, aliás, é habitual não só por parte da sua distinta diretoria como de cada um dos dignos membros da ilustre sociedade carnavalesca.” *Gazeta de Notícias*, 27 de janeiro de 1890.

<sup>127</sup> *Gazeta de Notícias*, 27 de janeiro de 1890.

<sup>128</sup> *Gazeta de Notícias*, 10 de fevereiro de 1891.

<sup>129</sup> *Gazeta de Notícias*, 02 de dezembro de 1891.

<sup>130</sup> *Gazeta de Notícias*, 02 de Dezembro de 1891.

<sup>131</sup> *Gazeta de Notícias*, 02 de fevereiro de 1891.

lugares mais obscuros da terra. A sua ligação mais intrínseca com os sentimentos mundanos aqui associados ao prazer, a pilheria, ao gozo.

Os bailes e festas promovidas pelos Tenentes do Diabo abriam espaço para outros tipos de eventos para além do carnaval. Nesses mesmos eventos, vê-se o destaque que a música ocupava nas atividades desenvolvidas pelos Tenentes do Diabo ao longo do ano e abria espaço para outros tipos de apresentações. Em outubro de 1892, os Tenentes do Diabo anunciavam uma “grandiosa festa artística” onde se realizaria uma “imponente sessão de prestidigitação e outros trabalhos de alta magia, gentilmente organizados pelo insigne Dr Henrique Moyá e sua Exma senhora” quando também ocorreria a apresentação da “briosa banda da Euterpe”.

Esses momentos também se apresentavam como ocasiões importantes para que os Tenentes do Diabo pudessem ampliar as suas receitas, já que por conta do evento acima mencionado se solicitava o comparecimento dos sócios já que o seu “valioso concurso” permitiria que o valor arrecadado, descontados os gastos, fosse “aplicado a dar principio à restauração da biblioteca social”<sup>133</sup> que foi destruída pelo incêndio de 1889.

Entre apresentações de ilusionismo e concursos de dança, havia espaço para um lazer masculino, que era o jogo de bilhar, cuja disputa foi organizada em um “Torneio de Bihar e Bagatela”, com direito a prêmios cuja entrega foi formalizada em uma “grandiosa festa principesca”.<sup>134</sup> A entrega dos prêmios ficaria a encargo dos representantes da imprensa da cidade do Rio de Janeiro.

Nas datas comemorativas marcantes do ano como Natal, ocorria uma “festa com todo o brilhantismo e rigor característico da época tomando parte a banda social que executará as melhores peças concertantes de seu repertório”<sup>135</sup>. Durante o Ano Novo, a Caverna era um lugar bastante concorrido, quando se davam bailes como o que ocorreria na virada de 1891 para 1892, se realizando um “estático e magnético baile fantasmatoscopio para ter lugar a maior das surpresas que se tem realizado na Caverna”. Mas qual seria essa surpresa? Parece que era a inauguração do “terrível... e furibundo... Zé pereira” cuja finalidade seria

<sup>132</sup> No anúncio de um baile no ano de 1891, explicava-se que o “radiante e pomposo” baile foi organizado a “pedido dos diversos amadores da deusa Terpsicore”, sendo esta musa da dança na mitologia grega. Ver *Gazeta de Notícias*, 13 de maio de 1891.

<sup>133</sup> *Gazeta de Notícias*, 25 de outubro de 1892.

<sup>134</sup> *Gazeta de Notícias*, 12 de outubro de 1892.

“afugentar de vez as furnas de Belzebu – o revolucionário e desordeiro ano de 1891”.<sup>135</sup> Ano marcado por crise econômica, turbulência política diante de eleições para presidente.

Para além dos bailes familiares ou carnavalescos, realizavam-se outros eventos que não estavam associados à Caverna o grande templo baeta das loucuras, festas e alegrias. Assim, dentro do processo de mudanças que marcaram o fim do século XIX passava-se a valorizar outros tipos de divertimentos como aqueles ligados ao mar, como banhos, corridas de barcos. Eventos como piquenique também fariam parte da pauta de eventos sociais organizados pelos baetas. Desta maneira, se organizava um “grande passeio marítimo e campestre, suntuoso piquenique e regatas na pitoresca Ilha de Paquetá”<sup>137</sup>. O encontro dos sócios, convidados e familiares ocorreria na sede social de onde se dirigiriam para a ponte fluminense, onde haveria uma barca aguardando o grupo. Para que pudessem participar do evento necessitavam apresentar um cartão especial, método utilizado em eventos especiais.

Esse mesmo evento foi objeto de agradecimentos publicados na Gazeta de Notícias pela comissão organizadora do passeio marítimo, piquenique e regatas. Agradece especialmente ao Grupo dos Canotiers, grupo responsável pela realização de quatro páreos de regatas que tiveram como juízes “de partidas e chegadas os Ilms. Srs. Capitão – tenente Laurindo José Martins Penha, Ferreira Júnior, Dias de Carvalho”.<sup>138</sup>

---

<sup>135</sup> *Gazeta de Notícias*, 24 de dezembro de 1891.

<sup>136</sup> *Gazeta de Notícias*, 31 de dezembro de 1891.

<sup>137</sup> *Gazeta de Notícias*, 14 de agosto de 1892.

<sup>138</sup> *Gazeta de Notícias*, 17 de agosto de 1892.

### 1.3. UMA CAUSA POPULAR

Tão grande era o público que o desfile dos Tenentes atraía ao centro da cidade que suas passeatas eram ansiosamente esperadas não só por espectadores, mas também por comerciantes que almejavam ampliar a sua receita pela venda de produtos ou alugueis de sacadas e varandas<sup>139</sup>.

Uma possível explicação para a popularidade de sociedades como os Tenentes estaria nos atrativos que eles levavam às ruas nos dias de folia – em especial o modo pelo qual se dava a presença feminina nos carros que compunham o desfile dessa sociedade carnavalesca.

Um bom meio de compreender o sentido da apresentação dessas mulheres nos desfiles dos Tenentes é analisar um jornal produzido pelos próprios Tenentes em 1880: *O Diabo da Meia-Noite*, distribuído na caverna nos dias de sábado, que se definia como “o órgão das diabruras semanais dos Tenentes do Diabo”. “Escrito por uma comissão de diabretes, ele dará a todos os diabos, circunstanciada noticia das ocorrências da caverna”, explicavam seus redatores<sup>140</sup>. Eram supostamente essas “diabretes” que definiriam, na folha, o perfil daquilo que um de seus artigos define como “A Mulher dos Tenentes”. Tratava-se, segundo o artigo, de tentar partir de exemplos concretos para buscar o “ideal de mulher necessária, coerente com a tirania climatológica deste país, onde a natureza humana precisa, fisiologicamente falando, de um quase constante derramamento de fluido nervoso, para andar leve e escorreita como um impúbere baby.”<sup>141</sup> Dentro dessa proposta, o artigo desenhava o perfil de necessário uma mulher que reunisse em si o melhor de vários tipos que sozinhos não dariam conta das necessidades que se apresentavam “para as bacanais da caverna”. Assim, precisava-se “da mulher que compendie na origem das virgens do norte o olhar chispeante da andaluza, a desenvoltura nervosa da francesa, a doçura inefável da italiana, o perfil elegantíssimo da grega; humilde como Argar e altiva como a

<sup>139</sup> *Gazeta de Notícias*, 10 de fevereiro de 1891: “A procura de localidades tem sido extraordinária da parte dos que, a gosto, querem assistir a passagem das sociedades. Sabemos até que já se alugou uma janela por um conto de réis na Rua do Ouvidor”. Ver ainda FERREIRA, Felipe. *Inventando Carnavais. O surgimento do carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas*. Editora UFRJ, 2005.

<sup>140</sup> *O Diabo da Meia-Noite*, ano I, 17 de janeiro de 1880

<sup>141</sup> *O Diabo da Meia-Noite*, ano I, n.1, 17 de janeiro de 1880

germânia.” Essa mulher ideal era sintetizada na seguinte colocação do autor do texto: “Queremos a mulher-gata”<sup>142</sup>.

Dentro desse universo masculino que marcava a existência dos Tenentes do Diabo e das outras Grandes Sociedades e a imagem que construíam das mulheres, como no exemplo acima, perpassava pela oposição honesta / prostituta. “Por meio destas figuras, eles construíram uma auto-imagem de [senhores da alegria], dos donos da festa, atribuindo-se a função de determinar os lugares e funções dos outros na folia”<sup>143</sup>. O lugar da mulher seria então proporcionar o prazer a esses homens quando se tratasse das candidatas a “mulher – gata” ou as honestas quando esses homens precisavam cumprir convenções sociais e se apresentarem ao lado de suas respectivas famílias, momento em que a Caverna era chamada apenas como sede já que o que ocorria na Caverna não era apropriado para mulheres de família.

Essa oposição apresentada também era expressa na forma pela qual se dirigiam ao público feminino. Quando se tratava das senhoras ligadas a grupos sociais mais abastados, que se encontravam nas varandas e sacadas as expressões recorrentes eram as “belas fluminenses ou distintas senhoras”. No entanto, quando se tratava do outro lado eram chamadas de “filhas de pecados” ou “camélias” para “que os sócios se definissem como os licenciosos senhores da alegria nos seus bailes”<sup>144</sup>,<sup>145</sup>. Essa licenciosidade em relação à mulher poderia ser vista no estandarte dos Tenentes do Diabo ao ter em seu desenho a representação de “uma formosíssima mulher que traja corpete, calções de meia cor de lírio e saiote de bailarina, que não oculta umas formas petulantes e provocadoras”. Trajes esses que não estavam de acordo com mulheres honestas e de família que marcavam presença nos desfiles ou nos eventos familiares promovidos por esses foliões. No trecho de um pufe publicado pelos Tenentes se tem outro exemplo das mulheres que freqüentavam a Caverna

“Filhos da Candinha e Filinhas louras!

<sup>142</sup> *O Diabo da Meia-Noite*, ano I, n.1, 17 de janeiro de 1880

<sup>143</sup> CUNHA, Maria Clementina. *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura*. Editora da UNICAMP, 2002. p. 311-312

<sup>144</sup> “No salão, repleto de sócios e damas, viam-se entre estas finíssimas fantasias, como a de uma cigana que em vez de carta atirava flores; uma pastora dos alpes; uma dançarina ...” *Gazeta de Notícias* 02 de fevereiro de 1891.

<sup>145</sup> CUNHA, Maria Clementina. *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura*. P.12. Editora da UNICAMP, 2002, p.312.

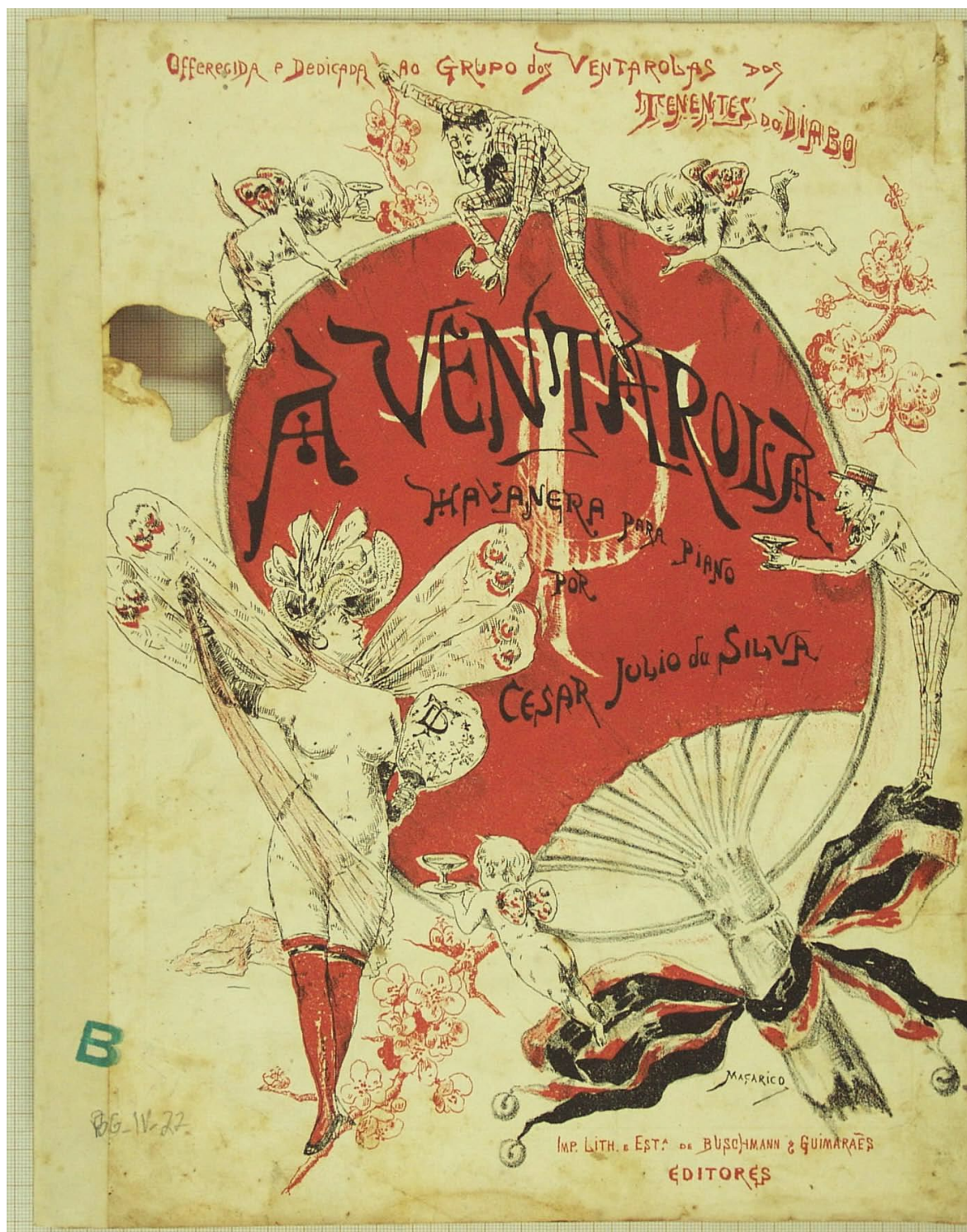
Desterrai de vez os pesares e tristezas, erguei alto o vosso espírito. Subi comigo nas asas do entusiasmo as regiões do Éter e lá vereis as Sílides dar-vos o exemplo da vida, dançando a luz das estrelas e entoando hinos ao prazer e a alegria com umas doidinhas cá de baixo!

(...)

Ainda mais! Os masculinos que não trouxeram distintivo não terão entrada, assim como o gênero feminino que vindo só, não vier também lendo uns cartoesinhos que eu cá sei”.<sup>146</sup>

Retomando o texto publicado por um redator do jornal o Diabo da Meia Noite dos Tenentes valorizava as qualidades de diversas mulheres com origens étnicas e culturais distintas dentro de um universo europeu ao falar das germânicas, francesas entre outras. Define a “nossa índole” como calaceira, ou seja, que não demonstra muito interesse pelo estudo ou trabalho, preferindo a ociosidade. Dentro desse prisma, se for entendido aqui o ócio como um tempo dirigido à criatividade, ao lazer a atividades prazerosas, os Tenentes em seu discurso demonstravam um grande gosto por esse estilo de vida. Constroem a mulher dos salões e desfiles dos Tenentes como um acessório construído de tal maneira que se assemelha a uma colcha de retalhos que na soma de todas as partes produziria um ser utópico, ideal, que é constantemente exaltado nos versos dos pufes dos Tenentes. Essa exaltação de uma mulher mitológica, angelical em sua beleza é uma marca dos pufes, expressando a virtude dessas mulheres freqüentadoras da sede dos Tenentes como heroínas em seu papel de promover a alegria, o prazer nos eventos de sua sede ou nos seus desfiles durante o reinado de momo. Uma mulher heroína, bela e sedutora, mas não de família. Impressão presente na imagem abaixo em sua sugestão de amor (cupidos), bebedeira e lascívia (mulheres nuas).

<sup>146</sup> *Gazeta de Notícias*, 27 de fevereiro de 1876



(Capa de partitura oferecida ao Grupo dos Ventarolas pertencentes aos Tenentes do Diabo pelo músico Silva, Cesar Julio da mestre da banda policial da província – Biblioteca Nacional)

Não é um acaso, nesse sentido, que o ponto alto do desfile de 1889 tenha sido, segundo o noticiário dos grandes jornais, o carro alegórico que o encerrava, representando uma rica estante com um livro aberto que trazia em suas páginas as

“consoladoras palavras”: “Já não há mais escravos”.<sup>147</sup> Essa relação com o movimento abolicionista já foi apresentada em outros trabalhos como no de Clementina que traz em sua análise da crítica à escravidão presente nos desfiles através de uma ilustração de Ângelo Agostini na *Revista Ilustrada*. Um dos carros de crítica, chamado "A Mancha de Júpiter", tratava de forma irreverente a falta de posicionamento do Imperador diante da escravidão.

Dialogavam com o debate político e social do período ao trazerem críticas à escravidão e à monarquia, tornando-se atuantes defensores da abolição<sup>148</sup> e da República<sup>149</sup>. Esse posicionamento se via em outros casos quando

“calcula-se em seiscentos e tantos mil réis a soma recolhida pela sociedade Estudantes de Heydelberg, no seu passeio carnavalesco, para a liberdade do escravo que praticou um ato nobre e generoso, no grande desastre de Icaraí, salvando uma moça de morrer afogada.

O cofre com o dinheiro foi depositado na polícia, continuando hoje a sociedade a recolher novos donativos.

A sociedade Tenentes do Diabo já deliberou em concorrer com a quantia de 100\$000”.<sup>150</sup>

Na defesa de tais ideais os Tenentes deixaram em 1884 de realizar carnaval externo para reverter a sua receita para a alforria de escravos<sup>151</sup>. Nesse ano, os baetas percorreram as ruas da cidade a pé “levando a sua frente uma banda de música que era precedida pelo estandarte, de cujas extremidades pendiam cordões de seda. Nestes cordões pegavam os libertandos que ontem receberam suas cartas de liberdade”<sup>152</sup>. Atitudes como esta valeram aos Tenentes do Diabo grande prestígio e popularidade<sup>153</sup>, fazendo dela junto com as outras Grandes Sociedades, de fato um dos mais esperados eventos dos dias de Momo no Rio de Janeiro. Esse prestígio parecia estar assim de todo consolidado quando, no mesmo ano, os Tenentes do Diabo, receberam uma homenagem da Confederação

<sup>147</sup> *O Paiz*, 04 de março de 1889.

<sup>148</sup> Na *Gazeta de Notícias* de 23 de fevereiro de 1887, fala que ao final do desfile dos Tenentes se apresentou uma alegoria à liberdade.

<sup>149</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *O Carnaval das Letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*. Editora da UNICAMP, 2004.

<sup>150</sup> *Gazeta de Notícias*, 29 de fevereiro de 1876.

<sup>151</sup> “Esta sociedade não sai este ano em préstito carnavalesco (...) porem com o produto de uma subscrição aberta entre os seus sócios libertará alguns escravos fazendo a entrega das cartas em seus salões e saindo depois em passeata, acompanhados dos libertos. Não lhe faltarão flores, nem aplausos da população”. *Gazeta de Notícias* 25 de fevereiro de 1884

<sup>152</sup> *Gazeta de Notícias*, 27 de fevereiro de 1884

<sup>153</sup> O prestígio deste ato não estava relacionado apenas a homenagem da Confederação Abolicionista, mas por outras atitudes como a doação de 50\$ realizada pela comissão de festejos da Rua do Hospício, entre as do Ourives e Uruguaiana, que entregaram o referido valor a diretoria dos Tenentes para que empregassem a quantia na libertação de escravos.

Abolicionista pela importância de sua atuação<sup>154</sup> – atestando com isso a força e importância assumida então pela associação.

É importante ressaltar que os Tenentes não só deixaram de desfilar, como tornaram pública a sua atitude. De pés no chão e não em cima de carros alegóricos ou montados em cavalos, percorreram as ruas da cidade apresentando o seu feito, já que tinham entre eles os escravos libertados. Se nessa atitude tem a ocupação do espaço público, reforçava-se a importância da sede dos Tenentes e dos seus eventos internos, uma vez que foi a Caverna o local da entrega da carta de alforria.

Ao expor o seu desfile os Tenentes traziam um posicionamento crítico aos fatos que ocorriam na sociedade do Rio de Janeiro e sobre questões políticas que envolviam o país como um todo. A idéia de um Estado que servia a um grupo minoritário era passada pela Gazeta de Notícias ao comentar um carro de crítica dos Tenentes da seguinte maneira

“Os Tenentes do Diabo vestiam-se de bebês e conduziam um carro sobre o qual uma vaca de leite rodeada de figurões, uns de casaca bordada, outros fardados e finalmente alguns vestidos de jesuítas. A alusão era fricante, e todo mundo concordava em dizer que a tal vaquinha, não podia ser senão a do Estado”<sup>155</sup>

Os Tenentes do Diabo, uma sociedade carnavalesca que reproduzia um espaço de sociabilização masculina, trazia para os seus eventos internos mulheres cujas condições não as colocariam como mulheres de famílias. Mostrava em sua força interna a possibilidade desse homem satisfazer a sua busca pelo prazer, alegria e festividades para além das convenções sociais e familiares. Força que se viu através de sua reconstrução após incêndio que consumiu a sua sede pouco antes do carnaval

Se muitos adeptos dos baetas procuravam a Caverna em busca das maravilhas descritas sobre os seus acontecimentos, a sua feição pública foi construída no diálogo com o contexto em que se inseria. Mesmo tentando se apresentar como modelo civilizado de carnaval lançou mão de mulheres seminuas em seus carros representando alegorias como a liberdade ou a república. Posicionou-se a favor de demandas políticas importantes como o abolicionismo e o republicanismo, convergindo um público para os seus desfiles por motivos distintos, seja pela riqueza dos préstitos, pelos carros de crítica, mulheres

<sup>154</sup> *Gazeta da Tarde*, 27 de fevereiro de 1884

seminuas ou por envergar bandeiras que eram erguidas por diferentes grupos daquela sociedade.

Fecha-se o préstito falando que não há mais escravos, logo viria a Republica e suas possibilidades, mas uma nova realidade bateria as portas dos Tenentes do Diabo.

---

<sup>155</sup> *Gazeta de Notícias*, 29 de fevereiro de 1876.

## 2. AS NOVAS FORMAS DA FOLIA

No dia 19 de fevereiro de 1906, os leitores do jornal *O Paiz* se depararam com uma nota singular. Em tom de celebração, a notícia comemorava o ressurgimento dos Tenentes do Diabo, que em 1901 haviam sido dissolvidos, “deixando de seus feitos uma tradição gloriosa e imortal”<sup>156</sup>. Surpreendente para os que tivessem ainda em mente o sucesso deles no carnaval de 1889, esse desaparecimento havia ocorrido em função da falência da Sociedade Euterpe Comercial Tenentes do Diabo. Desde então, nas palavras do periódico, “o fogo e o fumo das suas proezas se tinham apagado para sempre, no chão pesado do esquecimento por onde desaparecera um dia”. Ainda assim, defendia que a “cada instante eram lembrados, pelas suas famosas tentações, ninguém os havia substituído para suavizar tão lamentável ausência”.<sup>157</sup>

Sem conseguir explicar ao certo os motivos do desaparecimento da sociedade, o redator da notícia apresentava uma explicação bem humorada para justificar a ausência dos velhos baetas do carnaval:

“diziam as megeras suas contemporâneas, que os haviam aclamado nas lides com os seus mais tregos esgares, que esses Tenentes haviam quebrado as gambias num tremendo maxixe final em que haviam atingido o máximo requinte do tremelexo, e com que fundos o atro deres suspiros isso diziam!”<sup>158</sup>

Na brincadeira proposta pelo cronista, o fim da trajetória dos Tenentes não teria sido o fruto de uma tragédia, como os constantes incêndios que marcaram sua história, mas sim de sua própria alegria. Sem chegar a explicar o término da sociedade, a brincadeira deixava ainda mais clara a dificuldade dos contemporâneos em aceitar o desaparecimento de um grupo de tantas qualidades –

---

<sup>156</sup> *O Paiz*, 19 de fevereiro de 1906.

<sup>157</sup> *O Paiz*, 19 de fevereiro de 1906.

<sup>158</sup> *O Paiz*, 19 de fevereiro de 1906.

reafirmadas, na continuação da brincadeira proposta pelo redator, na história que propõe para explicar seu ressurgimento:

“uma fada infernal, passando por um templo em que se celebrava Momo, e, entristecida pela saudade, bateu com o pé no chão, fazendo tremer a terra. Súbito rasgou-se enorme boca, que parecia uma cratera de vulcão, por entre línguas de fogo surgiu um diabinho lépido e vivaz, a desmanchar-se num gargalhar tremendo, e após esse, um segundo, um terceiro, um quarto, e tantos, que pouco depois em toda a rua do Espírito Santo se via uma verdadeira legião deles. Tinham renascido os Tenentes do Diabo, que foram logo [plutando] o padre nas paredes”.<sup>159</sup>

Se a alegria associada ao clube era ironicamente responsabilizada pelo seu desaparecimento, era também ela que podia, para o redator da nota, explicar seu ressurgimento em 1906. Para além de sua graça imediata, no entanto, a brincadeira revela a dificuldade dos contemporâneos para explicar o destino da sociedade. Tendo ainda em mente o sucesso dos Tenentes em carnavais como o de 1889, eles estariam acostumados às descrições do brilho de seus desfiles e de sua sede - caracterizada em 1891 como um “extraordinário templo da beleza, da galhofa e do amor”<sup>160</sup>, na qual seria possível “admirar a grandeza do espírito das primeiras sumidades carnavalescas da atualidade”<sup>161</sup>. Em vista de tanto sucesso e destaque, esse desaparecimento em 1901 aparecia para eles mesmos como um mistério.

O mesmo mistério se expressa, em uma dimensão menor, nas leituras historiográficas sobre a história do carnaval no Rio de Janeiro. Segundo tais leituras, o início do século XX marcou um momento de redefinição do perfil das chamadas Grandes Sociedades. Segundo autores como Maria Clementina Cunha e Felipe Ferreira, a Proclamação da República seria o marco de início de um processo de redefinição do perfil dessas associações. Alinhadas ao governo republicano, elas se tornariam cada vez mais próximas das perspectivas políticas e padrões estéticos hegemônicos, deixando aos poucos de lado o caráter combativo a elas associado durante o Império. Se sugerem que tal postura acabaria por levá-las, já no final da década de 1920, a experimentar uma lenta decadência, tal leitura não dá conta de explicar como, no momento mesmo da vitória dos ideais pelas quais se batiam os tenentes, o clube enfrenta tal crise. Ao definir tal periodização,

<sup>159</sup> *O Paiz*, 19 de fevereiro de 1906

<sup>160</sup> *Gazeta de Notícias*, 17 de janeiro de 1891

esses autores reafirmam assim o mistério vivido pelos contemporâneos, incapazes de entender o destino dos Tenentes.

Para tentarmos decifrar este mistério, cabe tentar entender a atuação dos Tenentes no período republicano para além de seus préstitos e desfiles. De fato, uma característica da Sociedade Euterpe Comercial Tenentes do Diabo, apresentada no capítulo anterior, diz respeito a sua atuação em questões para além do carnaval, uma vez que ao longo do ano todo tratavam de fazer do clube um meio de construir redes de sociabilidade e de dar forma a uma participação política comum. A partir de 1889, tais atitudes passaram a expressar o modo pelo qual seus sócios lidavam com um mercado pela velocidade crescente dos acontecimentos, sensação compartilhada por homens e mulheres que se encontravam pela cidade do Rio de Janeiro. Destaca-se, dentre eles, a própria Proclamação da República, com o consequente processo de construção da nova ordem republicana. É nesse contexto de mudanças que se procura compreender em que bases se deram a queda e renascimento dos Tenentes no contexto de início do século XX. Torna-se importante, diante deste cenário, acompanhar a trajetória dos Tenentes a partir do início do governo republicano, de modo a buscar tanto possíveis explicações para esse rápido declínio quanto uma compreensão dos novos rumos dados à folia pelos membros da sociedade a partir daquele momento,

---

<sup>161</sup> *Gazeta de Notícias*, 17 de janeiro de 1891

## 2.1. OS TENENTES DA REPÚBLICA

No primeiro carnaval da República, os Tenentes fizeram questão de sair às ruas com uma pompa e animação tão grande quanto aquela do ano anterior, quando celebraram a Abolição. Segundo a *Gazeta de Notícias*, seu carnaval daquele ano foi aberto, ainda no sábado de carnaval, por um “magnífico, zig-zag burnifrante espicolondrífico e abracadabrante” do Zé-Pereira com o qual fizeram um primeiro passeio pela cidade— em exagero hiperbólico que dava a ver a intensidade da animação que os Tenentes planejavam levar às ruas naquele carnaval<sup>162</sup>. Este desfile de abertura tomaria a região mais nobre do centro, com um itinerário que atravessaria o Largo da Sé, Rua do Rosário, 1º de Março, Ouvidor, Largo de São Francisco de Paula, Rua do Teatro, Largo do Rocio, Sete de Setembro, Travessa de São Francisco de Paula e Travessa do Rosário seguindo depois para as ruas Uruguaiana, São Pedro, Praça do General Osório e Rua dos Andradas.<sup>163</sup> Antes mesmo de seu desfile oficial, era com pompa e grandeza que se apresentavam os Tenentes naquele primeiro carnaval republicano.

Era no desfile de domingo, no entanto, que a Sociedade se mostraria de forma completa. O préstito seria aberto, mais uma vez, por uma comissão de sócios montados a cavalo, que vinha à frente da banda de música. Destaque para o estandarte empunhado pelo presidente dos baetas, presente em um carro puxado por quatro cavalos brancos.<sup>164</sup> Junto ao carro do estandarte via-se a guarda de honra, composta de “seis genuínos puro sangue, trazendo as cabeças cobertas por causa do mau tempo, por uns chapéus muito usado, em um país onde se fala a língua de John Bull”.<sup>165</sup> Faziam-se presente também diversos grupos que integravam a Sociedade Euterpe Tenentes do Diabo entre os quais os Lanternas Venezianas, Ventarolas, Congregação de Plutão, Torneiras, Borboletas e os “impagáveis Bicudos, cujo estandarte era levado por um marmanjo barbado e vestido de anjinho de procissão”.<sup>166</sup> Encerrando o préstito, via-se por fim “um infernal, monumental e atroador Zé-Pereira”<sup>167</sup>, que se despedia do público com o barulho da percussão que lhe era característico. Além desse desfile grandioso,

<sup>162</sup> *Gazeta de Notícias*, 15 de fevereiro de 1890

<sup>163</sup> *Gazeta de Notícias*, 15 de fevereiro de 1890

<sup>164</sup> *Gazeta de Notícias*, 16 de fevereiro de 1890

<sup>165</sup> *Gazeta de Notícias*, 16 de fevereiro de 1890

<sup>166</sup> *Gazeta de Notícias*, 16 de fevereiro de 1890

<sup>167</sup> *Gazeta de Notícias*, 16 de fevereiro de 1890

seriam ainda realizados, naquele carnaval, dois bailes “esplendorosos como são todos os bailes dos Tenentes”.<sup>168</sup> De todas as formas, tratava-se de uma celebração que tentava, mais uma vez, reproduzir a grandiosidade com a qual haviam comemorado o carnaval no ano anterior.

O cuidado tomado pelos Tenentes na preparação daquele carnaval não era, novamente, casual. Partidários da “cultura científica e democrática” forjada na capital federal desde a década de 1870<sup>169</sup>, seus sócios tinham no ardor republicano um complemento à sua postura abolicionista. Não era de se estranhar, por isso, que os Tenentes saíssem às ruas se posicionando a favor do novo regime que inaugurado em 1889.

Contudo, é importante pensar os bailes nesse contexto de transformações. Esses temas produziam efervescência nos debates políticos, marcados pelas expectativas de mudanças. Como pensar a atuação política dos grupos sociais que compunham os Tenentes, a partir da atuação de uma sociedade carnavalesca? Jose Murilo de Carvalho defende que a ação política do carioca se dava

“fora dos canais oficiais, através de greves políticas, de arruaças, de quebra-quebras. Ou mesmo através de movimentos de natureza quase revolucionária, como a Revolta da Vacina. Mas na maior parte do tempo dedicava suas energias participativas a outras atividades. Do governo queria principalmente que o deixasse em paz.”<sup>170</sup>

Esse comentário de José Murilo de Carvalho permite pensar o impacto que teria sobre a população do Rio de Janeiro os temas tratados pelos desfiles, deixando claro que não necessariamente o que era dito pelas sociedades carnavalescas era o que entendia a população diante de suas referências sociais e interesses distintos. No entanto, a festa constituía-se um espaço privilegiado para a circulação de diversas idéias e propostas.

A posição republicana adotada pelos Tenentes e outras sociedades carnavalescas era vista na atuação junto a celebração dos marcos simbólicos que o novo regime escolheu na tentativa de consolidar a imagem da República. Exemplar, a tal respeito, era o baile promovido pelos Tenentes em 15 de

<sup>168</sup> *Gazeta de Notícias*, 15 de fevereiro de 1890

<sup>169</sup> Cf. Mello, Maria Tereza Chaves de, “O sorriso da intrusa: a idéia de República como cultura democrática e científica”, *A República consentida*, Rio de Janeiro, Editora FGV, 2007, pp. 93-156.

<sup>170</sup> CARVALHO, José Murilo de, *Os bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi*, São Paulo, Cia. Das Letras, 1987, p.90.

novembro de 1890, no qual pretendiam “solenizar o primeiro aniversário da proclamação da República dos Estados Unidos do Brasil”<sup>171</sup>. A posição republicana veio à tona mais uma vez em setembro de 1891 – quando, em comemoração à Independência do Brasil, o clube realizou um “anti-sebastianístico e parabólico concerto”<sup>172</sup> – em celebração patriótica que se fazia com clara referência negativa em relação à possibilidade de restauração monárquica.. Era assim como uma sociedade abertamente adepta do novo regime que se apresentavam os Tenentes nos primeiros tempos da República.

A simples afirmação desta afinidade política não basta, porém, para que possamos compreender a atuação da sociedade ao longo dos primeiros anos da República. O período que vai do final dos anos 1880, quando os Tenentes encontravam-se envolvidos com as campanhas abolicionistas e republicanas, até o início do século XX, é marcado na cidade do Rio de Janeiro por um processo de grandes transformações culturais e sociais, que extrapolavam o mundo da política. Tomada como “vitrine do progresso” da República recém instaurada, na acepção de Margarida Neves, a cidade é palco de um esforço de reconfiguração do espaço urbano que acabou por mudar substancialmente o aspecto físico da nova capital federal<sup>173</sup>. Afirmava-se, com isso, uma imagem cosmopolita da cidade, capaz de igualá-la às grandes capitais da Europa.

Em diálogo com tal processo, os Tenentes do Diabo participaram de ações que foram de grande importância para a consolidação simbólica do novo regime. De fato, a tentativa de construção de uma imagem cosmopolita para a cidade do Rio de Janeiro teve no carnaval um de seus caminhos principais de afirmação. Já então vista como a festa maior da cidade, ele era o espaço privilegiado para a expressão de um modelo de carnaval europeu, no qual símbolos e fantasias de tradição européia, como pierrôs e colombinas, viriam a substituir os cordões, as fantasias de índios e os batuques que se tornaram objeto de perseguição pelas autoridades<sup>174</sup>. Do mesmo modo, as varandas, locais privilegiados para se apreciar os préstitos pelas ruas do Rio de Janeiro durante o carnaval carioca, foram

<sup>171</sup> *Gazeta de Notícias* 15 de novembro de 1890

<sup>172</sup> *Gazeta de Notícias*, 16 de setembro de 1891

<sup>173</sup> NEVES, Margarida de Souza. “Uma capital em trompe l’oeil. O Rio de Janeiro, cidade-capital da República Velha.” IN MAGALGI, Ana Maria et alii. *Educação no Brasil. História, cultura e política*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003, pp. 253-286.

<sup>174</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *O Carnaval das Letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*. Editora da UNICAMP, 2004

abandonadas, uma vez que novos lugares de sociabilização foram eleitos pelos setores burgueses como os espaços públicos das avenidas, praças e jardins<sup>175</sup> - não por acaso, palcos em que passaram a se apresentar as Grandes Sociedades nos primeiros tempos da República. Esses novos hábitos expressavam as mudanças que se desenvolviam quanto à ocupação do espaço público, dos costumes e da forma de entender o mundo que marcaria o pensamento dos membros responsáveis pela construção desse novo modelo na cidade do Rio de Janeiro.

Uma primeira consequência desse processo teria sido a reserva do centro da cidade à parte *chic* da sociedade carioca. A expulsão dos setores pobres do centro da cidade promovida pelas reformas urbanas de Pereira Passos, ao expulsar os menos favorecidos em direção aos subúrbios, tentava também eliminar as marcas de um passado colonial que de certa maneira maculavam a imagem da civilização que se desejava implementar na cidade do Rio de Janeiro. Assim os trabalhadores eram

“Cerceados nas suas festas, cerimônias e manifestações culturais tradicionais, expulsos de certas áreas da cidade, obstados na sua circulação, empurrados para regiões desvalorizadas: pântanos, morros, bairros coloniais sem infra-estrutura, subúrbios distantes, matas; discriminados pela etnia, pelos trajes e pela cultura”<sup>176</sup>

A tentativa de combater o atraso e a ignorância relacionados ao passado do Brasil em prol da construção de um país civilizado, com uma cultura urbana moderna, teria assim, na interpretação de Sevcenko, se manifestado como um processo autoritário e controlador. Ao apagar as marcas dos costumes e tradições dos grupos iletrados, teria alcançado sucesso na tentativa de fazer da capital federal uma cópia fiel das grandes capitais européias<sup>177</sup>.

<sup>175</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*, São Paulo, Cia das Letras, 2003,

<sup>176</sup> CARVALHO, José Murilo de, *Os bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi*, São Paulo, Cia. Das Letras, 1987, p.91

<sup>177</sup> OLIVEIRA, Cláudia; VELLOSO, Mônica Pimenta; LINS, Vera. *O Moderno em Revista: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930*, Rio de Janeiro: Garamond, 2010.



(Família Dyonisio Cerqueira na janela da redação do jornal O Paiz apreciando os festejos carnavalescos – Revista Fon - Fon, 1908)

Na imagem acima vemos senhoras e senhoritas que assistem o carnaval das sacadas, espaços estes ocupados por gupos sociais mais abastados, como os limites para a participação da festa. Se as sacadas, janelas e varandas eram espaços ocupados por mulheres de família nos festejos carnavalescos, conforme a civilização de instalava em ritmo acelerado na capital brasileira promoveria mudanças em alguns hábitos das senhoritas. Pelo menos é o que se pode ler na edição de carnaval da Revista *Fon-Fon* de 1914. O texto da publicação se colocava como da “velha escola de educação familiar”, portanto deveria se opor a consulta feita por uma senhorita se é aceitável a presença de uma mulher solteira em um baile carnavalesco nos Bohemios ou no Palace Club. Como resposta o artigo da revista afirmava que depois que “nos civilizamos, os nossos hábitos, os nossos princípios de educação sólida tem levado vários trancos desastrosos, como também temos adaptado novos hábitos que chegam a espantar e melindrar a quem ainda se conserva fiel às velhas tradições”.<sup>178</sup>

A civilização trouxe consigo a frequência “de moças e senhoras casadas na intimidade licenciosa dos bailes carnavalescos dos nossos clubes alegres”<sup>179</sup>. Na medida que o artigo julga impróprias esse tipo de festejo carnavalesco para as mulheres de família os clubes de carnaval

<sup>178</sup> *Fon-Fon!*, Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 1914

“não podem convir à freqüência de moças e senhoras casadas. Não se pode evitar a licenciosidade dessas reuniões; elas são realizadas justamente para o rendez-vous da gente alegre, cuja alegria mais se acentua nesses três dias de pândega. Aquilo ali é, justamente lugar de pândega, pândega livre, exercida intramuros, longe das vistas da polícia. Não sabemos que lucro pode ter a curiosidade de uma delicada demoiselle, em ver dançar o maxixe, como ele deve ser dançado, em assistir cenas de uma liberdade que só deve ser assistida por homens que gostem daquilo. Nestes últimos anos a freqüência de famílias nos bailes dos clubes alegres, tem sido, pode-se dizer avultada. Vão em grupos, ou aos pares às vezes, marido e mulher, com o intuito único de ficarem conhecendo a alegria carnavalesca...por dentro.”<sup>180</sup>

Desta forma, as mudanças trazidas pela modernidade e pela República representavam possibilidades também para o público feminino. No campo político ganhava força à reivindicação pelo voto, na folia o direito de freqüentar espaços que se caracterizavam como espaços reservados para o prazer masculino. Assim, o artigo encerrava afirmando que se poderia tudo ser moderno e avançado “mas não é nada próprio e não pode deixar de ser prejudicial”.<sup>181</sup>

---

<sup>179</sup> Fon-Fon!, Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 1914

<sup>180</sup> *Fon-Fon!*, Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 1914

<sup>181</sup> *Fon-Fon!*, Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 1914

## 2.2. TURBULÊNCIAS CARNAVALESCAS: DISSOLUÇÃO E REFUNDAÇÃO

Apesar do entusiasmo simbólico com o novo regime expresso nos desfiles dos Tenentes, turbulentos eram, em termos políticos e econômicos, os primeiros tempos do novo regime. Se da perspectiva política estas turbulências se ligavam às sucessivas crises enfrentadas por Deodoro e Floriano, do ponto de vista econômico ele se expressava em um descontrole que marcou os primeiros tempos do novo regime. Apoiado nas doutrinas liberais que visavam estimular a iniciativa privada, instaurou-se uma política de créditos às empresas lastreadas pela emissão de moeda. Tal medida promoveu uma enxurrada de papel moeda na praça do Rio de Janeiro, promovendo uma febre especulativa que permitia uma pessoa enriquecer rapidamente e se ver pobre tão rápido quanto enriquecera.<sup>182</sup> Se a intenção era a de estimular a economia, o que se viu foi o encarecimento dos produtos - principalmente os importados que representavam grande parte do que era consumido, estimulado pelo consumo das pessoas que se tornaram ricas nesses tempos de febre especulativa. A carestia consumia o poder de compra da população, sendo que em 1892 a duplicação dos preços era ainda agravada pela queda do câmbio, que encarecia ainda mais o preço dos produtos importados.

Essa crise econômica que assombrava a República em seus primeiros anos de vida parecia de início, não ter afetado os Tenentes. Segundo cronistas do período, a Caverna mantinha ao longo daquele tempo o seu esplendor, abrigando ainda grandes eventos dedicados à alegria e ao prazer: “tudo ali respira a fama, a glória do ruído carnavalesco, conquistados, durante meio século de brilhantes triunfos”<sup>183</sup>. Para tais cronistas, a tradição e força da “gloriosa Euterpe” mantinham-se assim fortes, já que a Sociedade “continua a tecer os seus vistosos louros com a mesma pompa, a mesma grandeza de outrora, apesar da *bicudice* dos tempos”<sup>184</sup>.

Um exemplo da manutenção da pompa dos eventos dos Tenentes estava na festa de 1900 em comemoração à Aleluia de Momo e consagração de Iscariote, na qual seria apresentada a nova banda de música da Sociedade Euterpe Tenentes do

---

<sup>182</sup>CARVALHO, José Murilo de, *Os bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi*, São Paulo, Cia. Das Letras, 1987.

<sup>183</sup> *O Paiz*, 19 de fevereiro de 1900.

<sup>184</sup> *O Paiz*, 19 de fevereiro de 1900.

Diabo.<sup>185</sup> Os componentes da banda distribuíam, sob a assinatura da diretoria baeta, as seguintes palavras

“Dos velhos foliões a tradição não mente!  
O fogo, que a Caverna ate onipotente,  
O próprio paço um dia, ardente, devorou!  
Foi um sopro voraz que veio e já passou!  
Nova fênix, porem, ergueu-se, resurgiu!  
E o reino da pilheria o novo paço abriu  
Aos heróis da galhofa, os cortesãos do riso!  
A Caverna voltou a ser o Paraíso  
Do gozo do prazer, da dança e da folia  
(...)  
dos tenentes a banda, agora restaurada, sai hoje a vez primeira e vem, fantasiada-  
conspirando, não contra instituições, mas sim, contra a modorra, o tédio e contra a  
crise enfim, trazer a Imprensa a mais vibrante gratidão.  
Depor aos pés do Povo ardente saudação!”<sup>186</sup>

Reforçavam-se nos versos os principais elementos que caracterizavam os Tenentes ao longo de sua trajetória. A sua sede, a Caverna, como o espaço do prazer, da alegria, da folia. A banda, atividade que era referida no próprio nome da sociedade carnavalesca, que tinha como um de seus princípios o ensino de música. E a imagem da fênix, sempre a ressurgir das trevas, mostrando sua força em qualquer situação.

Mas essa noção de realidade não parecia tocar os Tenentes, Por isso, proliferavam-se, no noticiário do período, notas como aquela publicada em 1900 pelo jornal *O Paiz*: “os terríveis, os invencíveis Tenentes não perdem a velha nota. É ali no duro, tudo ri, tudo dança, tudo bebe”.<sup>187</sup>

A distância entre a prosperidade associada aos baetas e a *bicudice* do período parecia, por vezes, impressionara alguns cronistas – que reiteravam a ideia de que “as coisas não estão para graças nem para despesas!”<sup>188</sup>. No relato de um baile dos Tenentes de 1900, ao falarem dos mascarados que marcavam presença na Caverna, mencionava-se que alguns demonstravam uma riqueza que

<sup>185</sup> *O Paiz*. 14 de abril de 1900

<sup>186</sup> *O Paiz*, 15 de abril de 1900.

<sup>187</sup> *O Paiz*, 19 de fevereiro de 1900.

<sup>189</sup> *O Paiz*, 27 de fevereiro de 1900. Ainda a respeito da descrição da força dos eventos realizados pelos baetas se tem a descrição de um baile realizado em 8 de fevereiro: “A caverna, com a sua profusa iluminação oriental, adornada dos mais graciosos acessórios, rescendendo ao odor indefinível que resulta da mistura dos mais finos perfumes e cheio o seu âmbito da brilhante graça e da viva galhofa”, *O Paiz* 08 de fevereiro de 1900.

não era condizente com o momento de dificuldades vividos naquele período “o que prova que os Tenentes não são tementes às dificuldades”.<sup>189</sup>

Se a sociedade carnavalesca ainda mantinha a sua glória e pompa apesar da crise geral os próprios Tenentes não demorariam a sentir os efeitos desses tempos bichudos, que não eram apropriados para ostentação e gastos excessivos. Em agosto de 1901 uma assembléia com o objetivo de liquidar a Sociedade Euterpe Comercial Tenentes do Diabo foi convocada através do *Diário Oficial* por membros de sua diretoria, que já havia comunicado aos demais sócios a triste pauta da assembleia através da imprensa<sup>190</sup>. Quando esta assembléia foi finalmente realizada, sublinhou-se o fato de não haver mais condições para manter o funcionamento dessa sociedade. Diante da iminência da liquidação da sociedade frente às dívidas que se avolumavam, alguns sócios ventilaram a ida para uma casa com custos menores. Do mesmo modo, o Sr. Ignácio Raymundo da Fonseca, então presidente da comissão diretora tentou, junto dos credores, encontrar uma solução. Não sendo tal fato possível, o resultado do encontro foi a aprovação do seguinte requerimento:

“Requeiro a liquidação imediata da Sociedade Euterpe Comercial Tenentes do Diabo, ficando a atual comissão diretora composta dos Srs. Ignácio Raymundo da Fonseca, presidente, Antonio Fortunato Pimenta, auxiliar, Manoel Antonio Ferreira Junior, secretário e Domingos da Rocha Fernandes, tesoureiro, investida, dos poderes necessários para o fim de liquidar a sociedade; entendendo-se com os credores a proceder a venda do patrimônio da sociedade, constante de móveis, ornamentos de salão, aparelhos de gás, lustres, andarelas e tudo mais que de fato e de direito lhe pertencer”<sup>191</sup>.

O fim da Sociedade Euterpe Comercial Tenentes do Diabo foi marcado ainda por disputa judicial com um dos seus credores que ganhou na justiça o direito de levantar a quantia que tinha a receber, no valor de 1:655\$ através do leilão de bens que pertenciam a sociedade. O juiz da Câmara Civil, Dr. Nestor

<sup>189</sup> *O Paiz*, 27 de fevereiro de 1900. Ainda a respeito da descrição da força dos eventos realizados pelos baetas se tem a descrição de um baile realizado em 8 de fevereiro: “A caverna, com a sua profusa iluminação oriental, adornada dos mais graciosos acessórios, rescendendo ao odor indefinível que resulta da mistura dos mais finos perfumes e cheio o seu âmbito da brilhante graça e da viva galhofa”, *O Paiz* 08 de fevereiro de 1900.

<sup>190</sup> “Dissolução da sociedade. Não se tendo realizado a assembléia geral extraordinária convocada para o dia 6 do corrente, em 3ª convocação, por falta de comparecimento dos Srs. sócios, de novo convido-os a constituírem-se em assembléia geral extraordinária, no dia e hora acima indicados, afim de deliberarem a fôrma da dissolução da sociedade, comunicando outro sim que esta assembléia deliberará com o numero de sócios que comparecerem.

Caverna, 10 de julho de 1901.-0 secretario da comissão, M. A. Ferreira Junior.”. *Diário Oficial da União*, 12 de julho de 1901, p.22.

<sup>191</sup> *Diário Oficial da União*, 03 de agosto de 1901 p. 3781

Meira, concedeu um prazo de dez dias para que outros credores se manifestassem antes que os bens fossem a leilão. Pela ironia da vida, o fim dos bens dessa sociedade seria em um leilão, função desempenhada por um de seus antigos presidentes, Enéas Pontes.<sup>192</sup>

Não duraria muito, no entanto, o desaparecimento dos Tenentes. Quatro anos e meio após a Assembleia que definiu sua dissolução, os leitores dos jornais cariocas se deparavam com a seguinte nota:

"Convidamos os antigos sócios da Sociedade Euterpe Comercial Tenentes do Diabo e demais senhores que queiram se inscrever como sócios do Club Tenentes do Diabo a comparecerem na terça- feira, 31 de janeiro, as 8 horas da noite, na sede do Club Uniao Commercial, rua Senador Dantas n ° 52 gentilmente cedido pela sua digna diretoria para tomarem parte da assembleia geral de instalação e eleição da diretoria. Só serão admitidos sócios inscritos que forem aprovados pela comissão de sindicancia"<sup>193</sup>

A nota não deixava dúvida sobre o sentido da iniciativa. Por mais que se mostrassem aberta para novos sócios, os reorganizadores dos Tenentes ligavam claramente a iniciativa à sociedade dissolvida em 1901, tendo como alvo primeiro seus “antigos sócios”. O próprio fato de que essa reorganização se desse nos sações da União Comercial indicava, por si só, a linha de continuidade que ligava os antigos Tenentes à nova iniciativa. À “comissão de sindicância”, cuja composição não é explicitada, caberia ainda zelar pela manutenção do perfil associado dos associados. Colocando-se como continuadora da antiga sociedade dissolvida, os patrocinadores da idéia tomavam para si a legitimidade de uma imagem de respeitabilidade e sucesso que remonta ao seu apogeu, nas últimas décadas do século XIX.

A proposta teve sucesso imediato. Duas semanas após a publicação da nota, o *Jornal do Brasil* noticiava já estar “instalado nesta capital um club carnavalesco sob a denominação de Tenentes do Diabo, como tributo de estima e devotamento à sociedade do mesmo nome que tantos anos existiu no Rio de Janeiro e que tão gloriosas reminiscencias hoje sugere”. A nota explicava ainda que o novo clube seria “um sucedaneo do antigo com elementos mais ou menos

<sup>192</sup> *Diário Oficial da União*, 31 de julho de 1904.

<sup>193</sup> *Jornal do Brasil*, 31 de janeiro de 1905

iguais”<sup>194</sup> Os Tenentes do Diabo renasciam assim mantendo relações de sociabilidade parecidas com o período anterior à sua falência, com a proposta de resgatar “a nota do brilho, do luxo, da riqueza inextinguíveis nos préstimos e nas consagrações a Momo”<sup>195</sup> que os haviam definido em carnavais passados. Não por acaso, no início de 1905 outra nota dava conta de que o novo clube havia já instalado sua nova sede “no palacete Lequa, a Avenida Passos n. 57”, endereço de grande prestígio<sup>196</sup>.

Como consequência, nos anos posteriores a refundação dos Tenentes eles teriam como frequentadores “um punhado de carnavalescos, de foliões da velha guarda”, que faziam emergir novamente “a antiga sociedade com o mesmo entusiasmo, com igual esplendor”<sup>197</sup>. Aos tradicionais círculos de altos comerciantes vinham então se juntar, no entanto, outros sujeitos de condição social não tão privilegiada. Era o caso de artistas como Calixto Cordeiro, responsável pela elaboração de préstimos dos baetas, sócios de construtoras, ou mesmo do capitão da polícia que viria a assumir o cargo de 1º secretário do clube em 1913, o Capitão Jesus. Por mais que literatos e outros grupos boêmios já fossem desde o século anterior frequentadores assíduos dos bailes de grupos como os tenentes, configurava-se então um movimento de alargamento de sua base social. Ainda que mantido o caráter elevado de seus associados, seu quadro social passava a incorporar de forma mais intensa sujeitos cuja renda já não era tão elevada quanto a de seus primeiros tempos.”

O sucesso de tal opção seria atestado, nos anos seguintes, pela ênfase com a qual os jornais do Rio de Janeiro noticiam suas atividades. A julgar por tais notícias, pouco parecia haver mudado nas atividades dos baetas, apesar dos quatro anos de ausência. É o que mostra, por exemplo, uma nota publicada na *Gazeta de Notícias* em 1906:

- “Sociedades Carnavalescas - Tenentes do Diabo  
Estão gozando uma saúde de ferro e pintando mesmo o diabo a quatro.  
Um prurido colossal de brincar que não acaba mais!  
E ali no duro! Todos os sábados uma festa de arromba! Todos os domingos uma feijoada de encher a gente até as goelas. Sábado foi assim. A gente chegou ali por uma hora da madrugada. De longe, já se ouvia o Zé Pereira, que estava mesmo

<sup>194</sup> *Jornal do Brasil*, 14 de fevereiro de 1905

<sup>195</sup> *Jornal do Brasil*, 15 de fevereiro de 1905.

<sup>196</sup> *O Paiz*, 26 de março de 1905.

<sup>197</sup> *Jornal do Brasil*, 15 de fevereiro de 1905.

fantástico. Os Tenentes espalhavam luz e a claridade por toda a redondeza. Daí a pouco era um rodar de carros que punha anciãs em todas as pessoas. Os salões estavam deslumbrantes”.<sup>198</sup>

Era essa estratégia que, nos anos seguintes, pavimentaria o caminho de sucesso dos Tenentes. De fato, uma das marcas principais de seu ressurgimento foi a ênfase em uma dimensão mais interna de sua organização social. Se, continuavam a desfilar nos dias de carnaval, ficava cada vez mais claro que este desfile constituiria apenas mais uma das atividades do clube, cuja vida social se estendia de maneira intensa por todo o ano. Era na sua sede, ponto de partida e chegada de seus eventos, que serviria a partir de então como palco principal dos momentos marcantes de um clube que não poderia mais ser definido somente pelo aspecto de seu carnaval. Era o que mostrava, em 1905, a fotografia publicada pela Revista da Semana sobre um piquenique em Copacabana organizado por um de seus grupos para celebrar a instalação em sua sede na Rua do Passeio,:



Directorias do Club Tenentes do Diabo e do Grupo das Borboletas, presentes ao piquenique em Copacabana

(Revista da Semana, 16 de abril de 1905)

<sup>198</sup> Gazeta de Notícias, 24 de janeiro de 1906, p.4.

O próprio nome do grupo em questão – Grupo das Borboletas – sugeria a continuidade da licenciosidade como uma das marcas primeiras da associação: segundo um dicionário de gírias publicado no início do século XX, borboleta seria um sinônimo de “meretriz de alto bordo”<sup>199</sup> – termo que talvez servisse para caracterizar as duas mulheres presentes na foto, uma das quais sintomaticamente segurando o estandarte. O fato de que o piquenique fosse organizado em Copacabana, região nova da cidade que assumia então a imagem de modernidade e elegância<sup>200</sup>, reafirmava do mesmo modo o perfil social elevado pretendido pelos sócios do clube.

Acabavam aí, no entanto, as semelhanças. O modo pelo qual estes elementos apareciam então se afastava, de fato, da elevação pretendida antes pelos Tenentes com tais elementos. É o que sugere a própria imagem do estandarte, na qual um homem caça borboletas como presas fáceis – imagem já bem distante da forma glamorosa pela qual as prostitutas eram representadas na iconografia do clube até o século anterior. Ao mesmo tempo, a própria opção por este tipo de divertimento, assim como os trajes utilizados por seus participantes - já mais simples do que aqueles habitualmente usados pelos seus diretores nos eventos promovidos pelo clube – sugeria uma sutil mudança do perfil dos associados e da associação. Se a licenciosidade e o refinamento eram, havia tempos, marcas do clube, elas pareciam assim assumir uma feição mais direta e rasteira, que as afastavam da elevação simbólica pretendida pelos sócios dos Tenentes no final do século XIX.

---

<sup>199</sup> - Raul Pedereneiras, *Geringonça Carioca*, Rio de Janeiro, F. Briguet, 1946 (2ª. edição), pg. 15

<sup>200</sup> - Cf. Julia O'Donnell, *Um Rio Atlântico: culturas urbanas e estilos de vida na invenção de Copacabana*, Tese de Doutorado em Antropologia Social, Museu Nacional, UFRJ, 2011.



*(Gazeta de Notícias, 09 de fevereiro de 1906)*

No grande baile realizado em homenagem à inauguração da nova sede, esta mudança se mostraria ainda mais clara. Segundo o noticiário da imprensa, ele mostrava os “velhos Tenentes como sempre!”, ”ressuscitado mais garrido e

valente como a fênix”<sup>201</sup>. A nova Caverna era descrita como “um mimo, uma das mais belas sedes dos clubes carnavalescos desta cidade”. A recepção dos convidados e da imprensa reafirmava que

“seus donos são sempre os mesmos fidalguíssimos Tenentes, cuja fama já de longe nos vem, aureolada por uma gloriosa tradição de vitórias.  
O baile de sábado foi mais uma conquista e, hospedando galhardamente seus convidados, eles receberam a imprensa fazendo jorrar nas taças o champgne, como a água jorra das bicas da Carioca.  
Durante o baile em que as mais rutilas estrelas do demimonde mostravam as suas graças estupendas, foi distribuída uma proclamação do nascituro Grupo dos Caronas, feita em belos versos do Dr. Suruba Junior”.<sup>202</sup>

Se as saudações continuavam as mesmas, tratando os Tenentes como fidalguíssimos, o refinamento mostrava-se um pouco distante diante do pseudônimo do sócio responsável pelos versos. O Dr. Suruba ficava distante dos “Lordes” de antigamente. Se a forma de tratamento aponta diferenças para o período anterior a falência, o prestígio dos baetas mantinha-se alto. Na imagem abaixo, publicada na revista Fon – Fon de 1914, se vê uma escultura, produto de uma homenagem prestada pela revista argentina Caras y Caretas de Buenos Aires no ano de 1908.

---

<sup>201</sup> *O Paiz*, 26 de março de 1905.

<sup>202</sup> *O Paiz*, 25 de abril de 1905



(Revista Fon - Fon 1914)

### 2.3. AS NOVAS GLÓRIAS DO CARNAVAL

Em 1906, os Tenentes recomeçam a sua trajetória carnavalesca com apoio e homenagens como aquele a eles prestada pela companhia do Teatro São José, que dedica um de seus espetáculos daquele ano ao distinto Clube Tenentes do Diabo”<sup>203</sup>. Se tal ato era o fruto da solidariedade em relação a uma sociedade que dava ainda seus primeiros passos depois do renascimento, em pouco tempo homenagens como aquela já não se mostrariam mais necessárias. De fato, os momentos de dificuldades vividas na virada do século pelos Tenentes seriam esquecidos em pouco tempo, soterrados pelo sucesso dos os primeiros carnavais em que seus sócios tomam parte no século XX..

É o que já se anuncia, de forma clara, no carnaval de 1908. Antes mesmo dos dias de folia, os sócios do clube começavam a anunciar sua animação com a realização de bailes carnavalescos na sede dos Tenentes. Era o caso daquele organizado pelo Grupo dos Gouvêas, que foi responsável pela realização de um suntuoso baile na Caverna tendo presença marcante das diavolinas, que demonstravam na sede dos baetas todo o seu lado sedutor.<sup>204</sup> A boa recepção desses bailes pré-carnavalescos promovidos pelos Tenentes pode ser percebida nos seguintes comentários do redator da *Gazeta de Notícias*:

“Os alegres foliões da Caverna, os vitoriosos Tenentes, iniciaram com um brilhantismo e um entusiasmo inextinguíveis os festejos de momo.

Sábado, toda a Caverna deslumbrava com a iluminação rubra e feérica, com entusiasmo febril que reinava em toda a sua grandeza, pelos calões vastos dos heróicos Tenentes.

As danças começaram cedo. E como toda gente sabe, encantadoramente.

Momo teve sábado na Caverna a mais brilhante apoteose que se pode imaginar, formada pelo espírito fino dos amados carnavalescos e pelas fantasias ricas das belas amadas dos Tenentes.

De espaço a espaço, soava festivamente uma clamorosa banda de clarins, em toques eloqüentes de reunir, para a vitória de 1908.

Os endiabrados Tenentes, depois do suntuoso baile de sábado vão descansar, para a festa final: a de terça – feira gorda, que não será melhor do que a de sábado, porque todas as festas dos Tenentes são suntuosas e belas. Não há uma melhor do que outra, todas encantam e deslumbram”.<sup>205</sup>

A partir das palavras do redator de *Gazeta de Notícias*, se verificava o reconhecimento de uma grandeza que não se perdeu diante do processo de

<sup>203</sup> *O Paiz*, 9 de maio de 1906.

<sup>204</sup> *Gazeta de Notícias*, 23 de fevereiro de 1908.

falência, expressa na continuidade do “espírito fino” que caracterizava seus sócios, quanto na riqueza de suas fantasias e adereços. Trata-se assim, do reconhecimento de uma grandeza que não se perdeu, e de um prestígio que continuava intacto.

Por mais que todas as festas realizadas na Caverna fossem caracterizadas como “suntuosas e belas”, a notícia não deixava dúvida, no entanto, sobre aquela que seria a grande demonstração da grandeza do clube: o desfile da terça-feira gorda, data tradicional de apresentação das Grandes Sociedades pelas ruas. “No barracão se trabalha ativamente na confecção do préstito que vai alcançar um sucesso colossal na próxima terça – feira do carnaval”, afirmava ainda em fevereiro o redator da *Gazeta de Notícias*, no reconhecimento da importância que os membros do clube atribuíam ao desfile <sup>206</sup>. Se os bailes mostravam todo entusiasmo e alegria reinante entre os baetas, era nos preparativos para o carnaval externo que a sociedade viria assim a mostrar sua face pública.

Quando finalmente chegaram os dias de carnaval, era com expectativa que a imprensa aguardava o préstito dos Tenentes. “A velha e tradicional sociedade vai hoje, mais uma vez, mostrar quanto vale convencer à população desta cidade do seu poder, da sua força de vontade, do seu bom gosto em tudo quanto se relaciona com a Folia”, previa o cronista da *Gazeta*. Não é de se estranhar, por isso, que afirmasse de antemão ter certeza de que o préstito dos Tenentes em 1908 “um sucessão” – embora dissesse que isso não seria “uma novidade”, “conhecida como é a tradição dos Tenentes do Diabo”. <sup>207</sup> Era esse conhecimento que permitia aos cronistas esperar, antes mesmo do desfile, a apresentação de carros luxuosos como o que abria naquele ano o préstito do clube. Pela imagem o contato com a grandiosidade e brilho do carro – que com pomposa alegoria abria o desfile dos Tenentes.:

---

<sup>205</sup> *Gazeta de Notícias* 02 de março de 1908.

<sup>206</sup> *Gazeta de Notícias*, 23 de fevereiro de 1908.

<sup>207</sup> *Gazeta de Notícias*, 03 de março de 1908.



## O carro chefe dos Tenentes do Diabo

(Revista *Fon-Fon*, 07 de março de 1908)

O mesmo tipo de cuidado se repetiria no ano seguinte, quando os últimos preparativos para o desfile de carnaval dos Tenentes foram assunto de uma reportagem do *Correio da Manhã*. Segundo o repórter, às cinco horas da tarde o barracão dos “gloriosos” baetas já se encontrava em alvoroço. “O barracão é um formigueiro. Sai gente entra gente” <sup>208</sup>, afirmava o repórter. Os diversos carros que integravam o préstito já se encontravam prontos. Só faltava uma última mulher para subir em um dos carros alegóricos. Enquanto posicionavam uma escada para que ela subisse, outros baetas finalizavam os últimos preparativos com maquiagem aqui, outro martelava num caminhão ali e assim encerravam os últimos ajustes. E é o “trabalho afogueado, febril do derradeiro momento” <sup>209</sup>. Essa correria era administrada pelo artista dos Tenentes, Alessandro de Concillis – um dos artistas plásticos que costumavam dar forma aos préstitos da sociedade:

<sup>208</sup> *Correio da Manhã*, 24 de fevereiro de 1909.

<sup>209</sup> *Correio da Manhã*, 24 de fevereiro de 1909.



(*Revista da Semana*, 7 de março de 1909)

Aparecendo com destaque na foto publicada pela *Revista da Semana*, o artista, junto com outros responsáveis pelo desfile das sociedades congêneres, era a garantia da qualidade estética do espetáculo oferecido pelos Tenentes. Era sobre tal qualidade que se sustentava o interesse não só da imprensa, como também do público. Com a saída do primeiro carro, “uma multidão se aproxima. Todos querem vê-lo. Atrás deste, outros carros vão saindo, e em breve está o préstito na rua”<sup>210</sup>. Da expectativa pela exposição do préstito à ansiedade do público que se espregueia para observá-lo, caracterizava-se a importância daqueles desfiles para a expressão da imagem dos Tenentes.

Repetindo-se a cada ano ao longo, desfiles como aqueles voltavam sempre a ser tratados pela imprensa com a expectativa e deslumbramento, que apagava de vez a memória da falência. Como escreveu um redator do *Correio da Manhã* ainda em 1907, os anos em que o clube ficou fora das disputas carnavalescas teria constituído simples período de descanso, do qual os baetas voltaram “prontos para

<sup>210</sup> *Correio da Manhã*, 24 de fevereiro de 1909.

se esgrimir com adversários temíveis, nesse vasto campo do Espírito e da Arte”.<sup>211</sup> Desse modo, o clube chegava à década de 1910 com a imagem de todo reconstituída, fazendo deles os símbolos de uma folia elegante e moderna.

Não é de se admirar, por isso, que o outro redator do mesmo jornal afirmasse, já em 1913, que ninguém “lhes pôde furtar essa glória, ganha a custa de muita dedicação, tendo que enfrentar como paladinos, galardoados por um sem número de vitórias anteriores e que se preparam para a luta com as melhores armas inimagináveis”.<sup>212</sup>

Para confirmar tal suposição, os Tenentes se apresentavam naquele ano com um préstito composto por dez carros, entre alegóricos e carros de crítica. Neles, voltavam a aparecer os elementos que já caracterizavam o desfile de clubes como os Tenentes. No primeiro carro alegórico, chamado a “Sentinela Avançada”, apresentava a “graciosa Diabolina”, que vinha sustentada “em espirais de nuvens vaporosas” – em representação cujo refinamento e elegância repetiam aquele de antigos desfiles do clube. Nos carros ou no chão, o préstito era ainda composto por “outras “diavolinas” de carne e osso: mulheres com pernas de fora, como aquelas que aparecem na imagem publicada naquele ano na revista *Fon-Fon*:



*Diavolinas que tomaram parte no artístico préstito dos Tenentes do Diabo.*

(Revista *Fon-Fon*, 8 de fevereiro de 1913)

<sup>211</sup> *Correio da Manhã*, 13 de fevereiro de 1907.

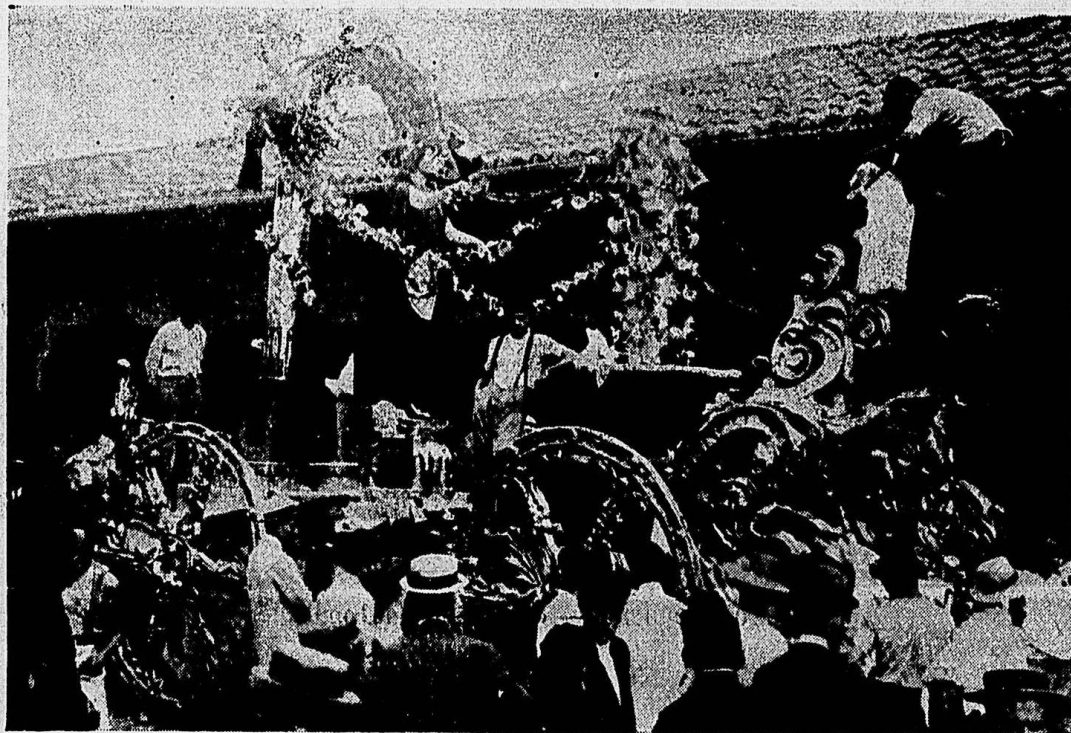
<sup>212</sup> *Correio da Manhã*, 13 de fevereiro de 1913.

Não que os desfiles dos Tenentes tivessem perdido, na República, sua veia crítica. A ironia, o humor, o deboche continuavam a se fazer presentes. É o que mostrava, em XXX, um carro de crítica representando, sobre um estrado, “uma figura simpática de pavão, declamando às massas”. A sátira representada nesse carro, que se voltava contra um tipo de literato que prezava mais sua auto-imagem do que o valor de sua literatura<sup>213</sup>, foi prontamente compreendida pelo público, que aplaudia a pilheria dos baetas.

Se evidenciava a continuidade da veia crítica dos tenentes, alusões como aquela deixavam claro que, em busca do aplauso público, ela mudava de alvo e de forma. Ao invés de atacar diretamente as ações do poder público, como acontecia nos tempos do Império, a sociedade formulava alusões mais sutis para fazer o público rir das contradições do tempo. Em um momento no qual os cariocas haviam acabado de experimentar profundas transformações na cidade do Rio de Janeiro, baseadas na valorização do progresso, o préstito dos Tenentes apresentou, em 1907, um carro intitulado justamente “O Progresso”. , concepção de Marroig, artista responsável pelo préstitobaeta

---

<sup>213</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*, São Paulo, Cia das Letras, 2003,



**O Progresso**

(*Revista da Semana*, 7 de março de 1909)

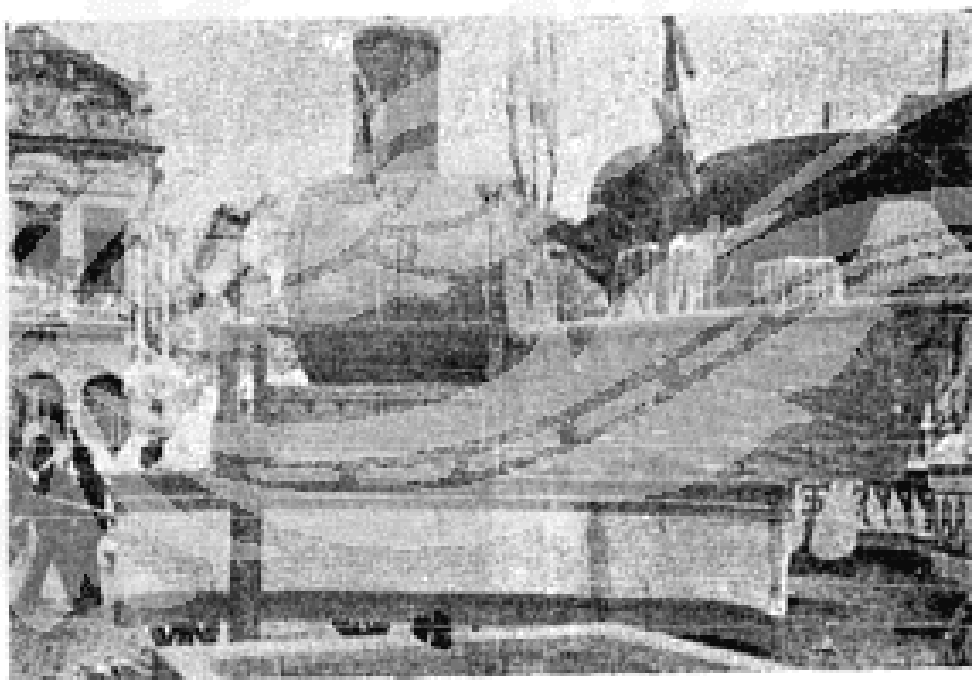
Ainda que dentro da estética pomposa que marcava os desfiles da sociedade, o carro se prestava ao riso. Se a qualidade da imagem não permite uma compreensão maior da cena, ela é assim descrita pelo *Correio da Manhã*:

“duas imensas rodas giratórias, douradas, davam impressão do vôo, sustentando belíssimo trono, sobre o qual ia sentada o querido Lúcifer. Inúmeros raios luminosos, movimentados em todos os sentidos, produziam feérico aspecto.”<sup>214</sup>

Sem chegar a se posicionar contra ou a favor daquele tipo de ação do poder público, seus desfiles limitavam-se assim a trazê-los para o debate – como mostrava, no préstito de 1907, o carro “Quebra dos Quiosques”, onde um quiosque de cabeça para baixo lembrava o ocorrido no ano anterior, quando o povo incendiou alguns quiosques. Nesse carro, “de uma das janelas aparecia a cabeça do quiosqueiro, enquanto do outro lado saltavam diversos monopolistas, comentando espirituosamente o caso”. O mesmo tipo de procedimento se nota no

<sup>214</sup> *Correio da Manhã*, 24 de fevereiro de 1909.

carro “A Expulsão dos Puros”: “à proa de um navio que termina em um xilindró, viam-se, encerrados neste, tipos representados caftens, vigaristas, etc.”<sup>215</sup>. Carro cuja foto está a seguir.



### Um carro de crítica dos Tenentes do Diabo

(Revista *Fon-Fon*, 07 de março de 1908)

Ficava claro, assim, que a ironia dos Tenentes perdia o sentido militante que a marcara nas últimas décadas do século XIX, abrindo-se para o puro entretenimento de públicos diversos.

Espírito fino, alegria, riqueza da ornamentação e fantasias, uma prévia do que estaria por vir no principal dia do carnaval, a terça – feira gorda, momento em que se realizava os préstitos dos Tenentes e das outras Grandes Sociedades. A estrutura do préstito dos Tenentes foi divulgado em um de seus pufes cuja imagem esta abaixo.

<sup>215</sup> *Correio da Manhã*, 13 de fevereiro de 1907.

## 2.4. UM NOVO MODELO DE FINANCIAMENTO

Do ponto de vista dos sócios dos Tenentes e de outros clubes congêneres, os aplausos do público já não eram, no entanto, suficientes para garantir seus desfiles pelas ruas da cidade. Dados os altos custos envolvidos na produção do préstito, e o crescente desinteresse dos comerciantes em financiá-lo, as sociedades começam, por volta do final da primeira década do século XX, a reclamar da dificuldade de levar às ruas o seu desfile. Os preparativos para a festa de Modo de 1909 foram por isso, segundo o *Correio da Manhã*, marcados por um boato que circulava pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro:

“que nenhuma das nossas grandes sociedades carnavalescas poria na rua o seu monumental préstito. A cidade inteira fremiu. A cidade inteira quase chorou. Nós temos a honra de ser o povo mais carnavalesco deste mundo. Pode-se, por aí, imaginar quanto isto tinha de grave para as nossas preocupações sociais, econômicas e até domésticas. O Carnaval sem um prestitozinho seria uma coisa insuportável. Não seria Carnaval”<sup>216</sup>

Do ponto de vista trágico assumido pela nota, a ameaça de ausência de desfile das Grandes Sociedades nos dias de carnaval assumia ares de tragédia. No entanto, para o ano de 1909 surgiu um desmentido ao boato. Era por isso com calculado alívio que o *Correio da Manhã* informava então a seus leitores que, apesar dos boatos, os Fenianos, os Tenentes e os Democráticos saíam à rua, deslumbrando às massas com os seus magníficos carros alegóricos e de crítica.

Ainda que resolvida em 1909, a questão que gerou a ameaça feita pelos sócios dos três grandes clubes continuou a pairar sobre os carnavais dos anos seguintes. Falando sobre o carnaval no ano de 1913, o *Jornal do Brasil* defendia que cabia às cidades zelar pelos seus momentos de festejo coletivo. Dado que o carnaval da cidade do Rio de Janeiro pertenceria essencialmente ao povo, não devia existir nenhum tipo de situação que se constituísse em obstáculo a “esse grande, unânime movimento público através do riso, dos confetes e da serpentina”.<sup>217</sup> No entanto, a realização do carnaval externo pelos Tenentes e demais clubes não encontraria caminho tão livre quanto desejariam membros da imprensa e dos clubes carnavalescos.

<sup>216</sup> *Correio da Manhã*, 1909

<sup>217</sup> *Jornal do Brasil*, 02 de novembro de 1913.

O *Jornal do Comercio* enumera as razões principais para o surgimento cada vez maior de dificuldades para a organização dos desfiles das Grandes Sociedades. O primeiro seria “o estímulo e o apuro do gosto que exigem carros suntuosos”; o segundo a queda das assinaturas nos Livros de Ouro das respectivas sociedades carnavalescas, seguida essa razão pela falta de capitalistas entusiasmados; e por ultimo a crise financeira vivida pela arrecadação dos próprios clubes, principalmente, com a proibição do jogo em suas sedes. Aprofundando as duas primeiras razões o *Jornal do Comercio* apresenta a seguinte análise:

“O estímulo provem dos próprios aperfeiçoamentos industriais e do delírio popular (...) A queda das subscrições entre os comerciantes tem uma origem de ordem mundana, outrora os negociantes viam das sacadas de seus estabelecimentos o desfilar dos préstitos. Divertiam-se com isso e serviam a fregueses, oferecendo-lhes janelas. Agora o automóvel matou a sacada. Ninguém quer ver o carnaval senão do automóvel. De modo que não há o mesmo interesse da parte do comerciante que já não tem a mesma generosidade na subscrição do Livro de Ouro”<sup>218</sup>

De fato, a essa altura o tradicional Livro de Ouro<sup>219</sup>, que trazia a lista de contribuintes (em especial do comércio) para o custeio do carnaval externo, já não reluzia o suficiente para abarcar os custos da produção dos préstitos. Engolidos pelos novos tempos, as Grandes Sociedades teriam assim ficado sem meio de financiar seus desfiles, apesar de sua boa aceitação pelas ruas.

Uma primeira resposta dos sócios das Grandes Sociedades para dar conta de tais dificuldades foi apelar para o próprio comércio. De forma pública, os sócios destes grêmios passam a cobrar dos comerciantes uma maior participação nos custos de produção dos préstitos carnavalescos, “já que nenhum ramo do comércio escapa aos lucros extraordinários dela recorrente, pois desde o operário até o capitalista, todos se preocupam com as despesas necessárias ao preparo das

<sup>218</sup> *Jornal do Comércio*, 12 de dezembro de 1913.

<sup>219</sup> Além da diminuição das receitas, os Tenentes pelo visto enfrentava outros tipos de adversidade, seja incêndios ou o caso relatado pela Gazeta de Notícias de 03 de abril de 1908. “Pelo juiz da quarta vara criminal Dr. Pedro Francelino, foi ontem julgado improcedente a denúncia oferecida contra José Custódio da Silva Vianna e Mário Salgado, acusado de terem se apropriado da quantia de 1:200\$ que obtiveram por meio de uma lista de subscrição do Clube dos Tenentes do Diabo para o carnaval externo.

Assim decidiu o juiz por ter o pai de José Viana, o coronel Ildefonso da Silva Vianna, entrado com aquela quantia e não ter havido intenção dolosa por parte dos denunciados de ficarem com o dinheiro, pois não tinham tempo determinado para a entrega da referida quantia”.

famílias para os dias de real folguedo”<sup>220</sup>. Apelando ao argumento econômico, chamavam a atenção para a importância da festa para seus lucros: além “do lado popular, da feição de júbilo democrático que tanto a distingue e a personaliza, ela possui também a sua acentuada utilidade econômica”.<sup>221</sup> O folião, ao tentar se divertir, ciente das “mil coisas apropriadas ao caráter ligeiro, efêmero de três dias, compra às nossas casas comerciais algumas centenas de contos de réis. Pode-se dizer, pois que as festas carnavalescas dão a ganhar o cêntuplo do que lhe oferece a guiza de auxílio”.<sup>222</sup>

A respeito das empresas, podem-se citar dois casos significativos. A primeira, a Cantareira que transportava nos dias de folia um grande número de pessoas para a cidade do Rio de Janeiro. Sendo nesta ocasião de alegria e diversão possível conseguir uma “receita muitas vezes igual à de um trimestre. Apesar disso, a Cantareira, ao que nos garantem, mimoseia o Carnaval apenas com a quantia de 50\$ para cada clube!”<sup>223</sup>. A segunda empresa era a Light, pois durante o período da “alucinação carnavalesca, os bondes são tomados de assalto. A receita dessa Companhia atinge a uma cifra espantosa. Toda a população das ruas mais afastadas, das zonas mais distantes aflui ao centro da cidade”.<sup>224</sup> Mas mesmo diante dos recursos que obtinha a Light contribui apenas com a importância de 1:000\$000. Contudo, o *Jornal do Brasil* entendia que se fosse solicitada uma maior participação dessas empresas no financiamento dos préstimos elas não se recusariam a ampliar as suas contribuições “uma vez que estas se destinam, a uma festa essencialmente do povo fonte inestancável e crescente de suas rendas”.<sup>225</sup>

Apesar disso, o que se via era o fato do comércio e das empresas de transporte, a cada ano, diminuírem os recursos com os quais concorriam para realização dos festejos carnavalescos dos Tenentes e das outras Grandes Sociedades<sup>226</sup>. Conforme os auxílios diminuía os custos da produção dos

<sup>220</sup> *A Noite*, 02 de novembro de 1913.

<sup>221</sup> *Jornal do Brasil*, 6 de dezembro de 1913.

<sup>222</sup> *Jornal do Brasil*, 6 de dezembro de 1913.

<sup>223</sup> *Jornal do Brasil*, 6 de dezembro de 1913.

<sup>224</sup> *Jornal do Brasil*, 6 de dezembro de 1913.

<sup>225</sup> *Jornal do Brasil*, 6 de dezembro de 1913.

<sup>226</sup> “- é verdade, o clube não conta com o auxílio do comércio?

- Qual ! o comércio este ano fala somente na crise e na carestia da vida e... nada”. Em entrevista com integrante da diretoria dos Tenentes do Diabo. Ver *A Tribuna*, 24 de janeiro de 1914.

desfiles aumentavam “forçados, como tudo, a acompanhar o progresso da urbes”.

<sup>227</sup> Esse esforço em acompanhar a velocidade do progresso fazia com que:

“As despesas de ano para ano aumentam consideravelmente – e isso se explica como consequência do movimento da cidade, do progresso do meio, do adiantamento das modas, da necessidade que todos os clubes sentem de exhibir sempre préstitos novos, originais, carros que encantem, produzam efeito surpreendente”. <sup>228</sup>

A sofisticação dos carros, pedida pelos tempos modernos gerava o aumento dos custos. Em relação aos gastos dos Tenentes, o *Jornal do Brasil*, estimaria as despesas na confecção do préstito baeta em um valor que ficaria entre 70:000 \$ e 80:000<sup>229</sup>.

Frente a tal realidade, essas Grandes Sociedades passavam a buscar outra fonte de financiamento: o poder público. Para que pudessem continuar a levar Pás ruas sua folia, os sócios de clubes como os Tenentes “reclamam muitos sacrifícios, sendo, por isso, necessário que o município concorra para o bom êxito da nossa festa mais popular”. <sup>230</sup> Para justificar tal pedido, seus sócios e simpatizantes tratam de tentar legitimar o seu carnaval, vendo nele uma marca da afirmação da civilização em terras brasileiras. Dentro desse discurso, os membros das Grandes Sociedades defendem que “assegurar o carnaval é uma obra de patriotismo” <sup>231</sup>, sendo por isso obrigação do poder público garantir a realização dos desfiles quando estas sociedades tiverem indisponibilidade de recursos financeiros. Ganhava forma, com isso, um discurso que passava a reivindicar, como legítima, a subvenção pública a sociedades como os Tenentes.

Na base dessa reivindicação estava a tentativa de estabelecer como sinônimo de carnaval a festa promovida pelos Tenentes, Democráticos e Fenianos, vista como única celebração carnavalesca efetivamente popular<sup>232</sup>. Noé o que sugeria um redator do *Jornal do Comércio* em 1913:

“sem os grandes préstitos da terça-feira, perde o seu encanto e fica falho, basta que não se realizem essas passeatas para que o povo não se entusiasme, pelas

<sup>227</sup> *A Noite*. 02 de novembro de 1913.

<sup>228</sup> *Jornal do Brasil*, 06 de dezembro de 1913.

<sup>229</sup> *Jornal do Brasil*, 06 de dezembro de 1913.

<sup>230</sup> *Jornal do Brasil*, 06 de dezembro de 1913.

<sup>231</sup> *A Noite*, 22 de novembro de 1913.

<sup>232</sup> “Sendo, como é a única festa verdadeiramente popular da cidade”. *A Noite*, 02 de novembro de 1913.

festas de Momo, e todos os outros festejos e prêmios carnavalescos se ressintam disso”<sup>233</sup>.

Era frente a tal realidade de inevitável desânimo do carnaval com a ausência dos desfiles das Grandes Sociedades que os seus simpatizantes e sócios justificavam o pedido de financiamento público. Uma primeira iniciativa, nesse sentido, foi tomada pelo deputado mineiro Irineu Machado, que propôs ao Congresso uma Lei concedendo uma contribuição anual de 100: 000\$000. A proposta foi, porém, recusada na Câmara. O motivo de tal negativa foi explicado pela *Gazeta de Notícias* que esclarecia não ter sido aprovado tal subsídio federal “porque no seio da representação nacional foi ponderado que tal auxílio deveria ser local, pois esse imponente folguedo carnavalesco localizava-se apenas no Distrito Federal”.<sup>234</sup> Por mais que negassem a proposta, os congressistas não chegavam assim a entrar no mérito da questão da necessidade de financiamento público para tais sociedades.

Enquanto não se chegava a uma solução, as cobranças na imprensa continuavam, sempre referendando os empréstimos das Grandes Sociedades como sendo a essência da festa carnavalesca da sociedade. Esse posicionamento de alguns jornais seria valorizado pelos Tenentes, como mostrava em 1913 uma nota publicada no jornal *A Noite*: “uma das três grandes sociedades, que há meio século concorre brilhantemente para o esplendor do nosso carnaval, dirigiu-nos um ofício datado de 26 corrente, agradecendo-nos as justas referências feitas aos Tenentes num artigo inserto aqui”.<sup>235</sup> O jornal lamentava inclusive não ser ele o “ministro da Fazenda, ou prefeito municipal, para por à disposição das três sociedades os tesouros federal e municipal, para que o nosso carnaval não perca as suas tradições de beleza e fausto”. E comparando a realidade carioca com outras regiões do mundo, via como incomum a situação da cidade do Rio de Janeiro, na medida em que em “todos os países, onde se faz administração para distrair o público, conservando ou organizando festas, é sempre uma preocupação dos governos municipais ou federais”.<sup>236</sup>

Os argumentos para legitimar a subvenção pública aos três principais clubes carnavalescos da cidade assumiam, assim, o discurso de que eles

<sup>233</sup> *Jornal do Comércio*, 12 de dezembro de 1913

<sup>234</sup> *Gazeta de Notícias*, 30 de dezembro de 1913.

<sup>235</sup> *A Noite*, 31 de dezembro de 1913.

representavam a tradição carnavalesca carioca – como mostrava, naquele mesmo ano, um redator do *Jornal do Brasil*:

“Cremos que a municipalidade, pesando os motivos que vamos seriando, não se recusará a prestar o seu valioso auxílio para que , proximamente tenhamos um carnaval de acordo com as tradições desta festa entre nós.  
(...) Quando, iluminados e admiráveis , os préstitos surgem nas nossas principais vias públicas, ao som entusiástico das fanfarras, chovem os aplausos, o povo delira, a multidão experimenta um frêmito de alegria insopitável.  
Entretanto, bem poucos sabem quanto custam aqueles feéricos carros alegóricos, aquela orgia de luz e de cores, os esplendores e pompa dessas exibiçõesluxuosas e deslumbrantes”<sup>237</sup>.

Repetem-se, na nota, as queixas sobre os custos excessivos dos préstitos. A ampará-las, no entanto, aparecia a afirmação de que caberia somente a sociedades como os Tenentes manter a tradição carnavalesca na cidade do Rio de Janeiro.

Outro argumento para justificar o pedido de subvenção pública era o fato de que a municipalidade também teria a sua contabilidade favorecida pelos festejos carnavalescos. Segundo tal argumento, a Prefeitura arrecadaria somas significativas com o Carnaval na concessão de uma quantidade muito grande de licenças para o comércio especial e ambulante dos produtos que venderiam nos três dias de festa. Diante desse aspecto econômico, falava-se em não deixar o carnaval do Rio morrer, uma festa que já era conhecida no exterior. Mas para continuar a fazer um carnaval encantador, os clubes precisavam cada vez mais de recursos fossem eles do comércio, de empresas e, principalmente, da esfera pública. Para o ano de 1914, novidades apareceram:

“A nossa única festa popular, o carnaval já começou a interessar os poderes públicos. Ontem tivemos a primeira prova disso com a emenda que o intendente Leite Ribeiro ofereceu ao orçamento da despesa. Essa emenda autoriza o prefeito a auxiliar os festejos carnavalescos.

<sup>236</sup> *A Noite*, 31 de dezembro de 1913.

<sup>237</sup> “Queremos que a municipalidade, pesando os motivos que vamos seriando, não se recusará a prestar o seu valioso auxílio para que, proximamente tenhamos um carnaval de acordo com as tradições desta festa entre nós.

(...)

Quando, iluminados e admiráveis , os préstitos surgem nas nossas principais vias públicas, ao som entusiástico das fanfarras, chovem os aplausos, o povo delira, a multidão experimenta um frêmito de alegria insopitável.

Entretanto, bem poucos sabem quanto custam aqueles feéricos carros alegóricos, aquela orgia de luz e de cores, os esplendores e pompa dessas exibiçõesluxuosas e deslumbrantes”. Ver *Jornal do Brasil*, 06 de dezembro de 1913.

Fica o prefeito autorizado a auxiliar os festejos populares do Carnaval de 1914, ficando ao seu arbítrio o modo de proporcionar esse auxílio, e bem assim a fixação da importância a ser despendida”.<sup>238</sup>

Mas esse auxílio, mesmo sendo oficial e dado através da Municipalidade, não parecia bastar do ponto de vista dos sócios de tais grêmios – que viam naquela concessão um ato isolado que estava longe de resolver o problema:

“Só contamos com os esforços dos nossos sócios, com os auxílios do Sr. General prefeito e de outras repartições do governo, pois além da prefeitura, o nosso sócio benemérito que é o intendente Leite Ribeiro, procura obter outros favores do governo para nosso clube e para os dois mais que se empenham para a realização da popular festa anual.”<sup>239</sup>

Ainda que tivessem conseguido o financiamento, os sócios do clube reclamam assim do caráter singular de tal concessão. Alcançada graças à atuação de um de seus beneméritos, ela não chegava a expressar o reconhecimento do poder público da importância de sociedades como aquela.

Por mais que nem sempre bem sucedido, no entanto, o próprio pedido dava a ver a visão formada pelos próprios sócios dos Tenentes sobre seu grêmio: era sobre o prestígio e sucesso alcançado ao longo de sua história nas disputas carnavalescas que sustentavam sua solicitação.

Na construção da imagem de si mesma, os Tenentes do Diabo, em conjunto com as outras Grandes Sociedades, sublinharam em seu discurso o papel de destaque representado por elas no carnaval carioca, sendo elas a expressão da tradição desta festa. Cristalizava-se, assim, a auto-imagem grandiosa e imponente articulada pelos sócios do clube, sobre as quais apoiavam então a imagem pública que tentavam afirmar.

<sup>238</sup> *Época*, 17 de dezembro de 1913.

<sup>239</sup> *A Tribuna*, 24 de janeiro de 1914.

## 2.5. DO PÚBLICO AO PRIVADO: O JOGO

O ano de 1914 conheceria uma intensa campanha contra o jogo por parte da polícia na cidade do Rio de Janeiro. A repressão faria com que muitos clubes se sentissem prejudicados. Nesse contexto, muitos desses clubes buscariam delimitar as suas diferenças em relação a outros existentes na cidade com o objetivo de legitimar a prática do jogo em suas sedes. Diferenciação também feita pelo jornal *O Tempo* ao afirmar que “dentre os vários clubes instalados nesta cidade, (...) há que são genuinamente carnavalescos, possuidores de um passado glorioso, cheios de vitórias estrondosas em préstitos imponentes a divertir o povo.”<sup>240</sup> Sem perceber tal distinção, a polícia cometeria o erro sugerido em 1914 pelo redator do mesmo jornal:

“numa falha de distinção entre clubes carnavalescos e clubes de jogo, verdadeiras casas de tavolagem, confunde todos num só plano e os vai perseguindo violentamente.

Os clubes de jogo, que não tem sócios, que são meras empresas, em nada se prejudicam com essa justa campanha contra o vício, mas os clubes carnavalescos, de um passado glorioso (...) nivelados a casas de tavolagem, sempre visitados pela polícia, tem os seus salões vazios, abandonada a sede, arredados os sócios, falhando não só a renda social como o entusiasmo do folião, impossibilitando a realização dos folguedos carnavalescos”.<sup>241</sup>

A *Gazeta de Notícias* se aproximaria do discurso do jornal *O Tempo* quando tratavam da descrição do quadro social e da estrutura dos clubes de jogo. Se *O Tempo* falava que não tinham sócios esses clubes e que eram “meras empresas” a *Gazeta de Notícias* os classificava como clubes “chics” sendo “empresas de diversões e jogo, com restaurantes e cabarés”<sup>242</sup> já os Tenentes e as demais Grandes Sociedades “são clubes na verdadeira acepção da palavra, compostos de sócios de verdade, e que o fito único é a realização das grandes homenagens a Momo, nos dias de Carnaval”.<sup>243</sup>

Essa situação trazia um ar de suspense a respeito do que seria do carnaval de 1914, perdurando “no ânimo popular a desconfiança de que esse grande folguedo não possa ter o brilho dos anos anteriores; ainda a população carioca

<sup>240</sup> *O Tempo*, 21 de dezembro de 1913.

<sup>241</sup> *O Tempo*, 10 de janeiro de 1914.

<sup>242</sup> *Gazeta de Notícias*, 09 de janeiro de 1914.

<sup>243</sup> *Gazeta de Notícias*, 09 de janeiro de 1914.

receia que os três grandes clubes, Tenentes, Fenianos e Democráticos não possam concorrer ao prélio da folia”.<sup>244</sup> Se de fato se desse a ausência dos Tenentes e das outras Grandes Sociedades isso representaria no prejuízo dos foliões que se veriam privados de seu carnaval.<sup>245</sup>

Isso pelo fato de se verem sem os recursos obtidos pela frequência de sócios e de seus convidados a Caverna não gerando a renda necessária para promover o carnaval externo dos Tenentes. Realidade compartilhada por outras sociedades carnavalescas, constatando-se que nos “dias consagrados a Momo não haverá o desfilar dos imponentes préstitos carnavalescos dos Tenentes do Diabo, Fenianos e Democráticos, que deslumbram a população inteira, enchendo as ruas centrais da cidade para aplaudi-los frenética e entusiasmadamente”<sup>246</sup>. Assim o povo seria o principal prejudicado ao “ver – se – á privado do seu festejo mais comunicativo, se os clubes carnavalescos continuarem a se cerceados pela polícia na sua vida noturna”.<sup>247</sup>

Como conseguir os recursos necessários para o divertimento do povo, se ao tratar os clubes como casa de tavolagem, a polícia “afugentará a frequência dos sócios, diminuindo o entusiasmo dos foliões e os auxílios todos monetários dos poderes competentes não bastarão para que os préstitos tenham a imponência de costume, nem a alegria, o entusiasmo e o frenesi de sempre”.<sup>248</sup> Por isso, pediam ao chefe de polícia que

“não lhes cerceia o movimento carnavalesco, não os impeça das diversões em seus salões como atrativos à frequência dos sócios, do contrário, esforço algum dos diretores desses clubes seja suficiente para a realização dos préstitos carnavalescos que, nos anos anteriores tem assombrado a população carioca”.<sup>249</sup>

Dentro dessa mesma linha de pensamento, se dirigiam as sociedades carnavalescas ao chefe de polícia através dos jornais onde:

“Pediram os denodados foliões, uma vez que se aproxima a época das homenagens a Momo, fosse s. ex., o Dr. Chefe de Polícia mais misericordioso para com esses clubes, não os impedindo de auferir elementos para a realização desses folguedos populares.

<sup>244</sup> *Gazeta de Notícias*, 09 de janeiro de 1914.

<sup>245</sup> *O Tempo*, 21 de dezembro de 1913.

<sup>246</sup> *O Tempo*, 21 de dezembro de 1913.

<sup>247</sup> *O Tempo*, 21 de dezembro de 1913.

<sup>248</sup> *Gazeta de Notícias*, 09 de janeiro de 1914.

<sup>249</sup> *A Imprensa*, 12 de dezembro de 1913.

A polícia, na perseguição tenaz do jogo, desde o tempo do Dr. Edwiges de Queiroz, (...) nivelou os clubes carnavalescos, de tradição e renome, às casas de tavolagem rotuladas com pomposos títulos e agalonadas com esmero”<sup>250</sup>.

A *Gazeta de Notícias* reafirmava as glórias dos Tenentes do Diabo e das demais sociedades carnavalescas, donos “de passado cheio de triunfos, com meio século quase de existência devem merecer da polícia maior atenção e melhor deferência”<sup>251</sup>. Essa deferência que o jornal acredita se possível que o Dr. chefe de polícia demonstre já que, o vendo como uma pessoa justa ele saberia reconhecer a diferença do que define a existência dos clubes carnavalescos dos clubes de jogo sabendo “por certo, separar o joio do trigo”.<sup>252</sup>

A resposta dos jornais aos problemas envolvendo a perseguição ao jogo dentro dos clubes carnavalesco era construída dentro de uma visão predominante que marcava a tradição dos grandes clubes nos festejos carnavalescos da cidade. Representando um elemento de distinção suficiente para se permitir o jogo dentro de suas sedes, uma vez que não é encarado como um fator que reforça “vícios”, mas cumpre o dever de manter viva na cidade do Rio de Janeiro a alma da festa carnavalesca que pelos jornais mencionados estaria presente no luxo, riqueza e alegria dos préstitos das Grandes Sociedades carnavalescas.

Emerge das linhas dos jornais um discurso que vitimiza e dramatiza a situação dos clubes carnavalescos e reforça uma visão crítica em relação à polícia que

“numa campanha sem tréguas que moveu ao jogo que campeava escandalosamente nesta cidade, rebaixou os três grandes clubes carnavalescos à categoria de casas de tavolagem, onde as autoridades policiais davam cercos, faziam canoas, sujeitando os sócios dos clubes a vergonhas inqualificáveis”<sup>253</sup>

Com as sedes vazias, diante de sócios e freqüentadores fugindo de qualquer confusão que poderia representar a chegada da polícia diante da prática de jogos proibidos. A pressão por recursos em função da queda do orçamento devido à repressão ao jogo e a falta de uma ação efetiva da esfera pública em relação ao auxílio que poderia prestar a realização do carnaval externo das sociedades

<sup>250</sup> *A Imprensa*, 12 de dezembro de 1913

<sup>251</sup> *Gazeta de Notícias*, 09 de janeiro de 1914.

<sup>252</sup> *Gazeta de Notícias*, 09 de janeiro de 1914.

carnavalescas, já que a responsabilidade de subsidiar a festa seria da municipalidade segundo entendimento do Congresso. Mas mesmo a municipalidade tendo se prontificado a auxiliar o carnaval externo das Grandes Sociedades, não sinalizou com prazos que permitissem afirmar que a chegada dos recursos se daria a tempo de confeccionar os préstitos carnavalescos. Todos esses argumentos sublinhando a realidade dura vivida pelas sociedades carnavalescas.

As críticas dirigidas por parte da imprensa a Polícia era embasada na experiência da relação estabelecida com outros chefes de polícia que se mostravam mais sensíveis aos argumentos apresentados nas páginas dos jornais como em uma reportagem do jornal *A Noite* de 16 de dezembro de 1913 compara a atitude do Chefe de Polícia com a de um antecessor, o Dr. Alfredo Pinto, que perseguia o jogo com severidade em todos os lugares, mas preservava as três Grandes Sociedades.

Questionava-se o Sr. Francisco Valadares, então chefe de polícia, se estava ciente da preocupação da população quanto a ter ou não Carnaval. Afirmam a ele que “os partidos que mais se agitam nesse momento são os gatos, os baetas e os carapicús. Cada qual trabalha mais pela próxima vitória”. Alertam – o que não deveria contrariá-los, pois ai sim isso representaria um perigo. Devendo temer os clubes mais do que a “falada revolução. Esta pode vir quando a fome for uma realidade. Mas, por ora, a população está interessada na sua grande festa, de modo de que a polícia não deve criar - lhe embaraços” <sup>254</sup>. Teria feito bem o chefe de polícia em permitir o funcionamento dos clubes como sempre, ou seja, com a prática do jogo, “uma vez que seus sócios se divertem calmamente, sem barulho, sem perturbar a ordem e o sossego público. Deixa o povo distrair-se, Sr. Chefe. Assim, ele esquece as suas mágoas” <sup>255</sup>.

Assim, permitir liberar as mágoas seria a forma de evitar que o povo se agitasse em uma revolução que poderia ocorrer para além de questões de fome, como a cidade presenciou poucos anos antes com a Revolta da Vacina. E os clubes não representariam um elemento opositor à ordem social vigente, uma vez

<sup>253</sup> *Gazeta de Notícias*, 12 de dezembro de 1913. O jornal *O Imparcial* dois dias depois publicou uma entrevista com o chefe de polícia sobre o fato de se ele permitiria o jogo nas sedes das grandes sociedades. Sendo a sua resposta negativa à prática do jogo nas respectivas sedes.

<sup>254</sup> *Correio da Manhã*, 10 de janeiro de 1914.

<sup>255</sup> *Correio da Manhã*, 10 de janeiro de 1914.

que estariam em suas sedes, em sua esfera privada se divertindo calmamente, sem incomodar vizinhos ou a população nas ruas.

Dentro da defesa do jogo, este era apresentado como um hábito elegante, de classe, por mais que o jogo dos pobres fosse proibido. Percepção presente em um suposto diálogo do diabo com o Zé do povo, em jornal humorístico do início do século XX, mostrando de forma irônica, como certas práticas, aceitas para a alta roda da sociedade, não valeria para os trabalhadores de baixa renda. Afirmava a lei ser para todos, já que “Maneco vendia o bicho foi preso; o senador X jogou ontem o bacará no Clube dos Diários e foi hoje de manhã recebido pelo presidente da república.”

<sup>256</sup>

Assim, dentro desse quadro de permissividade para grupos mais abastados e perseguição de práticas de grupos mais humildes era possível localizar os Tenentes do Diabo entre os primeiros, uma vez que “os clubes carnavalescos sempre viveram e sempre viverão com o auxílio do jogo, porque as suas despesas são enormes, porque os carnavais quase que os levam a ruína, tendo por intuito divertir o povo”.<sup>257</sup> Se a Gazeta de Notícias legitimava o jogo nos clubes carnavalescos por promoverem o carnaval na cidade através de recursos próprios, o diabo explicava essa diferença questionando Zé do povo sobre quem elaborava as leis, se o senador X ou o Maneco? Assim, deixava claro que a lei favorecia os grupos no poder, estando claro que “a lei é igual para todos... os Manecos”.<sup>258</sup> Tal distinção de tratamento era reforçada no final do diálogo, uma vez que “se conhecesse alguém, que jogue no bicho e não tenha sido preso, denuncia-o a polícia que o prende imediatamente, mas deixa o Clube dos Diários em paz!”.<sup>259</sup>

Um dos jornais que se colocam a favor dos Tenentes e demais sociedades carnavalescas defende a repressão ao jogo, mas “reprimindo jogo franco, às escancaras praticados, numa escandalosa exibição”.<sup>260</sup> Salientava as mudanças ocorridas na cidade, uma vez que o Rio de Janeiro não seria mais a mesma de outrora. Com uma população “de um milhão de habitantes absurdo é querer rebaixá-la a contingência de pequenos burgos”.<sup>261</sup> Uma visão provinciana que não estava de acordo com o que se via em outras capitais onde “joga-se nos clubes

<sup>256</sup> *O Diabo- caricaturas e desenhos humorísticos*, 1907

<sup>257</sup> *Gazeta de Notícias* 2 de janeiro de 1914.

<sup>258</sup> *O Diabo- caricaturas e desenhos humorísticos*, 1907

<sup>259</sup> *O Diabo- caricaturas e desenhos humorísticos*, 1907

<sup>260</sup> *O Tempo*, 21 de dezembro de 1913.

<sup>261</sup> *O Tempo*, 21 de dezembro de 1913.

(...) sob contínua vigilância da polícia”.<sup>262</sup> Permitindo-se o lazer, dentro de um conjunto de regras que se pautassem na moral e bons costumes, aspecto que caberia a polícia fiscalizar.

Mas se por um lado há na imprensa um movimento de defesa do jogo nas Grandes Sociedades, em nome da preservação da tradicional festa carnavalesca no Rio de Janeiro, a coluna “No Império do Pano Verde”, publicada na *Gazeta de Notícias*, vai tratar das transformações dos eventos promovidos nos clubes apresentando o seguinte título para a sua coluna: “A mudança dos clubes chiques e a defesa das diversões noturnas”. A coluna critica a defesa do jogo realizada pelo jornal *A Notícia*, e fala especificamente do caso dos Tenentes do Diabo:

“Ora, nós sabemos e o público sabe perfeitamente que os Tenentes não são mais do que uma sociedade entre dois homens, que instalaram as suas bancas de roleta, bazará, etc para explorar os freqüentadores.

O Clube dos Tenentes deixou de ser uma sociedade carnavalesca e é hoje uma casa de jogo onde qualquer pé rapado, sem ser sócio, ou sem se fazer acompanhar de associados, com ou sem mulheres, como estas também a sós, entra, bebe, joga e é roubado escandalosamente”<sup>263</sup>

A partir deste trecho, podemos perceber os conflitos que surgem através da associação de outras práticas dentro dos Tenentes do Diabo que não aquelas que a definiam como uma sociedade carnavalesca, promovendo eventos freqüentados pela alta roda da sociedade. A civilização, a que se filiaram tantas vezes as Grandes Sociedades, não era enxergada pelo autor da coluna quando reconhecia nos Tenentes não a busca de promover a alegria dos festejos carnavalescos, mas sim, a expressão do interesse financeiro de um pequeno grupo que explora o jogo na sede desta sociedade carnavalesca.

O discurso dos Tenentes do Diabo, recorrendo ao prestígio acumulado através de suas exibições públicas buscava reforçar as suas atividades privadas. Valendo-se da defesa do carnaval externo procuravam legitimar as suas diversões internas como o jogo, uma vez que se para a confecção dos préstitos encontravam-se sem recursos em seus eventos internos entrava-se em contato com um clube em grande fase e bem freqüentado, já que os Tenentes era “sem dúvida o clube chique, o clube da moda, que se acha atualmente magnificamente instalado no

<sup>262</sup> *O Tempo*, 21 de dezembro de 1913.

<sup>263</sup> *Gazeta de Notícias*, 13 de fevereiro de 1916.

esplendido prédio da rua do Passeio próximo ao Palace – Theatre”.<sup>264</sup> O encantamento e luxo vistos nas instalações da Caverna foram atribuídos ao esforço de um dos membros de sua diretoria, o capitão Alfredo Gomes de Jesus,

“que dirigindo várias comissões para a reinstalação do glorioso clube carnavalesco, encontrou um excelente companheiro, o atual vice – presidente do clube o Sr. Joaquim M. e Gouvêa, inteligente e hábil construtor, sócio principal da firma M. Gouvêa & C. instalada a rua dos Arcos n. 26, que se incumbiu da restauração do salão principal da sede dos Tenentes do Diabo e demais dependências, que foram lindamente decoradas e fartamente iluminadas”.<sup>265</sup>

A combinação da decoração com a iluminação requintava ainda mais a sede baeta, que apresentava um lindo mobiliário sendo condizente com o lugar que representava. Essa reforma, que passava tanto pelo esforço dos baetas como pela sua rede de sociabilidade, uma vez que um de seus integrantes era sócio de uma construtora que se responsabilizou pelas obras permitiu a afirmação que “sua instalação é atualmente a mais perfeita dos três grandes clubes carnavalescos e a sua diretoria não se esqueceu de instalar um bar restaurante, onde todas as noites uma esplendida orquestra faz sempre boa música”.<sup>266</sup>

---

<sup>264</sup> *O Tempo*, 10 de janeiro de 1914.

<sup>265</sup> *O Tempo*, 10 de janeiro de 1914.

<sup>266</sup> *O Tempo*, 10 de janeiro de 1914.



(entrada da Caverna por ocasião de um baile a ser realizado no carnaval de 1914 –  
Revista Fon! Fon!, 21 de fevereiro de 1914)



**(Grupo na sede dos Tenentes do Diabo – Revista Fon! Fon! 08 de fevereiro de 1913)**

Nas imagens, o exemplo da decoração da Caverna, a presença das mulheres que freqüentavam a sede baeta, a organização de mais um evento carnavalesco, para mais uma “noite, a gloriosa Caverna escancarará mais a sua garganta para receber as diabolinas e os baetas que forem gozar as delícias dos langorosos maxixes ou das valsas ligeiras”.<sup>267</sup>

Tenentes pareciam novamente com vitalidade. Defendendo os seus interesses privados se ligavam a um discurso universalista, representando a tradição da folia de Momo. Procurariam aprofundar a ligação com o poder público. Essa ligação pública com o regime se expressava em homenagens a grandes personalidades políticas como no caso do Carnaval de 1913 onde se vê abaixo um exemplo de carro alegórico com esse intento.

<sup>267</sup> *O Tempo*, 10 de janeiro de 1914.

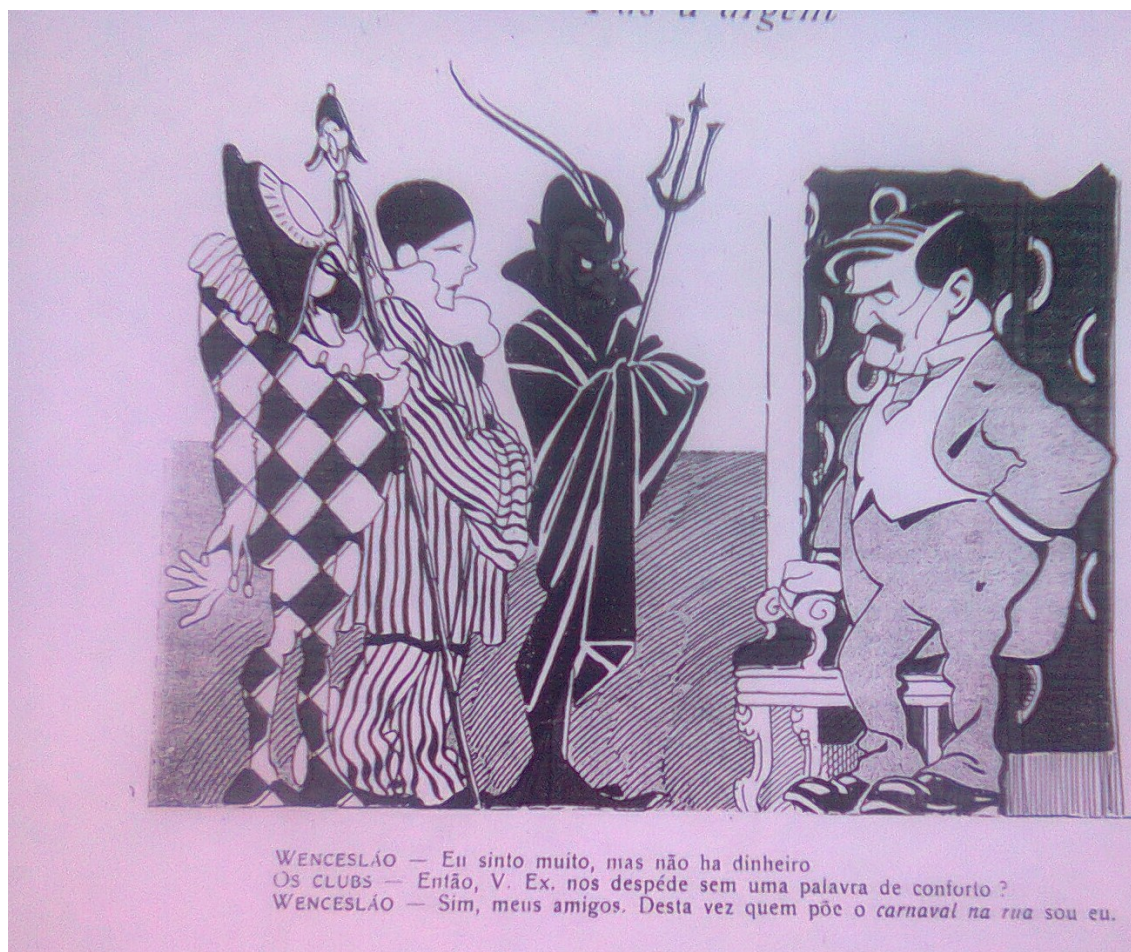


Carro allegorico A. B. C. *Sul Americano*, «Homenagem ao Barão do Rio Branco e ao Barão Muller» dos Tenentes do Diabo.

(Revista Fon! Fon!, 08 fevereiro de 1913)

### 3. ENCONTROS DE CARNAVAIS

Em 12 de fevereiro de 1916 A Revista *Careta* publicava uma charge de J. Carlos intitulada “*Pas d`argent*” – que pode ser livremente traduzida como “Nenhum dinheiro”. Ela apresentava um suposto diálogo entre o presidente da república, Wenceslau Braz, e as três Grandes Sociedades Carnavalescas.



(Revista *Careta*, 12 de fevereiro de 1916)

Os clubes, que aparecem como três personagens com fantasias capazes de representá-los, pareciam então surpresos com a negativa de financiamento por parte do presidente. Sugerindo entender que seus desfiles seriam de interesse público, mostravam esperar ao menos solidariedade por parte do governo federal,

coisa que não chegam a conseguir. No lugar da consideração esperada o que se viu foi um comentário irônico onde Wenceslau Braz afirmava que naquela ocasião “quem põe o carnaval na rua sou eu”. A situação dos Tenentes e das outras sociedades carnavalescas passava na década de 1910 pela constante reivindicação de subvenção pública para a realização de seu carnaval externo. A recusa de Wenceslau Braz deixava os Tenentes numa situação difícil para apresentar um carnaval externo condizente com as tradições dos sócios da Caverna.

Não era de se admirar, por isso, que em uma charge publicada na revista *Careta* em 24 de fevereiro de 1917 tratasse de sugerir o destino que vinha sendo tomado pelas Grandes Sociedades:



(Revista *Careta*, 24 de fevereiro de 1917)

A imagem do cortejo fúnebre se ligava, em primeira instância, ao término do carnaval daquele ano - simbolizando a tristeza pelo fim das comemorações carnavalescas de 1917. Para enterrar Momo, seguiam no cortejo as três Grandes Sociedades, representadas por suas personagens-símbolo: o diabo (Tenentes), o Pierrot (Democráticos) e o Arlequim (Fenianos). Se o cortejo marcava o fim da alegria, das brincadeiras proporcionadas pelos três dias de folia, naquele contexto os contemporâneos poderiam identificar naquele cortejo uma tristeza mais ampla: o enterro do carnaval da cidade, ou pelo menos daquele modelo de carnaval representado por estas três Grandes Sociedades. Diante das dificuldades enfrentadas pelos Tenentes e as outras sociedades carnavalescas para se manter, anunciava-se para elas um tempo de dificuldade e decadência, que a charge apenas anuncia.

Não se trata de imagem restrita ao olhar dos contemporâneos. Na própria historiografia que trata da história do carnaval no Rio de Janeiro, a ideia de que o final da década de 1910 marcava o início da decadência dessas Grandes Sociedades encontra-se diretamente afirmada.

O fato de que esta história se aproxime tão diretamente da memória então produzida pelos próprios membros e simpatizantes de clubes como os Tenentes do Diabo nos coloca, no entanto, um problema: o de sua parcialidade. Afirmada com objetivos claros – o de defender a necessidade de financiamento público par tais grêmios – a ideia de decadência, por mais verdadeira que fosse, estava longe de poder ser marcada como fato objetivo. Se testemunhos como aqueles expressos nas duas charges acima apontam para uma progressiva perda de prestígio por parte das Grandes Sociedades semelhante àquela descrita pela historiografia, cabe assim buscar, na trajetória dos Tenentes ao longo da década de 1920, outra forma de compreender sua história nos anos seguintes.

### 3.1. AS GRANDES SOCIEDADES EM QUESTÃO

O início do século XX colocaria a prova se os Tenentes do Diabo poderiam manter o seu prestígio na festa carnavalesca carioca. A concorrência pela atenção da imprensa ampliou-se consideravelmente diante das transformações que ocorriam na cidade. Entre os concorrentes estariam principalmente os ranchos que a partir da década de 1910 ganhavam espaço na imprensa e no gosto de alguns intelectuais. Como lidar com a concorrência e as críticas era uma realidade que se apresentava para os Tenentes do Diabo e as demais Grandes Sociedades.

De fato, os Tenentes do Diabo adentram os anos 1920 marcados por um histórico de diversas dificuldades. Dentre incêndios, perseguições à prática do jogo, novas ameaças de falência, e discussões sobre a subvenção pública do carnaval externo das Grandes Sociedades, viu-se então surgir, pela primeira vez, um claro questionamento do modelo de carnaval representado pelas três Grandes Sociedades. É o que sugere, em 1922, um desenho da revista *O Malho*:



**Revista *O Malho* 11 de março de 1922**

(“- Você não acha que essas alegorias estão muito repetidas?  
 - Nada há de novo sob o sol, meu caro. Sempre há bolas, rodeios e ‘giros’...”)

Publicada pouco após os dias de folia, a charge tinha um sentido crítico claro. Se desde o final do século anterior a imprensa a cada ano gastava colunas e mais colunas a saudar o brilho, grandeza e pompa das representações trazidas nos carros alegóricos das Grandes Sociedades, a charge tocava em um fato facilmente perceptível para qualquer contemporâneo: o da repetição contínua, em seus desfiles, de um mesmo padrão estético. Não por acaso, aparecem no desenho pedaços de carros alegóricos que de fato haviam marcado vários dos préstitos desses grupos no passado – como os grandes cavalos à frente, as luzes ou os efeitos giratórios. Perdida a novidade instituinte que esses símbolos tiveram de início, tratava-se assim, para o desenhista, de um modelo já antigo, que se perpetuavam como simples repetição.

Não se tratava, àquela altura, de uma impressão isolada do desenhista. Como ele, outros contemporâneos demonstrariam o cansaço generalizado com o modelo de carnaval representado pelas Grandes Sociedades. Mesmo antigos literatos, antes eram fervorosos defensores das Grandes Sociedades, tornaram-se então seus críticos. É o caso de Coelho Netto, que em 1923, expressa esse desencanto com tais grupos:

“As sociedades, presas é rotina, exibem, ainda hoje, com ligeiras modificações e um pouco mais estirados, (naturalmente por haverem crescido com a idade), os mesmos carros que, há trinta anos, rodavam na Rua do Ouvidor, sob os arcos de gás: as grutas, os açaфates e os quiosques giratórios, aquários e aviários, peixes e dragões alados que espichavam a língua ensangüentada a cochonilha e outros espécimes de fauna truculenta.

Lembro-me, entretanto – e com que saudade! – dos préstitos com que, outrora, disputavam a láurea da vitória carnavalesca os três clubes sempre em emulação: Democráticos, Tenentes e Fenianos.

Havia neles gosto e espírito e os principais acontecimentos do ano decorrido eram tratados com arte e se alguns comoveram, como no carnaval de 1889, o desfile dos retirantes alusivo ao êxodo do sertão cearense flagelado pela grande seca chamada dos três 8, outros provocaram o riso pelo imprevisto da farsa, às vezes verdadeiras sátiras aristofanescas ou mimos cômicos, à maneira dos de Roma”<sup>268</sup>

Ao lembrar carnavais passados, Coelho Netto se mostrava nostálgico ao falar sobre a saudade que sentia dos momentos em assistia as apresentações dos préstitos das Grandes Sociedades. Fazia referência às festas das últimas décadas do século XIX, momentos de gosto e espírito com os desfiles dos principais clubes carnavalescos. Nesses desfiles, se comovia com o retrato de problemas sociais como a seca ou era levado ao riso diante do humor crítico presente nos

préstitos, onde o próprio autor se caracterizou como um grande entusiasta do modelo de carnaval das Grandes Sociedades, a crônica sugere que esse modelo perdeu o sentido social e político que contribuiu para a sua grande popularidade, como a defesa das causas abolicionistas e republicanas.

Para Coelho Netto, clubes como os Tenentes do Diabo, ao representar velhas formas de brincar o carnaval, não conseguiriam mais responder às demandas do tempo. Em um momento no qual a ordem republicana fundada a partir do governo de Campos Salles começava a entrar em crise, evidenciando as contradições daquele modelo de República oligárquico e cosmopolita<sup>269</sup>, esses escritores passavam a buscar novos caminhos para a cultura nacional, representada por seu carnaval. No lugar de uma festa cujos temas mencionam constantemente uma cultura clássica, o próprio Netto passava assim a valorizar manifestações que representassem um perfil mais original e popular da nação. Era o caso, para ele, dos chamados ranchos.

Em se tratando da descrição dos ranchos e cordões no carnaval carioca, grande parte desses relatos passa pela crítica ao fato da presença em suas festividades de costumes ligados à cultura negra e africana presentes na cidade. Nesse sentido, os cordões seriam o principal alvo desse discurso negativo como se pode perceber na descrição de João do Rio a seguir:

“Na turba compacta o alarma correu. O cordão vinha assustador. A frente um grupo desenfreado de quatro ou cinco caboclos adolescentes com os sapatos desfeitos e grandes arcos pontudos corria abrindo as bocas em berros roucos. Depois um negralhão todo de penas, com a face lustrosa como piche, a gotejar suor, estendia o braço musculoso e nu sustentando o tacape de ferro.”<sup>270</sup>

Dentro desse cenário descrito por João do Rio, apresenta-se de um festejo carnavalesco marcado pela violência, barbárie que se distanciam da idéia de civilização marcada pelo progresso e bons costumes. Distanciamento que marcava a fronteira do carnaval dos cordões em relação ao modelo de carnaval das Grandes Sociedades, visto como norte da civilização no carnaval carioca, defendido pela imprensa e por intelectuais. Tal situação faria com que os cordões fossem objeto

<sup>268</sup> NETTO, Coelho, “Os ranchos”, *A Noite*, 12 de fevereiro de 1923.

<sup>269</sup> - Cf. Marieta de Moraes Ferreira. “A reação republicana e a crise política dos anos 20”, *Estudos Históricos*, vol. 6, no. 11, 1993, pp. 9-23

<sup>270</sup> RIO, João do. *Alma encantadora das ruas*. Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro.

de críticas, críticas que antes eram encaminhadas a outras manifestações carnavalescas que marcaram os festejos carnavalescos no século XIX.

Os cordões deste modelo expressariam uma forma pela qual os “pobres exercitavam sua capacidade de divertir-se com autonomia, de rir de patrões e das autoridades (até de enganá-los, se necessário), em uma espécie de vingança social exercida em linguagem carnavalesca.”<sup>271</sup> E essa capacidade autônoma de uma parcela menos favorecida da sociedade carioca de brincar o carnaval constituído nos cordões se apresentavam distantes do modelo defendido por grupos abastados e intelectuais na cidade do Rio de Janeiro, no entendimento de um desses intelectuais, no caso João do Rio, vai ser visto como uma das expressões que definem a cidade ao falar que os cordões “são os núcleos irredutíveis da folia carioca, brotam como um fulgor mais vivo e são antes de tudo bem do povo, bem da terra, bem da alma encantadora e bárbara do Rio”.<sup>272</sup> Mesmo reconhecendo a dimensão bárbara dos cordões, João do Rio vai ver esse aspecto como um elemento de encantamento, que instiga a sua curiosidade para entender o que se desenrola nas festas a cidade.

A respeito da disseminação de ranchos e cordões, estes seriam encontrados por regiões que não se restringiam a área da Cidade Nova, espaço da cidade do Rio de Janeiro marcada pela presença negra, como as casas de candomblé. Nesse sentido, cordões seriam apresentados e quantificados por João do Rio da seguinte maneira:

“Quantos cordões julgas que há da Urca ao Caju? Mais de duzentos! E todos, mais de duas centenas de grupos, são inconscientemente os sacrários da tradição religiosa da dança, de um costume histórico e de um hábito infiltrado em todo o Brasil”.<sup>273</sup>

Conforme o desenrolar dessas manifestações carnavalescas ligadas às camadas populares se ordenavam, passavam a chamar a atenção dos intelectuais e membros da imprensa para um novo modelo de festa que teria como divisor de águas o ano de 1907 com o surgimento do rancho Ameno Resedá.<sup>274</sup>

<sup>271</sup> CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da Folia. Uma história social do carnaval entre 1880 e 1920*, São Paulo, Cia das Letras, 2001. p.185

<sup>272</sup> RIO, João do. *Alma encantadora das ruas*. Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro. p.119

<sup>273</sup> RIO, João do. *Alma encantadora das ruas*. Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro. p. 119

<sup>274</sup> CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da Folia. Uma história social do carnaval entre 1880 e 1920*, São Paulo, Cia das Letras, 2001.

No entanto, para se pensar o Ameno Resedá é importante inseri-lo em um processo histórico em que se deu não só a sua criação, como de tantas outras associações recreativas e grupos carnavalescos pela cidade do Rio de Janeiro<sup>275</sup>. O Prazer das Morenas e Flor da União são exemplos de agremiações surgidas em bairros operários que tinham como objetivo proporcionar o lazer de seus associados. Processo que teve o seu início no século XIX, e se intensificou com o passar dos anos “em uma espécie de febre associativa que levava à criação de dezenas de novas sociedades a cada ano”<sup>276</sup>. Tendo feito das sociedades criadas por moradores desses bairros operários “um meio de organizar suas proximidades e diferenças”.<sup>277</sup>

O Ameno Resedá representaria um novo modelo de festa, despertando o interesse da imprensa e de outros grupos da sociedade a ponto do Resedá ser recebido em um evento com o então presidente Marechal Hermes da Fonseca no Palácio das Laranjeiras. Para esse interesse a imprensa contribuiu enormemente ao passar a destacar em suas páginas essa manifestação carnavalesca. No entanto, é curioso observar a diferença na percepção da imprensa sobre os ranchos confrontada com os membros desse grupo uma vez que a imprensa ao defini-los utilizava os termos “ranchos” e “sociedades”. No entanto, alguns dos integrantes do Ameno Resedá expressavam a intenção de criar um cordão, independente da opinião depreciativa da imprensa a respeito dessa forma de brincar o carnaval. É importante, assim, observar os ranchos dentro da dinâmica da sociedade brasileira e carioca que se encontrava em intensa transformação. Perceber que,

“eram grupos de populares que simultaneamente construíam e se legitimavam por meio de valores urbanos modernos como o valor do indivíduo, das particularidades dos grupos, da competição e de contínuas elaborações baseadas na dinâmica das relações sociais urbanas, jamais tidas como definitivas.”<sup>278</sup>

<sup>275</sup> Essa visão de que esse processo ocorreria de uma maneira geral pela cidade partiria mais dos letrados como Bilac do que se caracterizar de uma maneira concreta. Segundo Leonardo Pereira a “febre dançante” poderia ser entendida como uma marca dos bairros de trabalhadores.

<sup>276</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda, A Flor da União: festa e identidade nos clubes carnavalescos do Rio de Janeiro (1889 – 1922). Terceira Margem, ano X, n.14, p. 169 – 179, 2006.

<sup>277</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda, Prazer das Morenas: bailes, ritmos e identidades nos clubes dançantes da Primeira República IN: Vida Divertida: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830 – 1930). Rio de Janeiro, Apicuri, pp. 275 – 299, 2010, p. 286

<sup>278</sup> GONÇALVES, Renata de Sá, *Os ranchos pedem passagem*, Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS/ PPGSA, 2003.

Renata Sá situa os ranchos em um lugar intermediário, transitando entre esses espaços diferentes “produzindo um carnaval mediado por uma rede de relações sociais onde tinham lugar os cronistas, os comerciantes, a polícia, os músicos, as tias baianas, os grupos médios, além das camadas populares dos bairros e subúrbios”.<sup>279</sup> E sobre esse carnaval haveria uma visão do início do século XX onde os ranchos representariam:

“um misto de civilidade e originalidade foi, portanto, resultado de negociações sociais entre alguns “letrados” que escreviam nos jornais e os próprios grupos ranchistas. Não é um resultado puro, sem sobras. Não é sequer o único resultado. No entanto, foi uma das versões sociais de qualificação de uma manifestação expressiva popular que mais se destacou e se estabeleceu socialmente por seu potencial simbólico amplamente partilhado.”<sup>280</sup>

Dentro desse cenário, Maria Clementina afirma que os ranchos passaram a ocupar o lugar na imprensa que era reservado anteriormente as Grandes Sociedades estando “com sua imagem consolidada no final da década de 1900-10”.<sup>281</sup> No entanto, o ponto interessante na argumentação de Clementina reside no fato dos ranchos terem combinado a pedagogia das Grandes Sociedades, incorporando algumas das características dessas sociedades carnavalescas como

“o luxo, esplendor, aparência de erudição e “espírito”, acrescidos de uma qualidade sonora genuinamente nativa. Aos olhos desses cronistas, os ranchos cariocas pareciam ter perdido o viés negro e folclórico dos originais, para tornar-se, sobretudo um lugar de boa tradição musical e uma manifestação de gosto que os aproximava das Grandes Sociedades”.<sup>282</sup>

Se entendêssemos como consolidado a posição do rancho na preferência da imprensa como explicar os recursos públicos dirigidos as Grandes Sociedades e a sua permanência em destaque no meio jornalístico ainda pelas próximas décadas? Desta maneira a relação entre essas expressões do carnaval carioca se deu por um longo período e não era caracterizada pela substituição de uma pela outra, mas pela inter-relação suscitada entre elas. Assim, os ranchos carnavalescos, em meio a tantas outras organizações carnavalescas,

<sup>279</sup> Idem. GONÇALVES, Renata de Sá, Os ranchos pedem passagem, Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS/PPGSA, 2003.

<sup>280</sup> GONÇALVES, Renata de Sá, Os ranchos pedem passagem, Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS/PPGSA, 2003, p. 193.

<sup>281</sup> CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da Folia. Uma história social do carnaval entre 1880 e 1920*, São Paulo, Cia das Letras, 2001. p. 227

demonstravam que a cultura popular não era una, tampouco estática. Os ranchos se constituíam socialmente em meio a uma permanente tensão entre continuidade e mudança.

Assim, os ranchos passaram a se distinguir mais claramente de outros grupos, quando os componentes formais ou oficiais regulados pela Polícia e pela Imprensa, promotoras de certa ordem institucionalizada, se combinaram aos componentes não-oficiais, nas relações travadas entre músicos “do povo” e “da elite”, artistas renomados, foliões das classes trabalhadoras, mulheres do povo claramente mediados pelos cronistas. Os componentes musicais, de dança, de cortejo, de disciplina foram os meios e os fins da constituição dos ranchos enquanto manifestações ordeiras e particularizadas no contexto carnavalesco do Rio de Janeiro do começo do século.

E a respeito desse processo de qualificação dos ranchos mencionado por Renata de Sá, um dos letrados de destaque nessa ação de valorização desse tipo de carnaval foi Coelho Netto, que nos anos 1920, passaria a expressar um entendimento sobre o carnaval das Grandes Sociedades distante da identidade brasileira que ele associaria a chamada cultura popular relacionada com os ranchos.

Dentro desse contexto, literatos como Coelho Netto passaram a se colocar como defensores incondicionais daquilo que definiam como ranchos. Definidos como uma manifestação nova e original, eles passam a ser vistos como o novo, representando uma renovação para a festa que letrados antes reconheciam nos préstitos das Grandes Sociedades. É o que Coelho Netto já havia reconhecido, em 1922, o em uma de suas crônicas, publicada no jornal *A Noite*:

“O que não conseguiram os grandes clubes gastando rios de dinheiro e pondo em competição os nossos mais celebrados artistas cenográficos que se esmeram, em sigilo hermético, na composição dos faustosos préstitos carnavalescos, vai, pouco a pouco, realizando o Povo com as suas modestas sociedades e os seus cordões pitorescos – o renovamento do Carnaval”.<sup>283</sup>

Em seu texto enfatiza o requinte, o luxo e o caráter artístico do desfile das Grandes Sociedades em seus “faustosos préstitos”, mas destacava como problema principal desse modelo de festa a ausência de renovação em seus desfiles. Como

<sup>282</sup> Idem, p.227

<sup>283</sup> NETTO, Coelho. “*Clubes e cordões*”, *A Noite*, 23 de fevereiro de 1922

solução para essa falta de novidades o povo, com suas tradições forneceriam os elementos que permitiriam a construção de uma festa original, se distanciando de modelos universais, que trazem a sensação de mais do mesmo.

Dentro desse cenário de disputa não só pelo reconhecimento da imprensa como do espaço da festa entende-se que as Grandes Sociedades não se mostram em declínio no início do século XX diante da valorização de outras manifestações carnavalescas pela mesma imprensa que valorizava as Grandes Sociedades. Desta forma, não se pode entender a imprensa como um bloco homogêneo, seja para o século XIX um período onde parte da historiografia sobre carnaval trata como o apogeu do modelo de carnaval adotado pelas Grandes Sociedades ou para esse início de século onde esse modelo estaria em declínio segundo a interpretação predominante.

Desse modo, Coelho Netto mostrava ver nesses pequenos clubes o caminho de definição de rumos novos para as festas carnavalescas da cidade do Rio de Janeiro, onde esses grupos representariam uma identidade nacional que seria capaz de dar conta de todos brasileiros.<sup>284</sup> Desta forma, as Grandes Sociedades, como os Tenentes, iniciariam a década de 1920 sob críticas, de intelectuais como Netto que em tempos saudosos apoiaram o modelo de festa destas sociedades carnavalescas.

---

<sup>284</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda, *A Flor da União: festa e identidade nos clubes carnavalescos do Rio de Janeiro (1889 – 1922)*. Terceira Margem, ano X, n.14, p. 169 – 179, 2006, p. 171.

### 3.2. INTERSEÇÕES CARNAVALESCAS

Nota-se bem o crescimento dos ranchos como forma de expressão de um novo modelo de folia dentro do carnaval carioca, a crônica de Netto se mostra pouco atenta, no entanto, para as intercessões entre este modelo e o tipo de folia promovido pelas Grandes Sociedades. De fato, quando Coelho Netto colocava as Grandes Sociedades carnavalescas como um modelo de carnaval ultrapassado, e os ranchos como sendo a expressão do novo, do original e autêntico em termos de manifestações carnavalescas, ele acaba por ignorar como o espaço da festa era marcado por uma intensa comunicação e troca entre os próprios grupos carnavalescos.

Ao olharmos de perto essas pequenas sociedades, no entanto, nota-se que elas partiam de um modelo de festa tirado das mesmas Grandes Sociedades criticadas por Coelho Netto. A própria organização dos grupos através dos seus estatutos, espelharia um modo de organização realizado pelas principais sociedades carnavalescas da cidade. Nesse processo o Prazer da Morena e a Flor da União são de novo exemplos para se pensar essa questão, onde ao adotarem um modelo de carnaval mais parecido com o dos principais clubes passou a despertar o interesse de letrados como Coelho Netto.

“ainda que ciosos de sua herança africana, os sócios do Prazer das Morenas mostravam, portanto, encará-la de forma dinâmica – abrindo-se para a possibilidade de transformar tal herança através do contato com outras práticas e costumes. Era através desses espaços de mistura deliberada entre ritmos, danças e tradições diversas que aqueles salões se afirmavam como espaços privilegiados do processo de definição de novas formas culturais capazes de simbolizar a nação, como o próprio samba”.<sup>285</sup>

Um aspecto de grande interesse nessa relação entre pequenas e grandes sociedades carnavalescas diz respeito à cópia explícita do modelo das Grandes Sociedades, fato que muitas vezes se deu de forma direta.

Como exemplos dessa inspiração direta no modelo das Grandes Sociedades tinha o Club Carnavalesco Democráticos de Madureira que no carnaval de 1909 “apresentou um préstito bem organizado, tendo carros alegóricos de real efeito, todos maquinados e iluminados”<sup>286</sup>. Não só a presença de carros alegóricos representava uma semelhança com as Grandes Sociedades como o fato

<sup>285</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda, Prazer das Morenas: bailes, ritmos e identidades nos clubes dançantes da Primeira República IN: Vida Divertida: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830 – 1930). Rio de Janeiro, Apicuri, pp. 275 – 299, 2010, p.297

de confeccionarem carros ricos em iluminação e maquinados, novidades trazidas não fazia muito tempo pelas Grandes Sociedades.

Efeitos e alegorias presentes no desfile dos Democráticos de Madureira que indicavam um dos elementos capazes de atrair um grande número de foliões, já que “às 6 horas da tarde era considerável a massa de povo que estacionava no largo de Madureira e nas proximidades do barracão aguardando a saída da valente rapaziada”. Tal como as grandes sociedades a festa se mostrava uma celebração masculina, com a “valente rapaziada” mostraria o que prepararam para o público que assistiria o desfile organizado por ela.

Os Tenentes do Diabo de Madureira, através de um de seus grupos conhecido por “Caravana dos Elétricos” contava com “um pessoal bom no choro de violões, flauta, cavaquinho, clarinete (...)” mostrando uma feição musical igual aos Tenentes original, realizariam “domingo próximo, na Caverna de Madureira, uma bruta homenagem, (...) aos valentes (...) defensores do pavilhão rubro – negro nos subúrbios”. Interessante a semelhança na dinâmica de homenagens, mas enquanto nos Tenentes do Diabo de Madureira se realizaria uma “bruta” homenagem nos Tenentes do Diabo se realizaria uma “imponentíssima recepção a Alegria e ao Prazer”.<sup>287</sup>

Na imagem a seguir, vemos os Fenianos de Cascadura posando para o fotógrafo da revista *O Malho*, tal como era possível ver imagens das sedes das Grandes Sociedades.

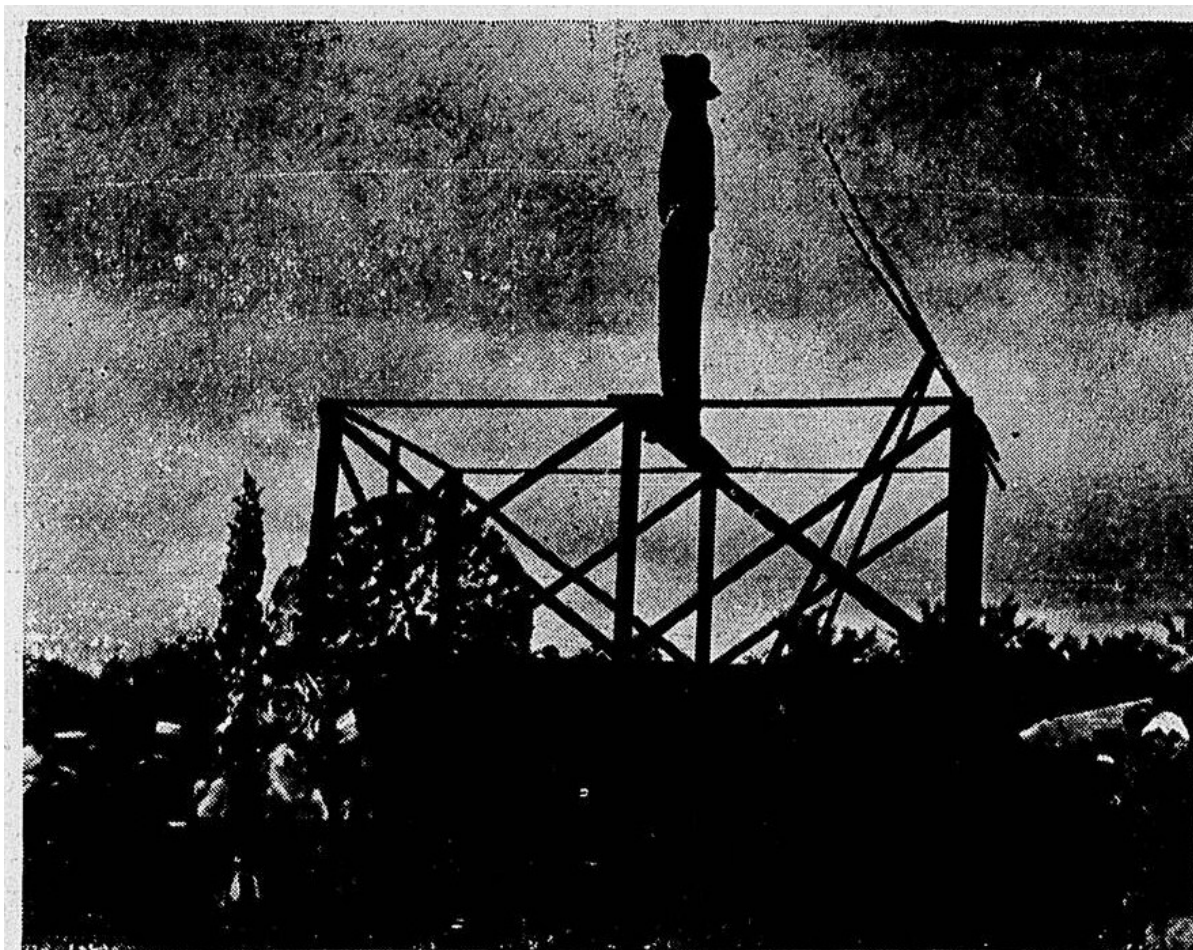


*O MALHO* 01 março 1924 -- Fenianos de Cascadura

---

<sup>286</sup> *O Paiz*, 22 fevereiro de 1909

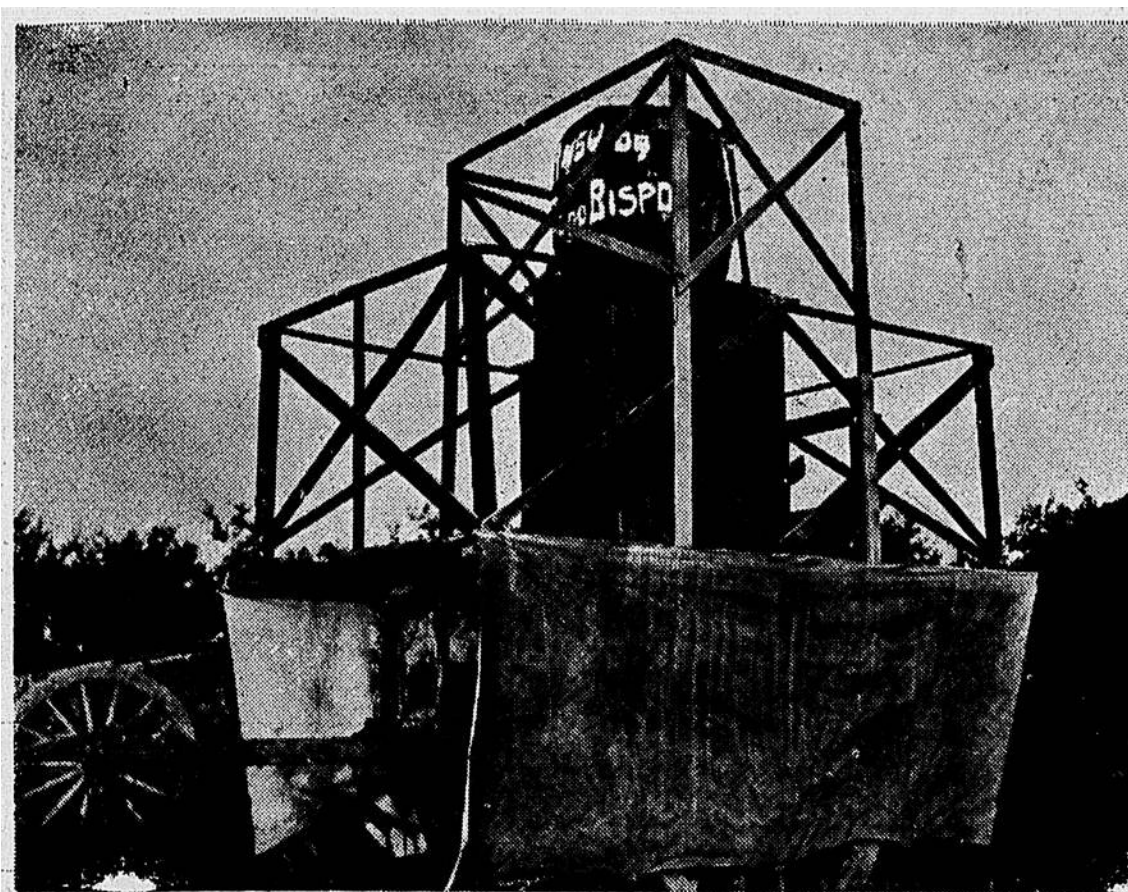
Mesmo quando não era tão explícita, porem, esta influência era clara – como mostra o caso dos Teimosos de Madureira, cujo desfile apresenta carros como aqueles que reproduzo abaixo:



*Carro de critica--A Tesoura Peçanha*

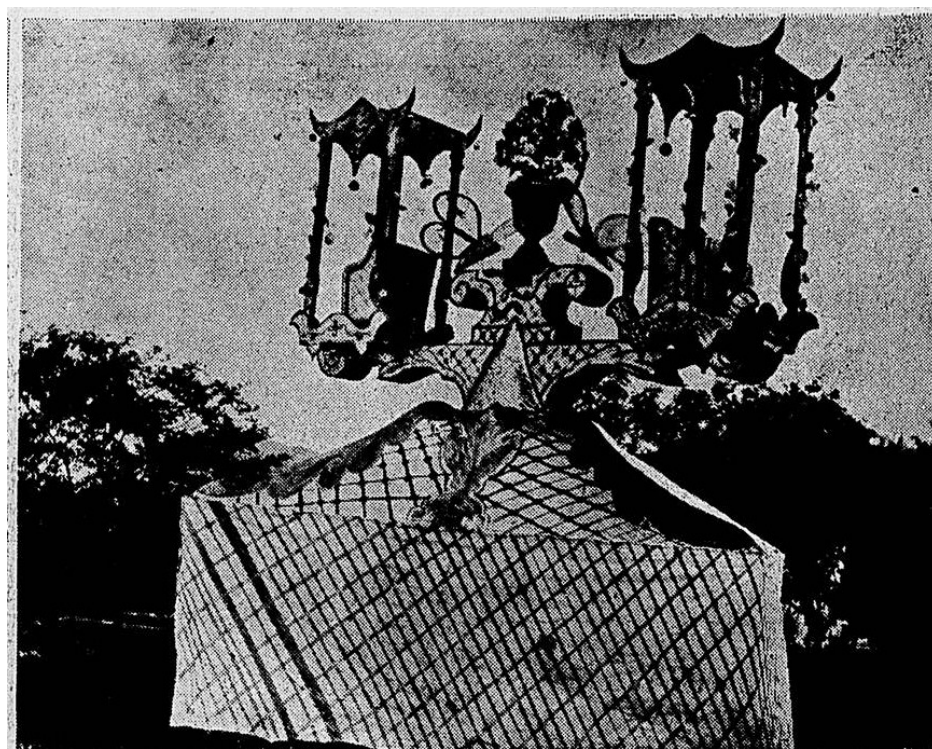
*(Revista da Semana, 20 de fevereiro de 1910)*

<sup>287</sup> *Jornal do Brasil*, 14 de dezembro de 1912.



**Carro de critica—O angû da Mãe do Bispo**

*(Revista da Semana, 20 de fevereiro de 1910)*



Carro alegorico—*Raldaquius Egypcios*

(*Revista da Semana*, 20 de fevereiro de 1910)

O diálogo explícito entre os pequenos clubes e padrão das grandes sociedades se via pela presença dos carros de crítica e carros alegóricos, na tentativa de se aproximar artisticamente das representações das Grandes Sociedades.

Uma dinâmica semelhante àquela que se nota nas atividades desses pequenos clubes como o Prazer das Morenas pode se verificar, naqueles anos, no modo pelo qual os Tenentes do Diabo organizavam e apresentavam sua folia. Se a defesa do legado de tradição dessas grandes sociedades tornava frequente a tentativa de reiteração dos seus grandes símbolos de prestígio, como os carros alegóricos elegantes e luxuosos, na prática cotidiana dos baetas se notava a progressiva incorporação de práticas recreativas que tinham nos pequenos clubes sua matriz original. Exemplo disso segue na imagem abaixo, onde se vê presente entre os baetas tambores, ligando os Tenentes a tradição da percussão que tinham no Zé-pereira a sua imagem mais forte.



Grupo de alegres e incansáveis socios do Club Tenentes do Diabo

*(Revista da Semana, 26 de fevereiro de 1910)*

Não seriam apenas instrumentos incorporados em eventos organizados pelos Tenentes do Diabo. Daria-se também a adoção de danças dos pequenos salões, como o maxixe. Em um evento que seria realizado no Teatro Apolo teria como atração um campeonato de “maxixe elegante”, com a participação dos clubes dos Fenianos, Democráticos e Tenentes na disputa. Os seus representantes seriam respectivamente Tolosa, Burlamaqui e Mario Fontes, conhecidos como “os três reis do maxixe”.<sup>288</sup>

Se para o século XIX e início do XX as Grandes Sociedades buscavam a primazia da festa combatendo o entrudo, cordões, diabinhos entre outras formas de brincar o carnaval, a partir dos anos 1910 nota-se um contato com diferentes grupos como o Ameno Resedá.

No carnaval de 1914, Calixto Cordeiro, integrante dos Tenentes do Diabo e responsável pelo préstito baeta para aquele ano foi responsável também pela elaboração do desfile do Ameno Resedá. Calixto cordeiro, importante artista que atuou em diversas publicações no Rio de Janeiro desde o final do século XIX com

nomes como Raul Perdeneiras. Monica Veloso, ao tratar do contexto histórico da passagem do século XIX para o XX até o término da Primeira Guerra Mundial, apresenta que no Rio de Janeiro, nesse mesmo período se destacou

“a atuação de um grupo de intelectuais que demonstra uma sintonia expressiva com a cultura do modernismo. É o grupo dos boêmios, que tinha como um dos principais instrumentos de comunicação a linguagem humorística”.<sup>289</sup>

Esse grupo de intelectuais boêmios, que tinha como um de seus membros Calixto Cordeiro, construiria “uma reflexão sobre nacionalidade a partir da perspectiva do humor, da sátira e das caricaturas”.<sup>290</sup> Ainda segundo Monica Veloso

“parte expressiva desse grupo tendeu a aliar-se às camadas populares, compartilhando o sentimento de rebeldia e de exclusão social. Houve um forte intercâmbio cultural entre esses grupos, estabelecendo-se freqüentemente parcerias musicais, no teatro de revista e no carnaval”.<sup>291</sup>

É dentro dessa perspectiva de intercâmbio que se pensa aqui a atuação de Calixto Cordeiro na elaboração do préstito do Ameno Resedá e dos Tenentes do Diabo no mesmo carnaval. Algo aparentemente impensável para o século XIX se tornava possível pelas transformações vividas na cidade e pela mistura que se dava. As imagens dos carros dos desfiles dos Tenentes do Diabo e do Ameno Resedá permitem a percepção da influência do modelo de desfile dos Tenentes, na festa daquele rancho que seria escolhido como ícone na valorização da chamada cultura popular.

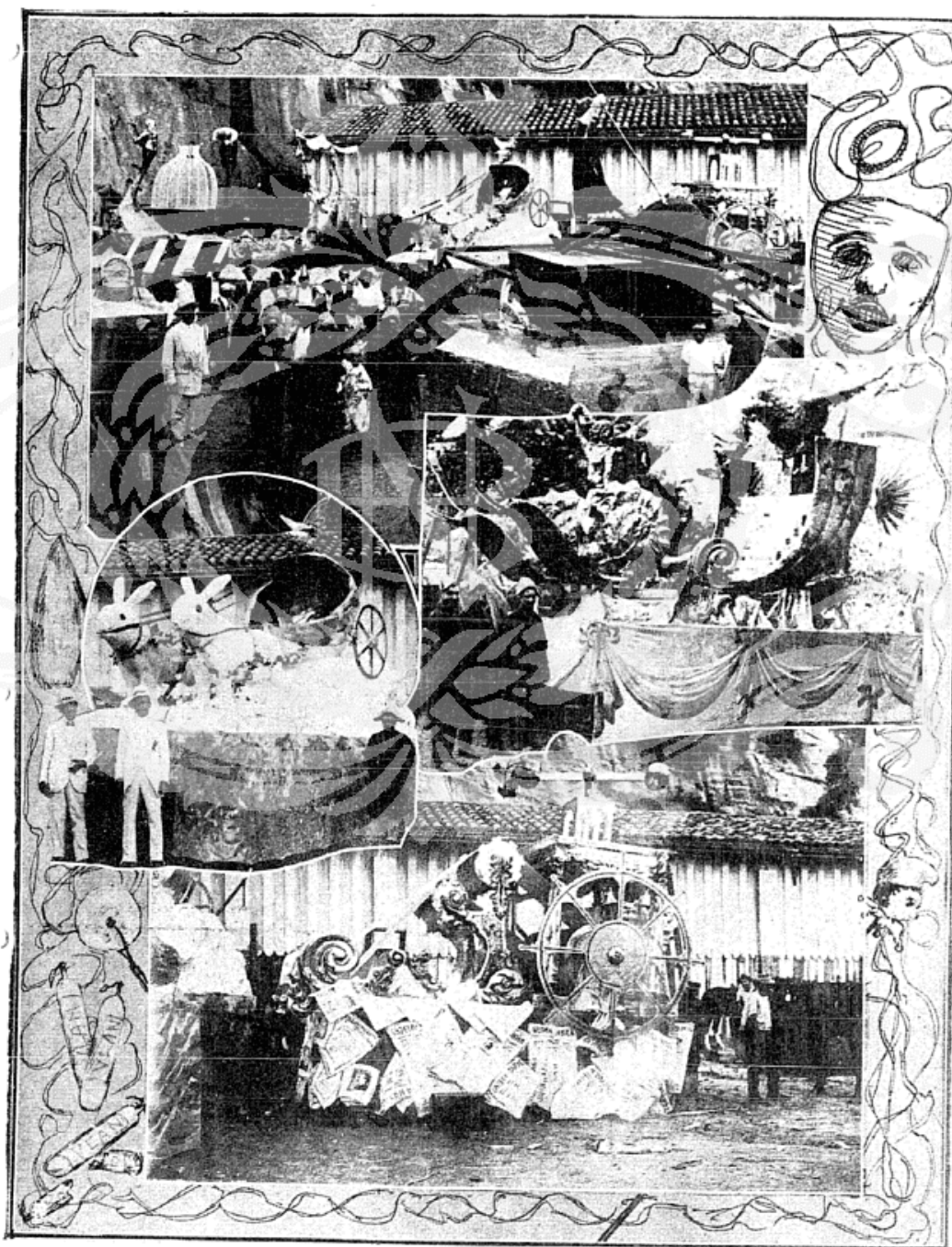
<sup>288</sup> *Correio da Manhã*, 06 de janeiro de 1915

<sup>289</sup> VELLOSO, Mônica Pimenta. “O modernismo e a questão nacional” IN DELGADO, Lucília de Almeida Neves et alii. O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, pp. 351-386.

<sup>290</sup> Idem, p360

<sup>291</sup> Ibidem. p. 362.

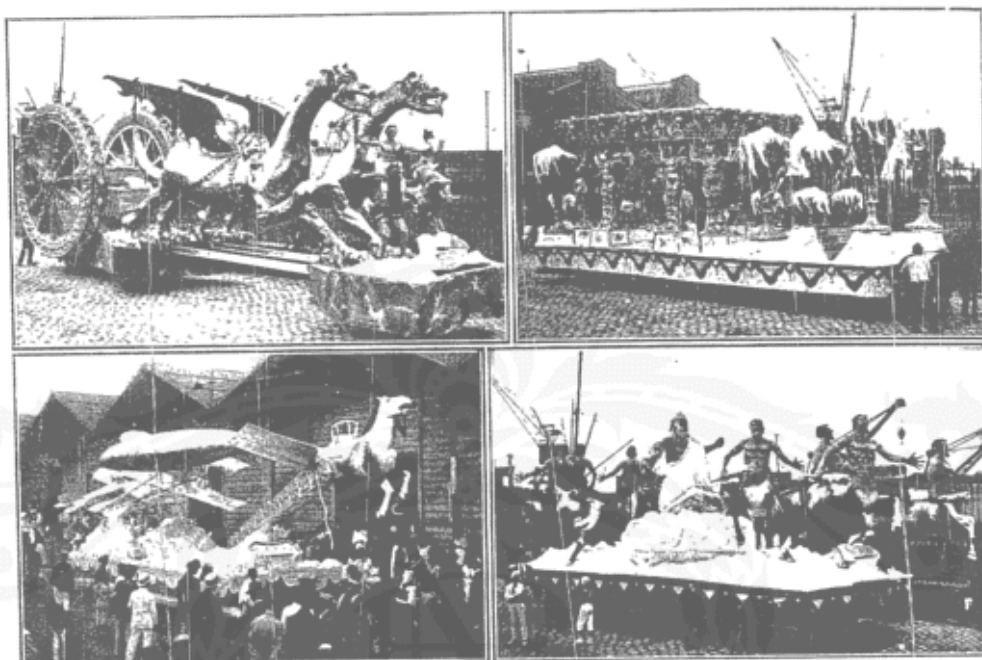
## O CARNAVAL DE 1914



Alguns carros do prestito do *Ameno Resedá*, trabalho do nosso companheiro Calixto Cordeiro, que alcançaram grande sucesso.

(Revista Fon- Fon, 28 de fevereiro de 1914)

## CARETA



TENENTES DO DIABO. I — O carro de Plutão (carro chefe). II — Apotheose ao champagne. III — A lucta nos ares. IV — O carro dos deuses.

(Revista *Careta*, 23 de fevereiro de 1917)

Acompanhando esse processo de aproximação progressiva entre os dois espaços sociais de folia distintos, não seria assim de se admirar que, em 1932, os Tenentes do Diabo fizessem uma homenagem ao Cordão do Bola Preta. É o que mostrava uma matéria do *Jornal do Brasil* em 22 de janeiro daquele ano:

“Estejamos certos de uma coisa, profundamente verdadeira: os baetas são os campeões, *per omnia secula*, da verve e do espírito.

E como prova da nossa asserção aí está o originalíssimo convite da festa de amanhã em que alguns remanescentes do popularíssimo Grupo dos Anjinhos, resolveram realizar uma grande festa em homenagem ao Cordão do Bola Preta. O baile será fantasia”.<sup>292</sup>

Essa homenagem dava a certeza que os “diabos rubros em consórcio com os *bolinhas* transformarão a Caverna num templo vibrante de prazer, de alegria

<sup>292</sup> *Jornal do Brasil*, 22 de janeiro de 1932

estuante (sic), onde as diavolinas sonhadoras aguardarão de braços abertos para a volúpia tentadora do maxixe”.<sup>293</sup>

As opiniões que Coelho Netto e outros intelectuais emitiram a respeito do carnaval e das rupturas que nele enxergavam em 1923, que serviriam de base para a afirmação historiográfica da decadência dessas Grandes Sociedades<sup>294</sup> mostrava-se assim parcial e limitada. Se era clara em tais críticas a valorização de elementos da cultura popular como a marca da originalidade da cultura brasileira, o modo pelo qual esta idéia se cristalizava ignorava o fato de que esse contato, essas trocas, já vinham sendo realizadas.

Não é de se estranhar, por isso, que a percepção expressa por Coelho Netto e pela caricatura de *O Malho* de 1922 não encontrassem correspondência em outras publicações e edições do próprio *O Malho* - como sugeria a seguinte matéria, publicada no mesmo ano da segunda crônica do literato:

“Os préstitos das três Grandes Sociedades, Fenianos, Tenentes e Democráticos, confeccionados respectivamente por André Vento, Lazary e Jayme Silva, artistas já notabilizados no Carnaval, vão mais uma vez atrair o povo para a grande artéria da cidade, e também para o recinto da Exposição Nacional, provando, igualmente, mais uma vez, que são eles os grandes detentores da glória carnavalesca do Rio de Janeiro. Os três préstitos são lindos e dignos dos aplausos do público”.<sup>295</sup>

O testemunho da revista mostrava que, apesar das críticas de Netto, a popularidade dos Tenentes e de suas congêneres parecia intacta. Nessa mesma edição de *O Malho*, no entanto, o leitor saberia que a diferença, a essa altura, era o fato de que essas Grandes Sociedades já dividiam espaço, mesmo na imprensa, com os pequenos clubes – como mostrava as informações ali publicadas a respeito do concurso de ranchos e blocos realizado por essa revista para o carnaval de 1923. Ao mesmo tempo em que os ranchos e blocos ampliavam o seu espaço na imprensa, esta reafirmava assim o papel de destaque dos Tenentes do Diabo e das outras duas Grandes Sociedades na folia de Momo.

<sup>293</sup> *A Pátria*, 23 de janeiro de 1932.

<sup>294</sup> CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecoss da Folia. Uma história social do carnaval entre 1880 e 1920*, São Paulo, Cia das Letras, 2001.

<sup>295</sup> *O Malho*, 10 de fevereiro de 1923.

### 3.3. A FOLIA EM JULGAMENTO

Ao longo da década de 1920, a imprensa continuaria assim a assinalar o grande prestígio dos Tenentes e de suas congêneres. É o que pode ser visto, três anos depois, quando a *Gazeta Teatral* publicava a seguinte nota:

“o carnaval do ano fluente, como alias sucede acerca de um decênio, teve a sua alegria culminante nos clubes carnavalescos e em clubes outros que abriram as suas portas à cultuação, com os seus grandes bailes à fantasia, do deus Momo, distinguindo-se, como era de prever, Tenentes do Diabo, Fenianos, Democráticos e High Life, cujos salões, feericamente iluminados e engalanados, foram o ponto preferido e de atração dos foliões cariocas, a que não fora, de modo algum estranha a nossa sociedade elegante.

Nesses quatro clubes, por assim dizer, houve a síntese perfeita e completa do que foi o carnaval de 1926, rico de entusiasmos, milionário de graça e de beleza”.

<sup>296</sup>

Os Tenentes do Diabo, mais uma vez enaltecidos pelo seu papel, atrairiam foliões pertencentes à “sociedade elegante”. Os adjetivos que predominaram nessa descrição dos principais clubes, diferenciando-os dos demais que compunham as festividades de Momo, sublinhariam aspectos para além de sua riqueza e luxo, ao enfatizar a alegria dos mesmos, sendo ricos de “entusiasmo, milionários de graça e beleza”.

Nesse mesmo texto, mencionava também as pequenas sociedades, sendo lembrada a “formosa exibição dos ranchos, na noite de segunda-feira, em que uma vez mais ficaram patenteados progressos e bom gosto dessas sociedades, perfeitamente compreendidos pelo grande público, que as aplaudiam com o mais alto e justo calor”.<sup>297</sup> Ao colocar lado a lado os dois tipos de manifestação, sem deixar de dar espaço de destaque para as Grandes Sociedades, a nota indicava que a previsão de Coelho Netto estava ainda longe de se confirmar. Por mais que a imprensa reconhecesse o fenômeno da proliferação desses pequenos clubes, eram ainda as Grandes Sociedades que marcariam, ao longo da década de 1920, o padrão da folia defendida pelas grandes folhas.

Sintomático, a tal respeito, era a expectativa cada vez maior causada por uma prática já tradicional nos carnavais da década de 1920: a definição de Comissões julgadoras para avaliar e hierarquizar os desfiles das três Grandes

<sup>296</sup> *Gazeta Teatral*, 25 de fevereiro de 1926.

<sup>297</sup> *Gazeta Teatral*, 25 de fevereiro de 1926.

Sociedades. Se o mesmo era feito com as pequenas sociedades<sup>298</sup>, o fato de que as grandes concorressem em separado, tendo maior destaque da imprensa carioca, indicava o prestígio de que continuavam a desfrutar. Organizados por alguns jornais, estes concursos poderiam representar o enaltecimento da grandeza de uma determinada sociedade carnavalesca, e a valorização de seus membros.

Não era de se estranhar, por isso que esta disputa tenha sido motivo de desentendimentos frequentes entre os membros destes clubes e a imprensa. É o que mostra a crítica dura de um cronista à comissão responsável pela decisão do vencedor do préstito daquele ano entre as Grandes Sociedades. Começava falando ter havido o “desgosto natural da incompetente e imparcial comissão julgadora da vitória, que vesgamente, apaixonadamente, conferiu o triunfo a quem absolutamente não o merecia”.<sup>299</sup> Segundo a publicação,

“ninguém haveria de dizer, chegando terça – feira, o dia dos grandes préstitos, em que os Tenentes e Fenianos, sem a concorrência dos Democráticos, iam medir-se num prélio gigantesco, que essa mesma Comissão, em face dos dois concorrentes à vitória, fosse conferi-la justamente àquele clube que menos probabilidade de tal distinção reunia. É o partidarismo inadmissível, a plena ausência de senso estético, a mais acabada ignorância do belo e do majestoso. Ninguém, de boa fé, no prélio que se feriu entre Tenentes e Fenianos, poderia dar ganho de causa a estes últimos, posto o seu préstito, manda a verdade dizer, em nada deslustrasse o passado glorioso do pavilhão alvi – rubro”<sup>300</sup>.

Mas se os Fenianos não desabonavam a sua tradição carnavalesca, do outro lado, os Tenentes “ao influxo de sua operosa e ilustre diretoria”, composta pelos seguintes membros: Abílio Fernandes, Eugenio Rios, Rubens Malaguti, Luiz Julio de Moura e Silva Marques Júnior, assessorada com artistas conhecidos nas disputas carnavalescas, caso de Publio Marroig e Modestino Kanto<sup>301</sup>, haviam brindado o folião carioca,

“que fremia de entusiasmo à sua passagem, com um préstito maravilhoso de concepção e beleza em que não se sabia mais o que admirar: se a arte privilegiada do cenógrafo, se a arte estupenda do escultor, se a verve e o espírito, há muito tempo não observados, dos carros de crítica.

<sup>298</sup> GONÇALVES, Renata de Sá, Os ranchos pedem passagem, Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS/ PPGSA, 2003.

<sup>299</sup> *Gazeta Teatral*, 25 de fevereiro de 1926.

<sup>300</sup> *Gazeta Teatral*, 25 de fevereiro de 1926.

<sup>301</sup> Formado pela Escola Nacional de Belas Artes. Sobre a sua atuação no carnaval carioca ver: EFEGE, Jota. *Figuras e coisas do carnaval carioca*. 2ªed. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2007.

Não pode haver referencia especial a este ou aquele carro dos Tenentes porque nenhum deixou de merecer o qualificativo de magnífico. Nenhuma idéia aproveitada; tudo novo, tudo primoroso e encantador”.<sup>302</sup>

Por mais que o reconhecimento do mérito e da vitória não chegava através da comissão julgadora, que havia optado pelos Fenianos, para o articulista “o grande público carioca cobria de verdes e seivosos louros os Tenentes triunfadores, donos de uma vitória estrondosa, indiscutível e única, pois só o público pode ser o sereno e imparcial juiz de semelhantes justas”.<sup>303</sup> Com o reconhecimento das ruas, de seus expectadores os baetas se dirigiram a Caverna, para lá celebrar a vitória, que entendiam ter alcançado pelo desejo do público, através de um “imponente e soberbo baile em que alegria e natural vangloria culminavam nos seus dois vastos salões, iluminados e engalanados. Um baile memorável, uma inolvidável festa da vitória”.<sup>304</sup>

Problemas como estes voltaram a acontecer no carnaval de 1930 com os Tenentes do Diabo, que realizavam na Caverna “à Rua Maranguape, o grande baile da Victoria levado a efeito pelo simpatizado Clube dos Tenentes do Diabo, o incontestável campeão do Carnaval de 1930”.<sup>305</sup> A vitória se deu apesar do julgamento “parcial e injusto da Comissão Julgadora, nomeada pelos nossos colegas do Jornal do Brasil, a opinião carioca unânime e de maneira delirante, consagrou vitorioso o majestoso préstito dos Tenentes do Diabo”.<sup>306</sup>

Lamentava-se ainda a parcialidade nos julgamentos das disputas que ocorriam independentemente da natureza que eram. Via-se o reconhecimento do préstito “confeccionado pelo insuperável artista Jayme Silva, pela sua inspiração e pela maneira brilhante com que foi levada a efeito a idéia, arrancou brilhantemente a palma da Victoria no Carnaval de 1930”.<sup>307</sup> Mesmo que essa não tenha sido a percepção dos avaliadores da disputa daquele carnaval. Dito tudo isso, não era interesse “desfazer nos préstitos confeccionados pelas demais sociedades, pois, todos merecem os nossos mais sinceros aplausos, pelo que eles

<sup>302</sup> *Gazeta Teatral*, 25 de fevereiro de 1926.

<sup>303</sup> *Gazeta Teatral*, 25 de fevereiro de 1926.

<sup>304</sup> *Gazeta Teatral*, 25 de fevereiro de 1926.

<sup>305</sup> *Diário Carioca*, 13 de março de 1930.

<sup>306</sup> *Diário Carioca*, 13 de março de 1930.

<sup>307</sup> *Diário Carioca*, 13 de março de 1930.

representam de esforços e de sacrifícios ingentes”<sup>308</sup>, mas só reconhecer a justa comemoração da vitória dos Tenentes.

E junto com a comemoração dos baetas se veria pelas ruas da cidade o enterro simbólico da comissão julgadora do carnaval de 1930. Reconhecendo o fato de que “há vários anos o Carnaval dos Ranchos e dos grandes clubes vem sendo perturbados pelo julgamento de uma comissão de artistas laureados pela Escola de Belas Artes”<sup>309</sup> o desânimo prevaleceu entre os grupos carnavalescos envolvidos nas disputas como na população fiel expectadora dos desfiles. A reação se deu nas ruas

“enquanto “baêtas” e “carapicús” protestavam aqui no centro, em Botafogo os Caprichosos da Estopa, exibiam cartazes com dizeres chistosos à comissão, todos eles demonstrativos do desagrado ocasionado pelos disparates dos “medalhões”.

Tudo quanto se fez tinha em verdade cabimento, pois os prêmios distribuídos o foram facciosamente e não como reconhecimento real do valor de cada um dos concorrentes”.<sup>310</sup>

O julgamento da folia, a partir dos concursos promovidos por jornais cariocas envolvendo as sociedades carnavalescas, demonstrava na apuração dos resultados de suas disputas como elas ainda se encontravam em uma posição de destaque nos anos 1920.

<sup>308</sup> *Diário Carioca*, 13 de março de 1930

<sup>309</sup> *A Pátria*, 11 de março de 1930.

<sup>310</sup> *A Pátria*, 11 de março de 1930.

### 3.4. OS DONOS DA FESTA

Uma questão que se colocava para os clubes que realizavam carnaval externo na cidade do Rio de Janeiro era como manter os seus festejos vivos, diante das dificuldades para promover as suas festas. Para dar conta de tal problema, alguns desses grupos encontraram na criação da Federação das Sociedades Carnavalescas uma solução para a realização do carnaval externo. Esse processo se daria no início dos anos 1930, buscando-se nesta parte observar de que maneira os Tenentes do Diabo se posicionam dentro do contexto de oficialização da festa.

A fundação da Federação ocorreu na sede dos Democráticos. Os três grandes clubes ficariam como responsáveis pelo comando da Federação. Alguns pequenos clubes marcaram presença na composição da Federação e entre eles constavam o Ameno Resedá, Prazer das Morenas, Flor do Abacate, Progressistas de Santa Cruz, entre outros.<sup>311</sup> Para ingressar na Federação era necessário que os clubes “tivessem existência real e verdadeira, estatutos legalizados pela polícia, sede, diretoria idônea, etc”.<sup>312</sup>

Para a promoção da festa e consolidação da Federação das Sociedades Carnavalescas, o papel da imprensa seria fundamental - daí a importância do apoio prestado na sede dos Tenentes a Federação pelos cronistas carnavalescos independentes<sup>313</sup>. A posição desses cronistas de apoiar a Federação não era uma simples gentileza entre amigos. Consistia em demarcar posição contrária aqueles membros da imprensa que criticavam constantemente a Federação. Sobre o apoio dos cronistas, via-se a seguinte recepção:

“O presidente da F. S. C. pede a palavra para agradecer o apoio dispensado pelos jornais e cronistas ali presentes e diz que os grandes clubes tudo farão para não desmentir as suas tradições de pioneiros do Carnaval carioca, apenas, a Federação quer o [...] e a atenção que os seus federados merecem”.<sup>314</sup>

<sup>311</sup> *Jornal do Brasil*, 12 de junho de 1932

<sup>312</sup> *A Noite* 12 de novembro de 1932

<sup>313</sup> Estiveram presentes os seguintes cronistas: Antonio Velloso (K. Nôa), Floriano Rosa Faria (V. Neno), Nilo Pacheco (Gaivota), Adhemar Bahia [(Tempo)], Guimarães Gonçalves (Grão Luso), Augusto Moraes (Barulho), Rimus Prazeres (K. Peta), Arlinda Cardoso (K. Rapeta), Arlindo Monteiro [(K. ...)], Pilar Drumond (Fofinho), Alvaro [...] (Pierrot), Americo Cardoso (H. Pito), Aprigio de Oliveira (K. Rambola), João Costa (P. Negra), J. Ferreira Gomes (Jota Elege) e Luiz de Barros (Marron). *Diário de Notícias*, 16 de novembro de 1932.

<sup>314</sup> *Diário de Notícias*, 16 de novembro de 1932.

Com a inclusão do Carnaval no calendário turístico da cidade do Rio de Janeiro, de acordo com o decreto de Pedro Ernesto, a Federação, sendo representante de diversos clubes carnavalescos reivindicava a sua presença na comissão de turismo que iria atuar na organização das festas carnavalescas. No entanto, a Federação das Sociedades Carnavalescas se viu alijada desta comissão, fato que fez com que o jornal *O Radical* tecesse uma argumentação longa da importância e motivação de criação da Federação frente ao fato da ausência da mesma da Comissão de Turismo.

“A fundação da Federação era uma necessidade imperiosa, reconhecida até mesmo por pessoas estranhas ao meio carnavalesco, como o governador da cidade, que a sugeriu ano passado”.<sup>315</sup>

Liderada pelas Grandes Sociedades, a Federação teria o papel de congregar os diversos grupos uma vez que demonstrava ser

“Sua preocupação foi coordenar os inauditos esforços dos carnavalescos em geral, para que unos e coesos se apresentassem às altas autoridades da administração pleiteando, sem o caráter estreito do favoritismo que até então imperava, as medidas e concessões julgadas necessárias”.<sup>316</sup>

Alem da ausência da Comissão de Turismo, a Federação teria que responder uma crítica de membros da imprensa, que afirmavam existir dentro da Federação tratamento desigual entre os seus membros. Tal polêmica perderia sentido na argumentação apresentada pelo jornal, já que O Prazer das Morenas seria responsável pelo Conselho Superior, instância abaixo apenas da Assembléia de Representantes.<sup>317</sup>

No entanto, se a proposta da Federação passava pela coesão e união dos esforços carnavalescos, no carnaval de 1933, onde se daria a sua atuação na organização dos préstitos, o que se notou foram diversos problemas. Parte desses problemas passava pela opção de desfile adotada pela Federação. Em assembléia foi aprovada a divisão do préstito em duas partes, estabelecendo-se por sorteio que os Tenentes ocupariam o primeiro momento do desfile, cabendo a segunda parte aos democráticos. Sendo as duas Grandes Sociedades acompanhadas por representações dos pequenos clubes afiliados. Outro ponto que seguiria na

<sup>315</sup> *O Radical*, 10 de novembro de 1932.

<sup>316</sup> Idem

<sup>317</sup> Ibidem.

contramão dos últimos carnavais foi a proibição de qualquer filiado participar em concursos de qualquer natureza.<sup>318</sup>

Passado o carnaval, o que não passava eram as críticas dirigidas a Federação –sendo o *Jornal do Brasil* um crítico constante da condução do carnaval por essa instituição. Criada “para estimular, para conseguir aumentar o raio de ação carnavalesca de suas entidades”<sup>319</sup>, ela de fato teria se limitado “à confecção dos cortejos das duas sociedades maiores”.<sup>320</sup> Reclamava ainda o redator do *Jornal do Brasil* que o “carnaval da cidade, o carnaval das pequenas sociedades, o dos ranchos e blocos, é preciso que toda gente saiba, foi feito exclusivamente pelos ranchos e blocos que à tal Federação não estavam filiados!”.<sup>321</sup> Desta maneira expressando uma hegemonia na definição do carnaval oficial, pelo menos para a festa daquele ano.

Mas não eram somente os membros da imprensa que dirigiam as suas baterias contra a Federação das Sociedades Carnavalescas. “Bem Turpin”, um baeta da velha guarda, criticava também a forma pela qual a Federação estava propondo o carnaval, já que a opção por um desfile único eliminava do carnaval a rivalidade que marcou a trajetória das Grandes Sociedades. Rivalidade que estimulava o trabalho ao longo de todo o ano para obter recursos para a realização dos préstitos, o esforço nos barracões para trazer grandes surpresas para a população carioca.<sup>322</sup>

A Federação das Sociedades Carnavalescas assistiria a sua força se esvaindo diante da saída dos Fenianos, levando o *Jornal do Brasil* a afirmar que a “ex-futura entidade” não representaria de modo algum a solução para os clubes carnavalescos da cidade, principalmente, em razão do controle que procurava se realizar sobre os outros grupos filiados.<sup>323</sup>

A opção parece foi cada grupo seguir o seu próprio caminho em busca de sua autonomia nas decisões e organizações de seus carnavais externos. Surgiu a Federação das Pequenas Sociedades Carnavalescas. As principais sociedades carnavalescas por iniciativa do Dr. Alfredo Pessoa, chefe do Departamento de

<sup>318</sup> *Diário Carioca*, 03 de fevereiro de 1933.

<sup>319</sup> *Jornal do Brasil*, 11 de março de 1933.

<sup>320</sup> *Jornal do Brasil*, 11 de março de 1933.

<sup>321</sup> *Jornal do Brasil*, 11 de março de 1933.

<sup>322</sup> *Jornal do Brasil*, 11 de março de 1933.

<sup>323</sup> *Jornal do Brasil*, 11 de março de 1933.

Turismo, fundaram a Federação dos Grandes Clubes Carnavalescos<sup>324</sup>. Neste projeto foi fundamental a participação do Dr. Alfredo Pessoa pelo fato de apaziguar os ânimos entre as Grandes Sociedades, até aquela ocasião desunidas.

325

A fundação contou com um representante do interventor Pedro Ernesto, o Sr. Amaral Peixoto. Foi escolhido para presidir a Federação dos Grandes Clubes Carnavalescos o Sr. Alfredo Santos Sobrinho<sup>326</sup>. Dava-se início a uma nova tentativa de demonstração de organização e força do grupo cujos membros se colocavam como principais atores da folia carioca, que levava para o resto do país e para o exterior uma festa popular e brasileira.

A partir dos elementos apresentados a formação da Federação, as disputas em seu interior, a constituição de uma nova Federação composta só pelos grandes clubes marcavam a disputa por recursos públicos e como os Tenentes, recorrendo as suas tradições carnavalescas, junto com as outras Grandes Sociedades procuravam reivindicar um papel de liderança dentro da festa, tentando comandar e controlar o processo de oficialização da festa.

Ao longo desse trajeto de turbulências, disputas e conquistas que marcaram as experiências carnavalescas dos Tenentes do Diabo é possível perceber a junção entre uma antiga tradição carnavalesca elevada, e novas formas “populares” do carnaval. Dentro dessa análise uma música de Noel Rosa intitulada “Tenentes do Diabo” apresentam essa junção mencionada. A música é aberta com o seguinte discurso:

Peço a palavra, Sr. Presidente  
Tens a palavra, ó líder dos Tenentes!  
Senhor Presidente, eu que sou Tenente até a raiz dos cabelos,  
eu que trabalhei para botar o carnaval na rua...  
...não posso deixar de combater a reforma dos estatutos.  
Primeiro, por considerá-la inoportuna,  
contrária mesma aos reais e superiores interesses da nossa sociedade...  
Então enfeza, macacada!

Nesse discurso a referência à tradição dos Tenentes na folia da cidade do Rio de Janeiro. O Tenente “verdadeiro” atuava com afinco na confecção dos préstitos carnavalescos e respeitaria os estatutos daquela sociedade, uma vez que

<sup>324</sup> *A Noite*, 03 de maio de 1934

<sup>325</sup> *Jornal do Brasil*, 04 de maio de 1934.

<sup>326</sup> *O Radical*, 09 de junho de 1934.

nos estatutos encontrava-se expresso o sentido da existência e função daquela sociedade carnavalesca. Mexer nos estatutos seria modificar o que caracterizava os Tenentes, contrariando os “reais e superiores interesses da nossa sociedade”. Dentro desses interesses superiores estaria a propagação de um modelo de festa que se tornaria referência para outras sociedades carnavalescas que surgiram no carnaval carioca.

Encerrando o discurso que precede a cantoria uma expressão popular, “enfeza macacada!”, geralmente associada a um público negro ou popular parece conclamar os “verdadeiros” Tenentes contra o que denuncia no discurso que era a mudança dos estatutos. Desta forma, na canção se reafirma a identidade dos baetas ao falar que:

"Sou folião,  
Não sou sargento, não sou cabo,  
Nem tenente de galão,  
Sou Tenente do Diabo!"

Mostra que não fala de posição de superioridade, como a de um oficial, o coloca como folião, mas não qualquer um, ele é um Tenente do Diabo, que compõe as principais fileiras e trincheiras nas lutas momescas, que representam o seu verdadeiro campo de batalha e onde ele mostra como baeta a sua força. Enfatiza a mistura ao falar que um “coronel muito vermelho”, cor do diabo, menção ao sangue fervia na Caverna nas festas carnavalescas, “por uma preta teve amor” e desse encontro criou-se um elemento que representa esse encontro: um tenente do diabo.

Desta forma, entendem-se os Tenentes do Diabo como parte ativa das mudanças que se davam na cidade e nas festas carnavalescas, mostrando como os Tenentes do Diabo participam do caminho de consolidação de uma nova imagem para a cultura brasileira, não tendo sido alijados desse processo, como pressupôs a historiografia.

## CONCLUSÃO



(*Diário Carioca*, 26 de janeiro de 1933)

Acima, se vê uma foto de jornal desgastada pelo tempo, publicada em 1933 para noticiar a visita de um conhecido folião, o Bicohyba, à redação do *Diário Carioca*. Mas, segundo o próprio jornal, o desgaste era provavelmente uma palavra fora do dicionário de Bicohyba

“que é destes carnavalescos que se impõem pelas suas atitudes francas e leais, é um boêmio fino, carnavalesco de fibra, nos Tenentes do Diabo, na Caverninha, na Bola Preta ou onde se encontra, é motivo para presenciarmos a verdadeira folia, o genuíno gênio folgazão, o que há de melhor nos nossos meios carnavalescos”

Dadas as características associadas ao folião, não é de se surpreender a informação de que ele seria sócio dos Tenentes. Boêmio fino, marcado pela elegância e pelo luxo, e com uma fibra que remonta à perseverança baeta em enfrentar diversas adversidades, como incêndios e falência, ele parecia ser um continuador das tradições inauguradas pelos sócios do clube ainda no final do século XIX. Fantasiado de Gandi, Bicohyba demonstrava irreverência a frente do Cordão do Bola Preta, a mesma irreverência que se notava nos pufes publicados pelos Tenentes ou em seus carros de crítica.

Como folião, foi considerado representante da “verdadeira folia”, posição que foi postulada pelo clube onde era um sócio de destaque, os Tenentes do Diabo. Sociedade carnavalesca que incorporando o discurso de carnaval civilizado disputou o espaço da festa carnavalesca com tantas outras formas de vivenciar o reinado de Momo.

De fato, muito longe de se encontrarem em declínio no início do século XX, os Tenentes do Diabo em conjunto com as outras Grandes Sociedades, iriam reivindicar a sua tradição e importância na festa. Fato que se pode acompanhar pelo processo de oficialização do carnaval. Dentro desse processo, no ano de 1932, os clubes carnavalescos receberiam auxílio oficial através do Interventor Pedro Ernesto. Mas tal fato não aconteceria sem polêmicas. Em uma publicação do *Jornal do Brasil*, as três Grandes Sociedades, prestavam esclarecimentos a respeito de elas receberem um valor maior do que os demais clubes carnavalescos. Inicialmente, o interventor Pedro Ernesto distribuiria igualmente o valor de 20 contos entre os grupos “na suposição de que todas tinham a mesma importância e responsabilidade perante a população da cidade, em matéria de Carnaval”.<sup>327</sup> No entanto, esclarecido o interventor de que a festa carnavalesca na cidade do Rio de Janeiro se sustentava na ação e sacrifício realizados pelas três Grandes Sociedades de por o Carnaval na rua. Pedro Ernesto reformulou a sua proposta, mandando que fosse destinada aos Tenentes, Fenianos e Democráticos a quantia de 25 contos enquanto os demais clubes receberiam o valor de 12:000\$000.<sup>328</sup>

Falavam ainda os representantes das três Grandes Sociedades que durante anos, sem subvenção pública, promoviam a festa com o objetivo apenas de divertir o povo sendo “só mais tarde, com a evolução que teve o Carnaval e com a

<sup>327</sup> *Jornal do Brasil*, 07 de janeiro de 1932.

<sup>328</sup> *Jornal do Brasil*, 07 de janeiro de 1932.

importância e esplendor que esse passou a ter, é que poderes públicos vieram em auxílio de nossos clubes, coadjuvando-os na realização dos cortejos”<sup>329</sup>, mas isso não se deu por acaso e sim, “porque neles vislumbraram um dos meios mais eficientes de propaganda para a nossa terra, ainda e infelizmente, ignorada por muitos”.<sup>330</sup> A festa se tornaria de interesse público e uma marca da imagem da cidade e do país para outros lugares do Brasil e do exterior a partir da relação entre agremiações carnavalescas e o Governo.

Ainda no ano de 1932, seria publicado o decreto n. 3816 oficializando a “festa maior da cidade”.<sup>331</sup> Segundo o *Jornal do Brasil* essa medida não surpreendia em razão da “excelente impressão que S. Ex. teve com os resultados dos festejos carnavalescos deste ano que tiveram grandes proporções graças ao seu eficaz e pronto concurso”<sup>332</sup>. O decreto estabeleceria uma relação entre os eventos turísticos da cidade e o carnaval, uma vez que o decreto organizava tanto a festa como o calendário turístico carioca instituindo uma temporada oficial que se iniciaria com o reinado de Momo. Segundo o artigo 65 do referido decreto, criar-se-ia um conselho consultivo cujos membros seriam os presidentes das principais sociedades que tem ligação direta com o turismo e com o carnaval. O texto do *Jornal do Brasil* resume da seguinte maneira o significado deste decreto:

“A festa que empolga o carioca que transforma completamente os hábitos da população, sempre disposta para os folguedos carnavalescos, vai receber mediante a legislação agora sancionada o apoio constante da municipalidade”

A relação dos Tenentes do Diabo<sup>333</sup> com o interventor Dr. Pedro Ernesto seria de enaltecimento devido a medidas tomadas por ele em relação aos subsídios para o carnaval das Grandes Sociedades. Dentro dessa lógica, Pedro Ernesto foi aclamado presidente honorário dos Tenentes do Diabo em julho de 1932, onde “tão iminente cidadão, que neste momento encarna os anseios do Brasil, pelo progresso e grandeza de todas as instituições diretamente ligadas ao povo, com mais puro idealismo e patriotismo”.<sup>334</sup>

<sup>329</sup> *Jornal do Brasil*, 07 de janeiro de 1932.

<sup>330</sup> *Jornal do Brasil*, 07 de janeiro de 1932.

<sup>331</sup> *Jornal do Brasil*, 09 de abril de 1932.

<sup>332</sup> *Jornal do Brasil*, 09 de abril de 1932.

<sup>333</sup> Em 1933, o interventor Pedro Ernesto reconheceria os Tenentes do Diabo como uma instituição de utilidade pública. *Jornal do Brasil*, 13 de fevereiro de 1933.

<sup>334</sup> *Jornal do Brasil*, 05 de julho de 1932.

Nesta fala dos Tenentes expressa nas páginas do *Jornal do Brasil*, expressa a ideia de progresso, de avanço que se busca através da festa carnavalesca. Criar um padrão de festa em que esse mesmo progresso possa ser reconhecido, mas para tal precisa que homens como Pedro Ernesto se conscientizem da importância da ação pública nestes casos. Recorre-se a uma imagem heróica para o interventor ao colocá-lo como um visionário, idealista, patriota, aquele que consegue entender os desejos da população e se esforçaria para atendê-los.

Por ocasião de um baile que seria realizado pelos Tenentes do Diabo, versos de exaltação a Pedro Ernesto fariam parte do pufe publicado por esta sociedade carnavalesca para divulgar o seu evento. Os versos abaixo receberiam o título de “Glória a Pedro Ernesto”.

“E vós que, erguendo de justiça um brado  
Elevareis bem alto, as glórias nacionais,  
No sonho de um Brasil brasilisado (sic)  
Na elevação dos nossos carnavais,

Haveis de propagar, no mundo a fama,  
Da nossa pátria, as glórias refulgentes,  
Na profunda unidade de quem ama  
Fenianos, Democratas e TENENTES!”<sup>335</sup>

Nesse contexto, os Tenentes do Diabo se colocavam como representantes de manifestações festivas do povo, se distanciando da imagem de outros tempos onde procurava educar esse mesmo povo como se deveria festejar o carnaval. No entanto, uma premissa que continua é a associação entre Carnaval e Grandes Sociedades como sendo sinônimos. Afinal de contas, as glórias nacionais, as glórias da pátria passariam pela ação dos Tenentes e de suas coirmãs no reinado de Momo. Outro ponto interessante nesses versos é o “Brasil brasilisado”. Esse processo passaria também pela valorização do Carnaval pautado na atuação dos grandes clubes como os Tenentes. Essa idéia de Brasil é que estaria em elaboração desde os anos 1920, ganhando força nos anos 1930 onde a procura por essa identidade nacional, essa marca da brasilidade estaria nas manifestações populares.

<sup>335</sup> *Jornal do Brasil*, 10 de dezembro de 1932.

Essa relação entre os Tenentes do Diabo e demais grupos carnavalescos com Pedro Ernesto resultaria em uma homenagem ao interventor no Campo de Santana, no dia 20 de janeiro, mesma data do padroeiro da cidade.<sup>336</sup> A escolha não seria gratuita. O Campo de Santana como um espaço de eventos marcantes na trajetória da cidade do Rio de Janeiro. A festividade do padroeiro da cidade como ocasião para a homenagem daquele governante que guarda, zela, protege o carnaval carioca.

Mas a “festa da cidade” foi patrocinada pelo *O Paiz* “terá certamente uma concorrência numerosa que dará ao local uma vibração de alegria e entusiasmo”.<sup>337</sup> Além da homenagem a Pedro Ernesto seriam organizadas atividades<sup>338</sup> cuja renda seria em favor das sociedades carnavalescas que apresentavam carnaval externo.<sup>339</sup> A divisão da renda ocorreria da seguinte maneira: 35% para as três Grandes Sociedades; 30 % para os Ranchos; 25% para os Blocos; 7% para as Escolas de Samba e 3% para o Andaraí Clube Carnavalesco.<sup>340</sup>

A festa da cidade mostrava a diferença entre os grupos carnavalescos. A disputa pela subvenção pública colocava em jogo a memória da festa e em relação a ela os Tenentes do Diabo reivindicavam o papel principal, fato que legitimava a diferenciação em qualquer divisão de verbas. O auxílio público era a forma pela qual se entendia a sobrevivência do carnaval externo de tantos clubes carnavalescos. Apoiar-se na imprensa para lutar por esses recursos foi uma estratégia. Inicialmente, a Federação das Sociedades Carnavalescas se mostraram como uma solução desejada há tempos, que logo se divorciou dos interesses da grande maioria dos clubes, que se viam oprimidos pelos Tenentes e Democráticos, já que os Fenianos tinham pulado do barco. A área de conforto nessas relações entre os grupos nas disputas por dinheiro oficial fez com que cada categoria de clubes carnavalescos criasse instituições que falassem especificamente de seu grupo. Dai surgiram a Federação das Pequenas Sociedades Carnavalescas e a Federação dos Grandes Clubes Carnavalescos.

E voltando para esse folião que se posiciona a frente do Bola Preta como se fosse uma comissão de frente, caminha em sua paz pelas ruas, diante de uma

<sup>336</sup> *O Radical*, 05 de janeiro de 1934.

<sup>337</sup> *O Radical*, 17 de janeiro de 1934.

<sup>338</sup> Baile infantil, concurso de Escolas de Samba, programa de pugilismo, barracas diversas. *O Radical*, 17 de janeiro de 1934.

<sup>339</sup> *O Radical*, 05 de janeiro de 1934.

proposta de não-violência, defende o amor carnavalesco marcado pela alegria e rivalidade saudável entre os grupos carnavalescos. Transita por diferentes grupos tomando canja nos Tenentes para recompor as energias depois de um maxixe, ou desfilando com o Bola Preta. O foco não estava mais naquilo que seria enquadrado como o não-carnaval segundo Ferreira, mas no aparelho estatal que deve subsidiar uma festa que é do povo.

Desta forma, entender que em cada contexto os Tenentes manteriam um diálogo intenso com o debate de sua época, sendo capazes de dirigirem o seu próprio rumo. Em tempos passados, a defesa do abolicionismo e o republicanismo era uma defesa dos valores liberais compartilhados pelos baetas em sua busca pelo direito a diversão, construindo na Caverna um espaço privado para o exercício desses interesses, valorizando a cultura e educação através da formação musical e a leitura através de sua banda e biblioteca respectivamente. No contexto da reportagem com Bicohyba essa defesa da folia passa pela idéia da festa como patrimônio do povo da cidade do Rio de Janeiro e do Brasil e se antes as penas da imprensa era a forma de legitimação do carnaval dos Tenentes do Diabo, agora essa legitimação se daria pelos aplausos da população que nas ruas exaltavam o desfile baeta.

Os Tenentes encontravam-se a postos como parte de um projeto mordenizador que se dava de maneira mais ampla na cidade do Rio de Janeiro. Nesse processo de oficialização do carnaval, viram-se as Escolas de Samba representarem o processo de afirmação da cultura nacional – popular no governo Getúlio Vargas. Contudo, os Tenentes se colocavam em cena apontando alternativas para a festa que por tanto tempo se destacou.

---

<sup>340</sup> *O Radical*, 17 de janeiro de 1934

## BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Martha. *Império do Divino. Festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro (1830-1900)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- \_\_\_\_\_; DANTAS, Carolina. Música popular, folclore e nação no Brasil, 1890-1920. In: CARVALHO, J. M. (org.). *Nação e cidadania no Império: novos horizontes*. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 2007. p 123-151.
- \_\_\_\_\_; SOIHET, Rachel; GONTIJO, Rebeca (orgs.). *Cultura Política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. *A vocação do prazer. A cidade e a família no Rio de Janeiro republicano*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1993.
- CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; São Paulo: Bertrand, 1990.
- CHASTEEN, John Charles. *National Rhythms, African Roots. The deep History of Latin American Popular Dance*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 2004.
- COUTINHO, Eduardo Granja. *Os Cronistas de Momo. Imprensa Carnavalesca na Primeira República*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da Folia. Uma história social do carnaval entre 1880 e 1920*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002.
- DA MATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1997.
- DARNTON, Robert. *Boemia Literária e Revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária*, São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- \_\_\_\_\_. *O grande massacre de gatos: e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- FERREIRA, Felipe. *Inventando Carnavais. O surgimento do carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GINZBURG, Carlo. *Andarilhos do bem. Feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- \_\_\_\_\_. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Investigando Pietro*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- GOMES, Ângela de Castro. *Essa Gente do Rio. Modernismo e Nacionalismo*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

- GONÇALVES, Renata de Sá. *Os ranchos pedem passagem*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS/PPGSA, 2003.
- MELLO, Maria Tereza Chaves de. *A República consentida*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.
- MENCARELLI, Fernando. *A cena aberta. A absolvição de um Bilontra e o teatro de revista de Arthur Azevedo*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1999.
- MORAES, Eneida de. *História do Carnaval Carioca*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1987.
- MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. *O livro de ouro do universo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.
- SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: EdUFRJ/Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996
- NEVES, Margarida de Souza. Uma capital em trompe l'oeil. O Rio de Janeiro, cidade-capital da República Velha. In: MAGALGI, Ana Maria *et al.* *Educação no Brasil. História, cultura e política*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003. p. 253-286.
- OLIVEIRA, Cláudia; VELLOSO, Mônica Pimenta; LINS, Vera. *O Moderno em Revista: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *O Carnaval das Letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio. Classes Médias Urbanas: Formação, Natureza, Intervenção na vida política. In: FAUSTO, Boris *et al.* *O Brasil Republicano, tomo III: sociedade e instituições (1889 – 1930)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. pp. 7-35.
- POPINIGIS, Fabiane. *Proletários de Casaca: trabalhadores do comércio carioca (1850-1911)*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.
- SANDRONI, Carlos. *Feitiço decente. Transformações do samba no Rio de Janeiro (1917-1933)*. Rio de Janeiro: Zahar/Ed. UFRJ, 2001.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.
- SOIHET, Rachel. *A Subversão pelo riso: estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- \_\_\_\_\_. *A Formação da Classe Operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987-1988. 3 vols.
- \_\_\_\_\_. *As Peculiaridades dos Ingleses e outros artigos*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.
- TINHORÃO, José Ramos. *A Imprensa Carnavalesca no Brasil: um panorama da linguagem cômica*. São Paulo: Editora Hedra, 2000.
- \_\_\_\_\_. *História Social da Música Popular Brasileira*. São Paulo: Editora 34, 1998.
- VELLOSO, Mônica Pimenta. O modernismo e a questão nacional. In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Jorge (orgs.). *O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 351-386.
- VIANA, Hermano. *O mistério do samba*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- VOVELLE, Michel. *Ideologias e Mentalidades*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.